





A Vida,  
a Morte e o  
*Amor*

*Antonio Martines Brentan*

São Sebastião Pontal - MG

Junho de 2020

Primeira edição | Junho de 2020

Copyright © 2020 *by*  
Antonio Martines Brentan

Dados para contato com o autor: Antonio Martines Brentan  
Av. São Sebastião, 564 - CEP 38292-000 - São Sebastião Pontal - MG

Copyright © [Todos os Direitos Reservados 2020] Essa obra possui Direitos Autorais reservados ao autor. É expressamente proibida toda e qualquer reprodução [cópia] republicação, transmissão, modificação, adaptação ou qualquer forma de utilização das imagens, textos, documentos, arquivos e fotos, no todo ou em parte, sem autorização prévia [por escrito] do autor ou toda e qualquer utilização considerada abusiva ou indevida deste material será penalizada e sofrerá as sanções previstas em Lei.

Diagramação, composição e capa: Marcos Ferreira

Imagem da capa e contracapa: Wilson Granella

Revisão gramatical: Mariza Ibraim Araújo

...

Impresso no Brasil

---

*Printed in Brazil*

A Vida,  
a Morte e o  
*Amor*

*Antonio Martines Brentan*

São Sebastião Pontal - MG

Junho de 2020

Dados de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Realizada pelo autor, São Sebastião Pontal - MG, Brasil)

Martines Brentan, Antonio (Escritor).

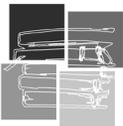
A vida, a morte e o amor -- Antonio Martines Brentan.

-- São Sebastião Pontal, MG : Edição própria,  
1ª ed. junho de 2020.

1. Vida 2. Biografia 3. Valores  
4. Experiência de Vida I. Brentan, Antonio  
Martines, 1956 II. Título.

Índices para catálogo sistemático:

1. Biografia : Experiência de Vida : Família



# Índice

Prefácio.....	11
Introdução .....	17

## Primeira Parte

A Quem Muito é Dado, Muito Será Cobrado.....	25
Conquista do Paraíso - I .....	42
Conquista do Paraíso - II .....	47
Conquista do Paraíso - III.....	51
Conheça a Ti Mesmo.....	56
Um Amigo de Verdade.....	61
Poeta Enrustido .....	71
Aprendiz de Don Juan .....	94
Uma História Real de Amor.....	103
Uma Noite de Festa .....	106
O Reencontro .....	112
Ressuscitando Uma História de Amor .....	125
Uma História de Amor Quase Perfeita .....	131
Nem Tudo São Flores.....	135
Aliada em Potencial.....	138
Amor Nascido no Grupo Escolar .....	140
Feliz Reencontro .....	143

Desabafo .....	147
Resposta à Primeira Carta.....	150
Xeque-Mate.....	153
A Força do Amor .....	157
Solução Preventiva.....	162
Desfecho Inesperado .....	164
A Última Palavra.....	167
Estratégia para Convencimento.....	173
Difícil Negociação .....	176
Nem Freud Explica .....	179
Conversa Civilizada.....	184
Contra os Fatos Não Há Argumentos .....	188
O Casamento .....	191
O Andarilho.....	193

## **Parte II - Histórias do Outro Mundo**

O Fenômeno da Morte .....	201
Na Erraticidade.....	206
Confidências de um Habitante do Umbral.....	211
Conversa com um Colega Solitário .....	223
Uma Descoberta Surpreendente.....	228
Socorro Providencial .....	236
Primeiras Impressões .....	241
Processo Seletivo .....	247
Reflexão.....	253
Um Novato Empreendedor .....	255
Primeira Tentativa.....	258

Tentativa Exitosa.....	262
O Peso da Cruz.....	267
A Via Sacra .....	273
O Calvário.....	275
O Novo Lar.....	278
Fim do Calvário.....	284

### **Parte III - Lições Para a Vida**

Os Três Amigos do Homem .....	289
A Consciência.....	291
A Fé e as Boas Ações.....	293
Verbos e Advérbios .....	294
Quem Fala o Que Quer, Ouve o Que Não Quer .....	296
O Crente e o Ateu.....	299
A Cruz Mais Leve .....	300
O Saber.....	301
O Homem Feliz.....	302
Queimar o Barco.....	304
O Livro de Deus.....	306
Ingratidão Filial .....	308
 Em anexo: Quadrado Tetrabólico de 1.600 casas .....	 313



# Prefácio

**A** NECESSIDADE NOS SUGERE aventurar por veredas esquecidas na noite dos tempos, onde certamente existem adormecidos, no íntimo de nossas recordações, acontecimentos ocorridos de que participamos, presenciamos ou deles tivemos conhecimento. Para que possamos revivê-los, faz-se necessário que os resgatemos dessas regiões onde ficaram depositados e acabaram por se fossilizar sobrepostos em camadas. Munidos apenas com o escalpelo do pensamento, iluminados pela luz do entendimento, auxiliados pela lupa da visão pretensiosa de dar a eles vida novamente, procuramos atribuir-lhes alguns componentes que justifiquem as razões que os fizeram acontecer, e os revivemos exatamente como sucederam.

Todo ser humano possui esses arquivos de reminiscências que imaginamos inesgotável. À medida que

chafurdamos nosso pensamento nessa jazida particular inerente a cada um, é possível reencontrá-los. Percebemos, assim, que a alquimia atuando no laboratório do tempo os transformou e possibilitou que adquirissem importância não percebida pela nossa visão que no passado era um tanto míope, mas agora, analisando sob a ótica da compreensão, percebemos quanto foram importantes. Isso nos faz entender que o mesmo espaço de tempo transcorrido nos proporcionou a capacidade de interpretar mais racionalmente tais acontecimentos.

Por tudo isso, concluímos a importância de aproveitar devidamente o tempo existencial, entendemos que o nosso burilar contínuo nos proporcionou registrar de forma indelével essas ocorrências, o hábito sistemático de instruir nos possibilitou compreender e entender melhor as coisas da vida. Às vezes passamos pela existência alheios ao potencial de que somos portadores, negligenciamos uma série de recursos que possuímos, valorizando apenas as coisas que agora consideramos efêmeras. Percebemos que a vida se torna monótona e desinteressante quando continuamos vendo tudo sempre da mesma maneira, mas quando nosso espírito descobre que todos esses acontecimentos que presenciamos ou participamos, mesmo aqueles insignificantes, nos possibilitaram adquirir conhecimento e agregar alguns valores, como também a capacidade de descobrir algumas verdades, então temos a dimensão do que éramos e do que somos agora. Somos exatamente o produto dessa transformação, temos convicção de que

o conhecimento que adquirimos nos convenceu da imprescindível necessidade de impetrarmos mudanças. Nosso progresso moral, intelectual e espiritual é o que realmente importa, as demais conquistas são passageiras, valores transitórios perecíveis que a traça e a ferrugem com certeza desfarão.

Nunca é tarde para reavaliarmos nossos conceitos. Hoje vejo a vida como um manancial perene de oportunidades capaz de nos transformar. Todo progresso é lento, é tarefa contínua de longo prazo, por isso as coisas se tornam mais fáceis quando entendemos que, apesar de sermos criaturas seculares, até mesmo milenares, estamos ainda na infância de nosso potencial de conhecimento. Entendo que o trabalho e o estudo são fatores muito importantes em nossa vida, não somente por assegurar os meios de nossa sobrevivência, mas principalmente como fornecedores de conhecimento e compreensão.

A Lei do Progresso sempre exigiu do homem a imprescindível necessidade de evolução. No princípio da civilização humana o progresso ocorria muito lentamente, mas com o advento de tantas descobertas, principalmente nos últimos tempos, quando nosso planeta experimenta momentos de transformação, muitas foram as conquistas em todos os sentidos das atividades do homem, dos recursos tecnológicos, na comunicação, na medicina e nos direitos humanos. Faz-se necessário que o homem hodierno realize internamente alterações, principalmente com referência a seus valores morais e

espirituais, que pressupõem conhecimento e mudanças de atitude. A dualidade *ser e ter* para nós representou por muito tempo fatores essenciais, agora não mais atende as nossas necessidades. É indispensável que também nos preocupemos com a aquisição dos atributos *saber e entender*.

Como já tivemos oportunidade de dizer, e ora ratificamos, “isso não significa que atingimos a condição de entendedores, mas sim que percebemos o quanto é possível e necessário compreender”. A Doutrina Espírita existe há quase dois séculos, e uma de suas principais orientações recomenda: “*Em primeiro lugar amai-vos, em segundo, instruí-vos*”.

Embora tenha tido a oportunidade de conhecê-la somente na segunda metade desta minha existência, considero que foi o período que nos proporcionou agregar mais valores ao espírito, valores que possibilitaram avaliar nossos velhos conceitos e convicções, fazendo-nos entender a ingente necessidade de modificar. Iniciamos um processo de mudanças em nosso modo de pensar e agir. Agora podemos afirmar com segurança que foi a conquista mais significativa que adquirimos e realizamos nessa breve existência. Como também já tivemos oportunidade de registrar: “Chegará o momento que todo indivíduo sentirá necessidade de aprofundar seus entendimentos em muitos aspectos da vida. Isso não significa adquirir a condição de entendedor, mas despertar para imprescindível necessidade de compreender”. E, quando esse momento chegar, entenderão

que as minhas palavras têm fundamento e refletem uma grande verdade, perceberão que esses valores têm importância. Conquistar a condição de ser alguém ou possuir alguma coisa material significou muito para o nosso ego em determinado momento, o que enganosamente nos fez pensar que isso tinha muita importância e nos tornava grandes e poderosos, mas perdeu todo o valor quando entendemos que são valores transitórios, incomparáveis aos valores proporcionados pela razão que nos permitem perceber que saber e compreender são valores imperecíveis, que nos permitem enxergar o quanto somos imperfeitos e pequenos, como também a dimensão do universo de nossas incompreensões. O entendimento racional das verdades nos acompanhará e nos orientará por onde formos.

Isso nos faz refletir na profundidade dos conselhos e ensinamentos contidos no Sermão da Montanha, proferido pelo maior mestre de todos os tempos, JESUS CRISTO, O Espírito mais evoluído que reencarnou neste planeta. Através de Suas Bem-Aventuranças, deixou explicitamente traçadas as características do protótipo do homem de bem, permitindo-nos avaliar o quanto necessitamos evoluir espiritualmente para nos aproximarmos desse homem idealizado por DEUS.

*Antonio Martinez Brentan*

São Sebastião do Pontal (MG), 25/10/2019.



# Introdução

**T**ALVEZ UMA DAS VERTENTES que mais me estimulam a escrever seja sobre histórias de amor, acredito ser por influência da infinidade de livros dessa categoria que tive oportunidade de ler durante toda a vida, principalmente depois que entrei para a Doutrina Espírita. Por ora, me aventurarei a discorrer resumidamente sobre alguns romances verídicos que ocorreram na época de minha infância, que ainda recordo, e outros fictícios, já ensaiando para quem sabe no futuro escrever uma longa história de amor, com todos os ingredientes inerentes a esse acontecimento que inevitavelmente está presente na vida da maioria das pessoas, que de certa forma deixou marcas profundas. O amor verdadeiro entre duas pessoas é algo que transcende o acaso, talvez esteja além até mesmo do livre-arbítrio. Fazemos nossas escolhas e

depositamos nossos melhores propósitos de êxito na relação, mas, quando não é para acontecer, forças incompreensíveis conspiram contra, e as coisas não acontecem. Quando existe o determinismo, não há distância, oposição e obstáculos, nem forças antagônicas que impedem sua consumação. O amor verdadeiro é um sentimento bilateral benevolente, que não exige muito esforço, é a atração de duas forças atuantes que se complementam, e conspiram a favor, tornando-as realidade.

Isso não significa que a relação será um mar de rosas. Segundo informações dos Espíritos, muitas vezes são compromissos bilaterais assumidos no plano espiritual, que têm a finalidade de equacionar pendências mútuas, que os espíritos conscientes aceitam de bom grado e comum acordo, por entenderem ser a forma mais eficiente de sanear-los, para prosseguirem suas marchas evolutivas, desvinculando-se de comprometimentos que de certa forma emperravam o êxito da trajetória. Segundo essas mesmas fontes, os relacionamentos conturbados podem se repetir várias vezes, até que todos os resquícios sejam eliminados, permitindo surgir às vezes um clima de entendimento tão satisfatório que os espíritos espontaneamente decidem continuar entre si as experiências conjugais, gerando assim relacionamentos de afinidades, que resultam em clima de felicidade que nenhuma outra experiência existencial possa proporcionar.

Este é um entendimento pessoal, adquirido através de leituras de depoimentos de espíritos que revelam particularidades da vida espiritual, corroborado com

o conhecimento que adquirimos através do estudo das obras básicas da doutrina. Em face dessas informações, não temos nenhuma dificuldade em assimilar esses conceitos, por neles não encontrarmos incompatibilidade. O fato é que essa consciência e esse entendimento só serão possíveis quando o espírito possuir a visão esclarecedora de que a vida não cessa com o advento da morte do corpo, mas será perfeitamente aceita e compreensível quando o espírito estiver sob a égide de um ambiente esterilizado das influências grosseiras inerentes ao espaço físico. O materialismo imediatista dificulta e descredencia o indivíduo a obter entendimentos nesse sentido, pois as pessoas não conseguem enxergar nada além de uma única e descompromissada existência, que tudo cessa e se rompe com a morte, encerrando todos os vínculos sentimentais e afetivos.

Já tive oportunidade de conversar com pessoas experientes, sinceras e verdadeiras, despidas de qualquer sentimento de hipocrisia, que confessaram o desejo de reencontrar seu cônjuge no plano espiritual, para continuarem juntos, desfrutando da mesma felicidade que compartilharam na vida corpórea. Poderia até citar nomes, mas isso não é relevante. Também tivemos conhecimento, através de uma comunicação mediúnica de uma pessoa muito próxima, de um casal que não permaneceu junto durante toda a vida física, mas conviveram por um longo período, e juntos geraram muitos filhos. Por motivos irrelevantes inerentes ao proceder do ser humano, preferiram terminar suas existências físicas

separados. Para surpresa dos filhos, através dessa comunicação, tiveram a informação de que estavam juntos no plano espiritual. O mais incrível foi que a iniciativa de revelar essa informação partiu da mãe comunicante, que quando em vida não admitia a possibilidade de reencontrar seu marido no plano espiritual. Não obstante fazer parte da comunicação uma série de detalhes inquestionáveis e irrefutáveis, em nenhum momento foi dito ao médium o nome do esposo/pai, e sua condição, se estava encarnado ou desencarnado. Mas é comum casais idosos revelarem que o que mais desejariam seria compartilhar entre si vida conjugal em uma futura reencarnação.

Por essas e outras concluímos que o amor conjugal é algo que transcende a racionalidade, é um sentimento ilógico, inquestionável, alguma coisa mística, que somente quem vivencia compreende. O amálgama que solidifica esse entendimento está personificado na figura dos filhos, um elo indestrutível que immortaliza o vínculo, atribuindo-lhe uma condição de eternidade, que ocorre em um momento específico de nossa existência, mas se perpetua indefinidamente. Há de se considerar que um compromisso assumido e cumprido parcialmente talvez não seja suficiente para resgatar todos os vínculos cármi- cos que a relação exigia.

A verdade é que uma grande parcela dos seres humanos tem dificuldade em internalizar alguns valores, banalizam vínculos afetivos, o descaso e a indiferença impossibilitam a compreensão. Talvez essa percepção só será assimilada quando as possibilidades forem im-

pedidas por acontecimentos irreversíveis, por exemplo, a ocorrência imprevisível e intempestiva da morte do corpo. O remorso será o aguilhão que cobrará as ações reparadoras, tornando tudo assim um círculo vicioso.

A reencarnação bem compreendida elucidada de forma racional uma série de acontecimentos, que para o vulgo são mistérios incompreensíveis, mas será bem aceita por esse mesmo espírito refratário quando estiver no plano espiritual, que sentirá necessidade de retornar, porque perceberá que somente aqui no plano físico poderá se despojar e ressarcir de uma série de equívocos que provocou ou deixou de realizar, que esses mesmos equívocos envolveram da mesma forma outros tantos espíritos, que ficaram entre si comprometidos e necessitam da mesma oportunidade. Não somente as relações conjugais carecem ser repetidas, mas relacionamentos entre pais e filhos, entre irmãos sanguíneos, entre semelhantes que se comprometeram mutuamente. Assim entenderão que os vínculos não se desfazem simplesmente com o advento da morte do corpo. Para o espírito, as afeições e os conflitos continuam, até que não haja mais pendências a reparar. Então, faz-se necessário que a vida continue indefinidamente, porque somos inegavelmente espíritos réprobos recalcitrantes. Não foi sem razão lógica que JESUS CRISTO recomendou: *“Reconcilia-te com teu irmão, enquanto ele estiver no caminho”*.

Teorias e suposições à parte, há de se considerar que a vida física é uma oportunidade valiosa para o es-

pírito começar a se inteirar de suas responsabilidades, impulsionar o desenvolvimento desse germe divino que DEUS colocou em todas as consciências, cabendo a cada um desenvolvê-lo. Protelar esse entendimento significa negligenciar uma alavanca que muito facilitaria o ritmo de nossa transformação para melhor.

O entendimento racional é a porta da compreensão. O julgamento sem conhecimento de causa é um posicionamento infundado e inconsistente, que mantém o indivíduo na esfera da dúvida permanente, então ele se estaciona e seu progresso em todos os sentidos é muito lento, os equívocos exigem reparação, tornando-se assim oportunidades mal aproveitadas, emperrando o progresso evolutivo dos seres e de nosso orbe, que necessitam de transformações evolutivas urgentes, para extirpar para sempre a condição de mundo de sofrimento.

Esse mundo de sofrimento a que me refiro é inconcebível depois de vinte séculos de Cristianismo, que traz em seu bojo um elenco de verdades inquestionáveis, que o homem terreno conhece, mas não se beneficia em plenitude por não acreditar e por considerar que é perfeitamente possível vivenciar todos aqueles conceitos, que com pouco esforço poderíamos transformar nossa vida e conseqüentemente nossa sociedade, e assim conquistar um ambiente de paz e fraternidade. Esse Cristianismo milenar, há quase dois séculos, foi corroborado pela interpretação da visão pretensiosa dos Espíritos, com a finalidade de realizar e acelerar a prática desse entendimento.

Por aqui ainda se pratica ostensivamente uma série de ações hediondas inconcebíveis, que já deveriam ter sido erradicadas há muito tempo do seio de nossa sociedade, como as guerras, o latrocínio, o aborto, a eutanásia, a corrupção, a poligamia, a exemplo de tantas outras práticas que foram inibidas e estão sendo aniquiladas gradativamente pelo poder da consciência e do comportamento coletivo, e ainda outras tantas que felizmente estão em fase de extinção ou desapareceram em definitivo. Agora podemos avaliar o atraso que essas práticas provocaram na evolução da consciência da raça humana. Para que isso aconteça é necessária a imprescindível transformação radical do homem terreno. E essa transformação pressupõe interpretar o Cristianismo de forma raciocinada, que forçosamente impulsionará o indivíduo a instruir-se em todos os sentidos – intelectual, moral e espiritualmente –, pois somente assim compreenderá a sua responsabilidade perante DEUS. O ritmo dessa transformação determinará o futuro da humanidade e conseqüentemente o destino de nosso planeta.

Segundo *O Livro dos Espíritos*, todos os mundos habitados passam necessariamente por fases evolutivas, que estão diretamente vinculadas ao nível evolutivo de seus habitantes. O planeta Terra tem realizado sua missão até o momento presente com os tropeços próprios inerentes ao ser humano, conquistou um estágio de desenvolvimento tecnológico e nível de consciência e compreensão razoável, não

obstante fazer parte de nosso passado uma série de acontecimentos que macularam a conduta do homem terreno com referência aos seus valores espirituais e fraternos, em detrimento de seu estágio moral, colocando em xeque nosso futuro.

*Antonio Martinez Brentan*

São Sebastião do Pontal (MG) 21/09/2019.

# A Quem Muito é Dado, Muito Será Cobrado

**A**NALISANDO A HISTÓRIA DA humanidade, observamos a enorme dificuldade que o ser humano sempre encontrou em se manter em conformidade com as Leis Divinas, em seguir uma trajetória retilínea sob ritmo constante na direção de um mundo melhor. De tropeços em tropeços a humanidade terrena foi agregando conhecimentos e valores, sem, no entanto, efetivar alterações profundas no seu modo de ser. Não obstante o progresso conquistado, o homem terreno conserva muitos dos seus comportamentos primitivos, se revela ainda um ser violento, embrutecido, possessivo, incrédulo e egoísta. Os tropeços mais relevantes ocorridos no decorrer da história da civilização terrena estão relacionados com a forma irresponsável com que sempre desconsideramos as recomendações das informações recebidas da esfera divina.

Segundo relata a Bíblia Sagrada de forma alegórica, os primeiros seres humanos personificados nas figuras de Adão e Eva, mesmo desfrutando as regalias de um paraíso, encontraram dificuldade em viver em conformidade com as instruções divinas. Fazendo uso do livre-arbítrio desobedeceram a Deus e, como punição, Deus suspendeu todos os privilégios e condenou-os e toda a sua descendência a ganhar o pão com o suor do rosto, conhecer a dor e o sofrimento e ter sua existência limitada por prazo incerto.

Como herança, a descendência de Adão e Eva continuou tropeçando deliberadamente e proliferando vertiginosamente, até o ponto em que se transformou em considerável população. Deus perscrutou o modo de vida daquele contingente terreno e percebeu que aquele universo de pessoas havia se corrompido em maldade e todo tipo de iniquidades, a ponto de Deus arrepende-se de sua criação (Gênesis,6.6). No entanto, entre aqueles viventes encontrou uma família que vivia em conformidade com seus princípios, então deliberou dar mais uma chance à humanidade. Decidiu sacrificar a todos os dissidentes através do dilúvio e recomeçar, fazendo emergir a descendência da família de Noé.

E o tempo continuou sua trajetória em direção ao porvir. A descendência de Noé, no princípio, falava a mesma língua e tinha a mesma maneira de falar. Como o número deles aumentava progressivamente, tinham necessidade de migrar de uma região para outra, encontraram uma enorme planície em terras de Sinear e

ali resolveram fabricar tijolos, edificar uma grande cidade, construir uma torre que tocasse o céu, a quem chamaram Babel, e ali se estabelecerem. Deus analisou aquele empreendimento e, sabedor das conseqüências, não aprovou, então fez surgir entre eles várias línguas de forma que ninguém entendia ninguém, provocando enorme confusão e conseqüentemente a paralisação do projeto e a dispersão em tribos que se entendiam. Essas tribos se espalharam sobre várias regiões da Terra, dando origem ao surgimento das diversas línguas.

Parte daquela população continuou sua trajetória de tropeços e se corrompeu novamente, e Deus fez chover enxofre e fogo sobre os ímpios, exterminando-os para que não corrompesse aqueles que perseveravam no bem. A raça humana continuou se multiplicando e ocupando as regiões mais promissoras, que ofereciam abundância de caça e outros alimentos. Passadas algumas gerações – e nessa época as pessoas viviam por longo tempo – Deus perscrutou aquele contingente de pessoas que começava a povoar a Terra. Encontrou justiça, fé e outras virtudes na pessoa de Abrão, que contava com quase cem anos de idade, casado com Sarai, que tinha noventa anos, e não tinham filhos, mas Deus prometeu-lhes um descendente que daria continuidade à sua linhagem. Orientou que reunisse seu povo e fosse para o sul, com o propósito de dar a eles um lugar próprio e exclusivo. E como havia prometido Deus, Sarai concebeu um filho de Abrão, a quem chamaram Isaque – *face oportuno esclarecer que o nome original do casal era*

*Abrão e Sarai, a partir de então, Deus, decidiu que seus novos nomes seriam Abraão e Sara (Gênesis 17:5 e 15).*

Aos quarenta anos Isaque se casou com Rebeca, mas somente vinte anos depois geraram filhos gêmeos, Esaú e Jacó, sendo Esaú o primeiro a nascer, considerado assim o primogênito.

A história de Esaú e Jacó é recheada de trapanças e tropeços, tendo Esaú a preferência do pai, por ser exímio caçador e muito hábil nos trabalhos do campo, enquanto a mãe tinha por preferência Jacó, por ser mais dócil e ajudá-la nos trabalhos da tenda. Estavam sempre em atrito em lados opostos, quando o jovem Esaú vendeu sob juramento o direito de primogenitura a Jacó. Sabia que esse título não lhe concederia nenhum benefício, pois o que contava mesmo era a preferência do pai. Como a mãe Rebeca era muito ardilosa, imaginava que Isaque não reconheceria a primogenitura adquirida por Jacó e não lhe daria sua bênção, então se aproveitou do momento em que Isaque se encontrava moribundo no leito de morte, instruiu Jacó para se apresentar ao pai como Esaú e obter dele a bênção paterna. Isaque abençoou Jacó pensando que se tratava de Esaú. Quando Esaú retornou do campo e soube que seu pai estava quase morto, apresentou-se a ele para obter a bênção, então ficou sabendo pelo pai que já o havia abençoado. Descobriu-se dessa forma que Jacó lhe havia surrupiado a bênção paterna que lhe assegurava por direito a condição de primogênito. Esaú, revoltado, queria matar o irmão. A mãe, temendo pelo que poderia acontecer,

aconselhou Jacó a fugir. Isaque não morreria nesse episódio, viveria até os cento e oitenta anos.

Jacó fugiu para não morrer, conheceu Raquel e se apaixonou. O pai de Raquel, por nome Labão, que era irmão de sua mãe Rebeca, portanto, tio, concordou com o casamento sob a condição de que ele lhe servisse de graça por sete anos. Como Jacó amava Raquel, que era muito bonita, aceitou a condição. Cumprido o prazo, casou-se Jacó. Quando amanheceu o dia, percebeu ele que havia desposado a prima Lia, irmã mais velha de Raquel, que não era assim tão bonita. Foi um golpe arquitetado pelo sogro, que se justificou alegando que naquela terra era proibido casar a filha mais nova antes da mais velha, mas poderia se casar com Raquel se continuasse servindo-o de graça por mais sete anos. Como Jacó queria Raquel, aceitou a condição. Passados os sete anos, casou-se Jacó com a prima cunhada. Por longo tempo Jacó serviu ao sogro de graça e multiplicou seus bens significativamente. Quando partiu levou as esposas, os filhos e grande parte de seus bens.

Mais tarde Jacó e Esaú se reencontraram e se reconciliaram. Ambos tiveram muitas esposas, constituindo cada um deles uma enorme descendência – a poligamia era um costume natural do povo na época. Mais tarde os irmãos se separaram, tomando rumos diferentes e no futuro suas descendências formaram duas grandes nações, que também não se entenderam.

Jacó teve doze filhos, com quatro mulheres, duas esposas, Lia e Raquel, que eram irmãs, e com as servas

das esposas, Zilpa e Bila. A caminho da terra prometida, quando passavam por terras do Egito, devido a uma seca generalizada, que havia causado escassez de alimentos, foram obrigados a recorrer aos estoques de trigo do governo do Egito para poder sobreviver e acabaram por necessidade se submetendo aos domínios do Faraó.

Dessa forma se dá uma outra linda e trágica história, a história do filho caçula de Jacó, chamado José, que ficou conhecido como José do Egito. Esse segmento da descendência de Abraão ficaria sob o jugo do faraó do Egito por quatrocentos e trinta anos. Faz-se oportuno mencionar que o povo hebreu, mesmo sob o domínio do faraó, manteve-se fiel ao monoteísmo, acreditava no Deus único, que havia prometido uma pátria para a descendência de Pai Abraão.

Dando prosseguimento à história do povo hebreu surgiu a figura emblemática de Moisés, um Espírito de Escol, que também se engajou em uma linda trajetória de vida. Foi enviado por Deus com o propósito de libertar o povo hebreu do cativeiro e consumir sua promessa, que no passado havia feito ao patriarca Abraão. Moisés, com a ajuda de poderes divinos, realizou a maior das odisseias da história da humanidade, o êxodo, retirando com êxito o povo hebreu da escravidão no Egito e conduzindo seu povo à terra prometida. A descendência de Abraão que deixava o cativeiro era significativa, cerca de seiscentos mil homens, sem contar as mulheres e as crianças (Êxodo,12,37). Junto com eles levavam carroças abarrotadas de pertences e um sem-número de

viveres para iniciarem uma nova vida em terras de Israel. O povo hebreu, liderado por Moisés e guiado por Deus, atravessou os caminhos do deserto em território do Egito até as margens do Mar Vermelho.

O poder de Deus, através de Moisés, fez abrir as águas do mar. A caravana de retirantes, pisando a terra do fundo do mar, efetuou a longa travessia para fora dos domínios do Egito e, quando todos já haviam atravessado, Deus, da mesma forma, fez fechar as águas novamente. Do outro lado encontraram a aridez e as asperezas do deserto de Sur. Depois de caminharem por três dias acabaram os estoques de água e alimentos, e o povo, incrédulo, com sede e fome, começou a murmurar contra Deus e Moisés, dizendo que não deviam ter deixado a servidão no Egito para vir morrer de fome e sede no deserto. Deus, então, fez jorrar água e chover pão, a que chamaram maná. No livro dos Números, no capítulo 33, consta detalhadamente todo o itinerário percorrido pelos hebreus até chegarem às terras de Israel. Essa peregrinação teve a duração de quarenta anos. Vagaram lentamente, parando de tempos em tempos devido às dificuldades e à complexidade da locomoção, até chegarem à região designada por Deus, Israel. Antes receberam no monte Sinai a tábua sagrada contendo os Dez Mandamentos da Lei de Deus, um guia seguro para orientar seu povo e toda a humanidade viver em conformidade com seus desígnios.

Por acréscimo de bondade, Moisés apresentou uma legislação com leis civis que permitiria ao povo hebreu

viver pacificamente em sociedade, todos sob o jugo dos mesmos direitos e obrigações, de acordo com a realidade daquela época, que basicamente era pautada em leis duras, que puniam o transgressor com pena equivalente ao delito impetrado, conhecida como Lei de Talião: olho por olho, dente por dente. Não obstante essa legislação ser da autoria de Moisés, foi orientado por instrutores espirituais, pois Moisés era um médium de extraordinária grandeza e ilibada idoneidade moral, legislou em nome de Deus e fazia crer que todas aquelas orientações procediam Dele. Somente assim o povo acreditaria, respeitaria e temeria. Moisés conhecia como ninguém a índole de seu povo, que ao longo do tempo foi forjada sob o látigo do chicote dos feitores do faraó, adquirindo naturalmente uma ferocidade instintiva que, aliada à ignorância, fazia com que se desentendessem e se agredissem com facilidade, e nem a Moisés respeitavam.

Os Dez Mandamentos, que são Leis Divinas, Perfeitas, Imperecíveis, Imutáveis e Eternas, inegavelmente procederam de Deus, e a revelação da Legislação Moisaica, que são Leis Civis Temporais Basilares, foram feitas para disciplinar uma população rude, agressiva e temperamental, em cujo teor havia uma infinidade de incoerências, arbitrariedades e imperfeições, próprias das leis dos homens, mas necessárias para conter ou flexionar o ímpeto comportamental de uma população imprevisível e inconsequente.

O povo hebreu ocupou o território de Israel, dividindo-se em doze tribos, sendo cada uma dessas tribos

descendentes de um filho de Jacó, que descendia de Isaque, e este do patriarca Abraão. Segundo a promessa, era um lugar promissor que manava leite e mel, principalmente liberdade e paz. O que foi confirmado pelos hebreus, assim que pisaram o chão do lugar, que mais tarde seria conhecida como Terra Santa.

De tempos em tempos encarnavam nesta região Espíritos missionários, enviados por Deus, preparando-os para que recebessem no futuro o Salvador da humanidade. Esses Espíritos, conhecidos como profetas, em suas profecias ratificavam a informação de que o povo hebreu era o povo escolhido por Deus para consumir seus propósitos. Esses profetas diziam em uníssono, cada um em sua época, um após o outro, que, em momento oportuno e devido, ali nasceria o Salvador de toda a humanidade.

Na época em que o Império Romano tinha domínio pleno de enorme parte do mundo civilizado – conquistado e dominado sob a égide da força de seu poderio militar, obrigava seus conquistados a recolherem, através de tributos ao governo de Roma, parcela significativa de seus ganhos, gerando um clima de descontentamento no povo judeu – nascia em Belém, na Palestina, Jesus Cristo, o preposto anunciado ostensivamente pelos profetas, que seria o Salvador de toda a humanidade. Sua mensagem instruiria a maneira correta como o homem deveria proceder para conquistar sua felicidade terrena e, por conseguinte, o reino dos céus.

Penso que, na concepção do povo judeu, a missão do Salvador seria completamente diferente, esperavam

uma espécie de herói reacionário que defendesse os interesses do povo judeu, fazendo uso até mesmo da força, se necessário, em detrimento das outras nações, porque infelizmente esse foi o modo operante que a humanidade sempre utilizou para solucionar problemas. Não aceitavam a condição de subserviência a que estavam subjugados pelo Império Romano, afinal aquele era o povo eleito por Deus, que o havia tirado da servidão do Egito e o levado para um paraíso. Como o Salvador nasceria no seio de seu povo, entendiam que era justo eles subjugarem, e não serem eles os subjugados.

Não faziam ideia os hebreus de que a humanidade que Jesus viria orientar não se restringia ao povo de Israel. Para Deus não há distinção entre os povos, desejava que todos indistintamente seguissem seus preceitos. A missão de Jesus consistia em ensinar a humanidade a se relacionar de forma mais civilizada, um mundo onde não houvesse nem senhores nem escravos, um mundo de fraternidade onde é perfeitamente possível as pessoas viverem pacificamente, usando outras maneiras para resolver seus conflitos, sem o uso da força e da violência.

O nascimento de Jesus Cristo, de certa forma, transcorreria de forma sigilosa e velada. Devido à presença dos três Reis Magos, acabou chegando ao conhecimento do Rei Herodes, o que obrigou José e Maria, seus pais, a se esconderem em anonimato por oito anos, como medida preventiva, até a morte de Herodes, que não omitia a intenção de eliminá-lo, por entender que poderia representar perigo para o Império Romano no futuro.

A família humilde de Jesus retorna com Ele do exílio, onde permaneceu praticamente incógnito entre os judeus, na região da Galileia, num povoado conhecido como Nazaré, até os trinta anos de idade, auxiliando seu pai, José, no ofício de carpinteiro. Aos trinta anos, arregimenta um grupo de doze discípulos da localidade e inicia sua missão como pregador. Na verdade, sua mensagem não oferecia nenhuma oposição ao poder político de Roma, na época. Respondia àqueles que lhe cobravam posição que desse a César o que era de César, e a Deus o que era de Deus. Que perdoasse aos inimigos, não sete vezes, mais setenta vezes sete vezes. Que oferecesse a face direita, quando esbofeteado na esquerda. Que amasse ao próximo, como amava a si mesmo. Que não julgasse, para não ser julgado. E um corolário de mensagens e ensinamentos que de certa forma contrariava os princípios orgulhosos dos judeus da época e rompia literalmente com os rigores da legislação mosaica. Principalmente com a prepotência dos religiosos, dos poderosos, dos que se consideravam sábios, porque eram eles que se diziam conhecedores e intérpretes da Lei judaica e a executavam sob rigor.

Jesus foi um homem do povo, pobre, simples e humilde. Um homem admirável, manso e pacífico, que transbordava todas as virtudes. O Espírito mais evoluído que nasceu nesse planeta, enviado em um momento crítico em que a humanidade necessitava mudar o rumo de sua trajetória. Sua mensagem projetava um mundo sem violência, onde todas as pessoas se entendessem

naturalmente. Entendia que a ambição e a prepotência dos poderosos eram os motivadores dos infortúnios da humanidade, imaginava um mundo de fraternidade, em que o forte levantava o fraco, o rico ajudava o pobre, um mundo de paz e igualdade que Deus queria para seus filhos. E pregava de maneira tão convincente como nunca haviam visto antes. Sua mensagem era mansa e pacífica, colocava todos os homens no mesmo patamar de valores, direitos e obrigações. Para que todos acreditassem Nele, realizava fenômenos a mancheias, acalmava a tempestade e o mar, multiplicava os pães e peixes, curava, fazia enxergar, andar, ouvir, ressuscitava os mortos, expulsava espíritos perturbadores, tudo em nome de Deus. O povo O admirava, O amava e O seguia. E sua palavra tinha propriedade – honesta, realista e verdadeira.

Em três anos de pregação e exemplificação do que pregava, conquistou uma legião de seguidores. Seus ensinamentos se espalhavam à medida do possível, suas ideias e pensamentos encontravam resistência numa minoria de poderosos, por censurar seus procedimentos, provocando desconforto nessas classes dominantes. Seus desafetos se sentiram prejudicados e decepcionados com os fundamentos das declarações que revelava, principalmente os sacerdotes, os escribas e o fanatismo dos fariseus orgulhosos. Apesar de Ele combater com propriedade as injustiças das Leis Mosaicas, não as transgredia devido à lisura de seus atos e procedimentos.

Seus opositores conheciam a fragilidade da eficácia da justiça da época. Sabiam que os prepostos do gover-

no de Roma não costumavam se envolver nos assuntos domésticos dos judeus e deixavam que eles mesmos resolvessem suas questões. Denunciado por razões infundadas e irrelevantes, Pôncios Pilatos, representante romano na época, em Jerusalém, indiferente, permitiu um julgamento parcial, orquestrado por um tribunal tendencioso, e, por essas pessoas, foi condenado a morrer crucificado na cruz.

No entanto, o fundamento e a veracidade de seus ensinamentos e exemplos eram tão consistentes, contundentes e irrefutáveis que gradativamente foi transformando a consciência das pessoas sensíveis, fazendo surgir o Cristianismo, com força e poder de iniciar uma nova fase para a humanidade. E o mundo nunca mais seria o mesmo.

Em seu corolário de informações, deixou explícito que não poderia revelar tudo, porque o homem da época não compreenderia, devido à falta de conhecimentos e despreparo espiritual, mas, quando a humanidade estivesse pronta, pediria a Deus, e Ele nos mandaria o Consolador, o Espírito de Verdade, que nos revelaria tudo que necessitávamos saber. E à medida que o ser humano fosse se tornando digno em entendimento, moral e justiça, outras revelações nos seriam concedidas (João, 14.15.17 e 26). Esse Consolador personificado na Doutrina dos Espíritos se encontra à disposição da humanidade há quase dois séculos, e grande parcela da população do mundo civilizado demonstra a mesma resistência dos antigos fariseus, principalmente dos sa-

cerdotes hodiernos, que acreditam ser os doutores da Lei e procedem como detentores das verdades absolutas, e não se permitem nem têm a humildade de conhecer os fundamentos da Doutrina Espírita.

Faz-se oportuno alertar que são chegados os tempos de agirmos preventivamente com inteligência e responsabilidade. Independente da religião que professamos, pois ela em si é um instrumento criado pelo homem para atender interesses próprios, haja vista a quantidade delas, a intensidade como se proliferam, a forma como se enriquecem. A maioria delas não reflete os ensinamentos nem os exemplos de JESUS CRISTO, que abominava explicitamente os vendilhões dos templos e qualquer tipo de comércio com as coisas sagradas.

Ou nos enquadramos radicalmente às Leis Divinas, ou sofreremos as conseqüências de nossos tropeços e atos de desobediência comportamental e espiritual. Principalmente com referência à preservação dos recursos naturais do planeta, com as condições humanitárias dos direitos e do respeito a todos os seres de nosso mundo, com o perigo que representa o poder de destruição em massa das armas nucleares, com a indiferença das informações que nos são reveladas de Esferas Superiores, através de mensageiros espirituais. É sabido que já atingimos a maturidade cronológica, pois Deus, há muito tempo, delegou-nos o comando do destino de nosso planeta Terra, colocando em nossas mãos e em nossa inteligência todos os meios e as condições para seguirmos nossa trajetória de evolução espiritual e moral, como

também os meios de provocarmos a autodestruição. Sabe-se que forças espirituais atuam incansavelmente para que isso nunca aconteça, para isso nos cobram prudência, obediência e responsabilidade.

São chegados os tempos das ações proativas, para se evitar qualquer tipo de colapso dos valores sociais instituídos. Um conflito generalizado no atual estágio de desenvolvimento de nossa civilização poria por terra tudo que foi conquistado por milhares de gerações e frustraria todas as possibilidades de êxito na elevação da categoria de nosso estágio evolutivo, pois estamos na iminência de cumprir uma fase determinante, que nos acena com a possibilidade de dias melhores. Regeneremos ou faliremos e nos condenaremos à autoextinção, com agravantes espirituais que nem fazemos ideia, porque ao longo de nossa trajetória evolutiva temos sido exaustivamente alertados, mas nosso orgulho e egoísmo exacerbados fomentam nosso descaso e nossa indiferença. Faz-se necessário que nos inteiremos do momento delicado que vivenciamos. JESUS CRISTO é nosso guia e modelo, e o Evangelho nosso manual de instruções.

DEUS ama seus filhos, somos sua imagem e semelhança, conhece como ninguém o que somos capazes de realizar e colocou em nossas mãos tudo que necessitamos. Deu-nos um planeta que contém tudo que precisamos para viver dignamente. JESUS CRISTO disse tudo que precisávamos saber, e os Espíritos dos homens de bem que viveram neste mundo agora estão no plano espiritual, a serviço de Deus, nos orientando. Ninguém morre

neste mundo. Jesus Cristo não morreu, seu excelso Espírito está atuando no mundo espiritual, comandando um exército de espíritos colaboradores que estão trabalhando incessantemente para que seus irmãos, que continuam pelejando aqui na Terra, compreendam a mensagem de Jesus Cristo e do Consolador Prometido, e cessem de tropeçar. Esse nosso mundo precisa continuar existindo, necessita continuar melhorando indefinidamente, e nosso espírito precisa continuar retornando para continuar evoluindo da mesma forma.

A nossa vida teve início no princípio da humanidade, por centenas ou milhares de vezes nosso espírito vestiu a indumentária carnal, e esse mesmo número de vezes retornamos para o mundo Espiritual. Muitos aproveitaram as oportunidades e evoluíram, despojaram-se de suas imperfeições e agora habitam mundos mais felizes, outros tantos da mesma forma progrediram e não necessitam aqui retornar, possibilitando que outros viessem aqui progredir. Até quando seremos réprobos? Até quando emperraremos a marcha evolutiva de nosso planeta? Até quando correremos o risco de nos autodestruirmos?

Penso se Jesus Cristo, caso tivesse encontrado ambiente receptivo favorável quando esteve entre os homens, teria revelado muito mais, Teria esclarecido uma infinidade de questões que colocaria a humanidade milênios à frente e certamente o mundo estaria em um estágio muito mais feliz. O orgulho e a prepotência do ser humano desperdiçaram a maior oportunidade

de esclarecimentos morais e espirituais que Deus nos disponibilizou, talvez tudo isso seria necessário. O ser humano, ao longo da história da civilização terrena, cometeu todos os erros e equívocos possíveis que tinha direito. São chegados os tempos de caminharmos intrepidamente em direção da luz.

*(Esse assunto para o espírita e para qualquer pessoa estudiosa não é nenhuma novidade. Caso queiram se inteirar sobre uma infinidade de verdades, recomendamos lerem o livro “A caminho da luz”, psicografado por Francisco Cândido Xavier, pelo Espírito Emmanuel, editado pela Federação Espírita Brasileira, em 1938.)*

30/01/2020

# Conquista do Paraíso - I

*Texto inspirado na música “Conquista do Paraíso”,  
para minha esposa e companheira, Zara Lúcia.*

QUANDO OUÇO ESTA MÚSICA, sinto que ela me transporta para uma região onde tudo é abstrato, uma espécie de paraíso fictício, que se encontra perdido nos escaninhos de minha imaginação. A princípio me sinto flutuando sobre as águas de um oceano em calmaria, como um saveiro à vela navegando à deriva, bailando impulsionado pelo vento e o movimento contínuo das ondas, seguindo no mesmo ritmo da música embriagante que, apesar de terrena, possui algo de celestial e divino. Por um momento sou invadido pelo desejo de não mais retornar, sensação peculiar em situações quando sinto o espírito divagar por regiões transcen-

dentais, penso que a música está me levando para esse paraíso imaginário, que sempre tive o desejo de encontrá-lo conscientemente. Penso que ele se localiza em algum lugar, na linha do horizonte distante, quanto mais avançamos em sua direção, mais paz sentimos, e a música vai cadenciando, o som envolvente vai impregnando como amálgama em minha alma, uma espécie de felicidade vai nos envolvendo. De repente deixo de flutuar como o barco e começo a levitar sobre as águas, percebo que posso locomover-me em todos os sentidos, a ausência de gravidade permite penetrar através da atmosfera lentamente. Embalados pelo mesmo ritmo somos sustentados por uma força desconhecida, em breve momento percebemos que estamos viajando pelo espaço, de repente começa a escurecer e sinto que estamos sendo envolvidos pela noite, fazendo surgir no firmamento miríades de estrelas cintilantes, estamos nos dirigindo na direção desse céu globalizado, pulverizado de luzes estelares por todos os lados.

A velocidade em que viajamos é surpreendente, nos dá a impressão de que todas as coisas estão se movendo, provocando riscos luminosos que vão ficando para trás, indicando que estamos avançando através do espaço sideral. Todas as coisas que deixamos para trás parecem não significar mais nada – nos serviram e delas usufruímos, mas agora somos centelhas viajando na velocidade da luz, acompanhados pela cadência da música hipnotizante. Percebemos que o Cosmo é algo imensurável, muito maior que nossa imaginação possa conceber, a

Terra aparentemente não existe mais, transformou-se em um fragmento imperceptível na imensidão do espaço vazio, não é mais possível percebê-la. Impossível imaginar que naquele ponto minúsculo insignificante vivem bilhões de seres semelhantes a nós, envolvidos em miríades de projetos e problemas. Começamos a recordar coisas que nos aconteceram no decorrer dessa existência, já não nos reconhecemos, agora somos apenas o pensamento em essência liberto de preocupações, percorrendo o infinito, tudo é novo e diferente, sentimo-nos poderosos por ver no limite de nossa capacidade o mundo polvilhado de luzes em sua totalidade.

Não nos sentimos mais simples seres humanos, somente agora compreendemos que nos transformamos em deuses, igualmente poderosos e imortais, e o universo está aos nossos pés. Podemos viajar na velocidade da luz para onde desejarmos, por um momento nos imaginamos senhores do mundo, o universo é todo nosso, agora temos a dimensão de como é tão grande. À medida que avançamos tudo vai se dilatando e não chegamos a lugar algum, as estrelas se afastam na proporção que delas nos aproximamos, apenas o vazio da imensidão sem fim. Então concluímos que não existem horizontes, perdemos referência da direção do paraíso que imaginávamos existir. Esse pensamento provoca uma sensação de medo e solidão, inexplicavelmente vai nos envolvendo, sentimos desejo e necessidade de retornar. Com o poder do pensamento interrompemos nossa trajetória, fazemos meia-volta e iniciamos nosso cami-

nho de volta. Tudo agora é incerto e temerário, por um momento nos sentimos desorientados, ao nosso redor somente o vazio silencioso e desolação, mas em algum lugar desse universo infinito existe um minúsculo lugar que é todo nosso. Então descobrimos que somos ainda ínfimos seres humanos, frágeis e dependentes. Que necessitamos do afago e do carinho que encontramos em nosso lar e precisamos reencontrá-lo urgentemente, percebemos que somos portadores de muitas incertezas. Por onde passamos não deixamos rastros, ficou uma espécie de fragrância e um leve fragmento sonoro da música reconfortante. Orientados por essas pegadas abstratas sentimos que estamos retornando, na mesma velocidade, em sentido oposto. Depois de um longo período, vemos surgir a Terra, a princípio um pequeno globo azulado, mas à medida que nos aproximamos ela vai se agigantando, iluminada pela luz estonteante do Sol, ao longe vemos a imensidão do mar e a magnitude da terra ondulada coberta por um verde musgo. De repente a superfície nos parece familiar, começamos a identificar detalhes conhecidos, à medida que nos aproximamos reconhecemos nossa casinha humilde envolta por árvores frondosas, muitas plantas e flores, ao fundo o lago prateado dormitando preguiçoso. Sabemos que lá se encontra e nos espera quem muito amamos, somente agora compreendemos que a música tem o poder de nos levar até o infinito e nos trazer de volta para o único paraíso que conhecemos, aquele que construímos e conquistamos. E a música chega ao seu final. Então

percebemos que retornamos de uma espécie de sonho transcendental, excursionando pelo interior de nosso inconsciente. Mas sabemos que poderemos ouvi-la quantas vezes quisermos e realizarmos outras tantas viagens imaginárias, mas sempre retornando para o paraíso que é todo nosso, nosso humilde lar.

11/11/2019

# Conquista do Paraíso - II

*Texto inspirado na música “Conquista do Paraíso”,  
para meus filhos: Maurício, Clarissa e Fernando.*

**O**UVINDO a música “Conquista do Paraíso”, que tem o poder de nos proporcionar viagens imaginárias através de nosso inconsciente, sob sua cadência celestial, retrocedi-me para acontecimentos ocorridos em épocas que considero especiais no percurso desta minha existência. A princípio, veio-me a recordação de quando adquirimos uma casinha modesta sobre um morro, lá em Barra do Garças, no Mato Grosso. Imaginávamos transformá-la em paraíso, um paraíso para nós é algo muito singelo, algumas paredes protegidas por um telhado, lá dentro alguns móveis da mesma forma simples, no quarto um guarda-roupa e uma cama de casal, na cozinha uma mesa

com cadeiras, um fogão a gás e um armário azul, na sala uma estante apinhada de livros e um sofá macio. Isso era tudo o que considerávamos nosso paraíso. Não necessitávamos de mais nada, apenas encontrar a felicidade e convidá-la a entrar, para que se acomodasse em um lugarzinho especial confortável, ficasse morando conosco indefinidamente e nunca mais nos abandonasse.

A partir de então, iniciou-se incessante procura pela felicidade, por alguns momentos sentíamos sua presença e tudo era só felicidade, aproveitávamos esses instantes intensamente, mas por um descuido de nossa parte ela encontrava a porta entreaberta e muito arredia se ausentava de nós. Debalde a procurávamos pelo interior da minúscula casa, debaixo da cama ou atrás da porta e não a encontrávamos, e nossa alegria declinava sem sua imprescindível presença. Não era possível viver sem sua companhia, tínhamos que convencê-la a ficar conosco para sempre. Para trazê-la de volta abríamos as portas e as janelas, plantávamos flores no jardim, colocávamos músicas românticas para harmonizar o ambiente, evitávamos conflitos e desentendimentos, todas as noites fazíamos nossas orações e pedíamos que retornasse. Inesperadamente ela reaparecia, mesmo sabendo que sua presença era provisória. Nesses instantes tudo era alegria. Implorávamos para que não fosse mais embora, mas certamente ela tinha outros compromissos e logo nos abandonava.

Numa dessas suas visitas repentinas rogamos para que não nos deixasse, como vida sugeriu-nos que encomendássemos um bebê, talvez fosse o meio de tê-la para

sempre ao nosso lado. Ávidos para tê-la conosco, acatamos sua sugestão e o tempo passou célere. Transcorrido o espaço de tempo necessário, chegava naquele modesto lar uma criança maravilhosa, a quem chamamos Maurício. A partir daquele acontecimento não demos mais pela sua ausência, deliberadamente a felicidade passou a morar com a gente. Agora estávamos felizes, mas a felicidade é algo tão maravilhoso que desejamos ter sempre em maior quantidade. Foi assim que passado pouco mais de um ano fiquei sabendo que outro bebê estava a caminho para aumentar nossa felicidade. O tempo transcorreu da mesma forma célere e naquele mesmo modesto lar chegava outra criança maravilhosa, a quem chamamos Clarissa. A partir desse segundo acontecimento percebemos que nossa felicidade se multiplicou, poderíamos dizer que éramos muito felizes.

Precisávamos de uma casa maior para abrigar tanta felicidade, mudamos para a cidade de Jales-SP, onde compramos uma casa espaçosa, da mesma forma singela. Em pouco tempo, sem que esperássemos, chegava uma terceira criança, da mesma forma maravilhosa, a quem chamamos Fernando. Agora nossa felicidade estava completa, não poderíamos desejar mais nada, seria muito egoísmo querer tanta felicidade. E o tempo implacável da mesma forma transcorria célere e assistíamos embevecidos o sol iluminando a correria das crianças, em tantas manhãs de nossas vidas, e nem percebíamos que elas cresciam, tornaram-se adolescentes e continuaram nos proporcionando mais felicidade. Habitamos outras

tantas casas singelas em outras tantas cidades, os adolescentes tornaram-se jovens, depois adultos, se formaram e casaram, e hoje também são pais, e como pais até o momento nos conceberam três netas, também maravilhosas – Alícia, Luna e Lívia. Apesar de não residirem próximos a nós, permitem que a felicidade continue morando conosco e nos confortando indefinidamente.

É comum ouvir dizer que a felicidade não existe, ou se existe não pertence a este mundo, é um ensinamento bíblico que devemos respeitar, mas também temos o direito de discordar, principalmente quando temos a sensibilidade de reconhecer que o espírito humano passa necessariamente por fases evolutivas. Um dia tivemos concepção distorcida do que significava felicidade, agora entendemos que a encontramos quando conseguimos realizar nossas verdadeiras conquistas. Na verdade, são conquistas relativamente singelas, acessíveis a quase todas as pessoas, imperecíveis e definitivas, que nos permitem conviver com a felicidade e fazer deste mundo uma espécie de paraíso provisório. Porque felizmente, em todos os mundos, tudo é relativo e transitório. De uma coisa temos certeza, Deus é eternamente bom e justo, e Suas Leis, sábias, eternas e perfeitas. Faz-se necessário que as conheçamos e as compreendamos.

25/11/2019

# Conquista do Paraíso - III

*Texto inspirado na música “Conquista do Paraíso”, para meu espírito necessitado de luz.*

**É** COMUM EU PERDER O SONO À noite, às vezes ligo a televisão para assistir a alguma coisa até o sono retornar. Aproveitando o silêncio desta madrugada, resolvi ouvir a música “Conquista do Paraíso” e fazer uma viagem transcendental para o interior de minhas muitas incompreensões, e pouco tenho de me orgulhar do que encontrei. Comecei refletindo que estou nesse plano existencial há mais de seis décadas e não tenho a menor ideia de quanto tempo ainda me resta. Penso que tive um passado recheado de acontecimentos – o homem reflete o resultado dessas experiências perpetradas –, que fizeram com que estivesse sempre em contínuo processo de transformação. Isso me fez entender que essa é uma das principais razões de nossa existência. Em certos momentos me sinto frágil e incapaz, noutros penso que sou forte com capacidade de realizar coisas importantes.

Tenho refletido e não consigo compreender o que determina o tempo de duração da vida de uma pessoa neste plano existencial. Na segunda metade desta minha existência comecei a ter sérios problemas de saúde, às vezes fico pensando que poderia ter partido há pelo menos três décadas. Inexplicavelmente, com a graça de DEUS, fui superando cada um deles, a partir de então compreendi que era necessário aqui continuar, porque tinha de conhecer e refletir sobre alguns aspectos da vida e também da morte. Quanto mais reflito, mais aumenta o leque de minhas interrogações. Sinto que para continuar por aqui, indefinidamente, necessito urgentemente fazer algo que justifique o mérito de ter recebido esta moratória.

Essa revelação de certa forma me preocupa, necessito fazer alguma coisa verdadeiramente útil, tenho me ocupado em fazer pequenas coisas a meu favor, coisas que só dependem de meu esforço e competem a mim realizar. Somente eu posso iluminar-me e desvencilhar-me de toda a escuridão que ainda me envolve. Mesmo sabendo que por onde for continuarei sendo o que sou e encontrarei trevas, tenho consciência da necessidade de estar sempre à procura de luz. Somente a luz do conhecimento ilumina os espíritos, sinto que necessito dessa iluminação.

Descobri que essas situações de quase morte contribuíram em muito para despertar a consciência da possibilidade de que a qualquer momento podemos partir. Entendo que a vida se assemelha a uma chama que se alimenta de um combustível volátil e pode se expirar a qualquer momento. Mas esse acontecimento independe

de nossa vontade, existe um poder maior que comanda essa decisão, então devemos nos colocar à disposição de seus desígnios, e seja feita a sua vontade. Tudo isso reflete de certa forma o medo da morte, inerente a todas pessoas que raciocinam e amam a vida.

Entendo que as trevas impedem a compreensão. Se tivesse partido naqueles momentos obscuros de minha trajetória, não teria o entendimento que tenho hoje. Então concluo que o mundo físico é uma escola de luz, compete a cada um de nós procurar pela autoiluminação, devemos aproveitar todos os acontecimentos para nos fortalecer espiritualmente, ter a preocupação de sempre instruir-nos e iluminar-nos o máximo possível. Intimamente sinto que não estou preparado para partir, devo aproveitar o tempo que me resta não somente para continuar me esclarecendo, mas também para fazer alguma coisa de útil.

Isso não é uma posição pretensiosa, é o entendimento de um espírito necessitado, que descobriu que o mundo físico é o lugar mais apropriado para elevar nossa condição espiritual, pois daqui partiremos e levaremos somente o que aprendemos. Quanto mais compreendermos e realizarmos, mais estaremos preparados para partir.

Para muitos a morte é um algoz implacável que tem o poder de desfazer tudo que construímos e o que somos, mas esse entendimento se modifica quando vivemos cada dia pensando que a qualquer momento poderemos partir. Principalmente quando compreendemos que cada dia que vivemos é como um presente e oportunidade que recebemos para arrumar nossa

bagagem para a partida, que com certeza todos realizaremos. Então aguardamos esse momento com ansiedade e expectativa, sentimos que a cada dia que se passa nos aproximamos da fatídica viagem, então devemos estar preparados. Assim passamos a compreender que a morte do corpo é uma necessidade do espírito e devemos reconhecer que a moratória que recebemos deverá ser compatível ao nosso merecimento.

Para que essa espera não se torne monótona e torturante, nos ocupamos fazendo e refazendo a bagagem invisível que nos acompanhará. Temos a consciência de que nela muito pouco levaremos, porque poucas e insignificantes foram as obras que realizamos. Portanto, pouco deixaremos e pouco levaremos, exceto a saudade das poucas pessoas que muito amamos, mas sabemos, com a certeza de quem acredita, que um dia nos reencontraremos.

Acredito ser consolador ter adquirido esse entendimento, pois quanto mais refletimos, mais nos convencemos desta verdade: a certeza de que um dia voltaremos mais bem preparados para sermos melhores, capazes de realizar obras mais significativas e aptos para amar todas as pessoas indistintamente.

Infelizmente a evolução espiritual da humanidade é muito lenta. Embora tenhamos conhecimento de que já vivemos inúmeras encarnações, o entendimento que recebemos a respeito de nossa existência física e de nosso destino espiritual sempre foi muito velado e deficitário. Felizmente nessa existência tivemos a oportunidade de conhecer a Doutrina Espírita, que interpreta os en-

sinamentos bíblicos sob a visão e o conhecimento dos espíritos, despida de qualquer interesse ou subterfúgio, escancarando a realidade de forma lúcida e transparente, de como se processa esse fenômeno natural que interrompe a trajetória corporal e a continuidade do Espírito no mundo invisível.

O homem de nossa época se apropriou de uma infinidade de informações, produto de descobertas que aconteceram ao longo das civilizações. Conhecimentos internalizados em nossa vida, que deles usufruímos sem restrições e nos possibilitam interpretar racionalmente um universo de fatos que refutamos incontestes.

A Lei de Liberdade e o próprio livre-arbítrio asseguram às pessoas a acreditar no que quiserem. Um dia eu dizia que era cético, e como cético dizia que não acreditava. Mas como não acreditar se não submeter o objeto de nossa incredulidade ao crivo de nossa razão? Foi exatamente o que fiz. E descobri que estava enganado, passei a acreditar. Mesmo assim continuo cético, só acredito quando minha razão me convence que devo acreditar. Então, nossa crença passa a ser sólida e não permite que mais duvidemos.

Seja também um cético, elimine todas as possibilidades de que você possa estar errado, faça o uso de sua razão, para isso DEUS concedeu-nos inteligência. Ilumine-se.

14/01/2020

# Conheça a Ti Mesmo

**U**M DIA, NO PASSADO, FUI UMA pessoa muito pobre, não pobre materialmente, pobre em espírito, com ideia distorcida do que deveria procurar para me enriquecer. Equivocadamente comecei por juntar valores temporais e quinquilharias e sentia que quanto mais juntava, mais pobre me tornava. Então deliberei encontrar um grande amor e saí procurando... e muitos encontrei pelos caminhos, mas não eram quem deveria encontrar, porque meu verdadeiro amor estava muito longe e se escondia de mim. Mesmo assim aquelas experiências me fizeram sofrer, tornando-me ainda mais infeliz. Percebi que necessitava compreender uma infinidade de perguntas, pois essas respostas certamente me ajudariam, então comprei e li alguns livros.

Minha necessidade era profunda e generalizada, uma espécie de vazio extremo preenchia meu Espírito e meus sentimentos, andava como à deriva, trôpego pela vida, cabisbaixo, tropeçando em minhas dúvidas e incertezas, uma

pessoa insatisfeita, limitada em iniciativas, esperando que me acontecesse um grande milagre, ou seja, queria que, em algum momento de minha existência, uma amnésia providencial apagasse todas as reminiscências indesejáveis que me afligiam e, quando acordasse, olhasse o espelho e não me reconhecesse mais – nele refletisse uma imagem diferente, nessa imagem enxergasse uma pessoa diferente, um jovem feliz, de bem com a vida, como gostaria ser. Mas o milagre nunca aconteceu, então enfrentei a vida e o mundo do jeito indesejável que sempre me visualizei.

Depois de longo tempo trabalhando na roça, fui ensinar crianças o pouco que sabia. Continuei lendo tudo que encontrava e minhas dúvidas continuaram se ascendendo e aumentando progressivamente, na mesma proporção crescia o desejo de compreensão. Em um momento nebuloso e obscuro para minha vida de jovem insatisfeito, desejei morrer, não acreditava em mais nada, então adquiri uma bíblia na esperança de encontrar uma crença, iniciei a leitura pela primeira página, intencionava chegar ao seu final, mesmo que demorasse uma eternidade. À medida que lia, me perdia num labirinto de mistérios e enigmas, percebi que estava andando em círculo, sem saber se deveria continuar ou parar, ou o rumo que deveria seguir. A minha falta de fé impedia que compreendesse uma infinidade de novas interrogações. Acreditar por acreditar era pouco e não me convenceria, necessitava compreender. Quando percebi que não conseguiria, fechei e guardei minha bíblia, descobri que não tinha capacidade para acreditar.

E o tempo foi passando, quis o destino que eu fosse habitar outras terras, e quase que, milagrosamente, parte de minhas aflições deixei para trás, penso que larguei pelos caminhos. Sentia-me mais leve, desvencilhei-me de alguns complexos. Percebi que o mundo era maior que imaginava e existiam outras possibilidades. O espelho agora refletia uma imagem mais aceitável, experimentei sorrir, meu sorriso ainda era muito triste e sem graça. Depois de algum tempo, como por acaso, encontrei quem se escondia de mim. Agora eu não era mais sozinho, de repente éramos cinco.

Depois de caminhar por caminhos retilíneos, nem percebia que o tempo passava. De repente cheguei em uma encruzilhada e na curva do caminho, aquela que desejei no passado, agora me acenava. Aquela que idolatrei em meus versos, a quem chamava minha lídima donzela, ao longe me flertava. A morte me olhava nos olhos, sorrindo pronunciava meu nome. Mas agora não poderia morrer, tinha compromissos e precisava viver. Instintivamente lembrei-me da bíblia, que me sugeriu pensar em Deus como única solução, mas minha falta de fé me impedia. Então, conformado com os desígnios da vida, consegui dizer apenas: *“Que seja feita sua vontade”*.

Penso que nunca mais fui a mesma pessoa, Deus não permitiu que eu morresse naquele momento. E coisas estranhas começaram a acontecer, elas me sugeriam que necessitava compreender ou não mereceria viver. A velha bíblia, depois de uma eternidade, como havia previsto, tinha conseguido ler até a última página, toda

aquela leitura não me fez acreditar. Quando me dei conta, estava no fundo do poço. Só me restava parar de respirar para morrer literalmente, vivia atormentado, não compreenderia o que estava me acontecendo.

Minha esposa, por vinte anos, sugeria que eu conhecesse o Espiritismo, simplesmente desconversava. Em minha opinião considerava ser um caso perdido, sem solução. Em um momento de extrema incerteza e aflição, resolvi me dar a última chance. Conheceria a Doutrina Espírita, comprei os cinco livros básicos e mergulhei em busca de respostas. E lá encontrei muitas perguntas e também todas as respostas, que respondiam a tudo que precisava saber. Agora chegava à parte mais difícil, internalizar aqueles conceitos, conseguir ser a pessoa que sempre desejei, não tinha certeza se conseguiria, tinha consciência de que dependia somente de mim. Mudar a si mesmo é tarefa para os fortes, me sentia ainda frágil, mas tentaria.

Por algum tempo precisei de preces amigas, e elas muito me ajudaram. Em uma noite de extrema aflição, quando meu espírito se perdeu num abismo de trevas, e lá tive a impressão de que havia sido sepultado vivo, queria sair e não conseguia, gritei e ninguém ouvia meus gritos, quis correr e as pernas não obedeciam, chorei com força plena, desesperadamente. Quanto tempo durou esse desespero? Penso que uma eternidade. Não sabia que estava preso a uma espécie de pesadelo horrível. Pela primeira vez orei a Deus com fé, como quem busca socorro desesperadamente. À medida que orava,

senti uma sensação de paz desconhecida, o medo que estava sentindo desapareceu. Pensei em Deus com fé, tive certeza de que não havia morrido, percebi que estava em casa, deitado em minha cama. Lentamente me senti emergindo de profundo abismo, percebi que respirava, ouvia o ruído dos automóveis na rua.

Lá na Rua Barão de Melgaço, no Edifício Vespaziano Martins, no centro de Campo Grande, sentia amanhecer um dia diferente, o sabiá cantava feliz pousado num galho próximo de nossa janela, minha esposa pedia silêncio para as crianças enquanto se arrumavam para a escola, para não me acordar, pois eu havia tido uma noite difícil. Ouvia deitado todas essas coisas, estranhamente me sentia leve e feliz, mais forte, como se tivesse renascido e conseguido desvencilhar-me de amarras invisíveis, que me prenderam por longos anos, sentia que finalmente havia superado uma longa provação. Depois dessa experiência horrível, mas penso que necessária, conseguia com minhas próprias preces contornar minhas aflições, não me sentia mais desamparado, tinha consciência de que Deus estava comigo.

A fé é um dom inato que nos fortalece. Às vezes, por nossa incúria, a perdemos pelas veredas dos des-caminhos, então faz-se necessário que a conquistemos novamente. Quando conseguimos, percebemos que ela se torna mais robusta, então passamos a valorizá-la. Sem ela somos muito vulneráveis e frágeis.

10/02/2020

# Um Amigo de Verdade

**F**OI JUSTAMENTE NO ANO DE 1967, primeiro ano do curso ginásial, que conheci Ademir Vieira dos Anjos, éramos ainda garotos, eu tinha pouco mais de dez anos de idade. Ele deveria ter quase doze, nessa época era um menino magro e alto que se escondia retraído e enigmático por trás de seus óculos pesados, daqueles do tipo fundo de garrafa. Coincidentemente sentava na carteira atrás de mim, na parte da frente da sala, logo que o conheci nos afeiçoamos e nos entendemos imediatamente. Como já tive oportunidade de revelar, talvez tenha visto nele a pessoa do irmão mais velho que não cheguei a conhecer, que coincidentemente também se chamava Ademir, que viveu apenas sete dias. Quando minha mãe se referia a ele, o chamava carinhosamente de Ademirzinho, mas ela não gostava de reviver essa página triste de sua vida, evitava falar sobre o assunto, por isso pouco sei a seu respeito.

Nesse ano havia no colégio quatro salas do primeiro ano ginásial, duas masculinas e duas femininas. Nossa

sala havia quase quarenta alunos, sendo oito ou dez meninos como nós, uma maioria de adolescentes, outros jovens e alguns adultos. Talvez a idade e semelhança de comportamento tenham sido os fatores que nos fizeram aproximar um do outro. Salvo dois ou três alunos mais inteligentes, a grande maioria encontrou dificuldade imensa para acompanhar o curso, principalmente as matérias de português, matemática e francês. Eu, que não tinha o hábito de estudar para entender as matérias, encontrei muita dificuldade, minhas primeiras notas foram desanimadoras. Nos primeiros dois bimestres, meu boletim era um festival de notas vermelhas, os professores perceberam que estavam sendo excessivamente rigorosos, muitos alunos haviam abandonado o curso no primeiro semestre, principalmente os mais adultos. No segundo semestre, deliberaram ser mais complacentes, afrouxaram o rigor das provas, senão haveria uma reprovação generalizada. Percebi o iminente perigo que corria, melhoraria minhas notas ou certamente reprovaria, por isso gradativamente incrementei o hábito de estudar e iniciei a recuperação de notas. Mesmo assim não consegui fechar em nenhuma matéria, fiz exame de todas, em três não consegui nota mínima necessária, restando-me o recurso de prestar exame de segunda chamada. Nessas três matérias, graças a Deus e às promessas que havia feito, consegui ser aprovado. Essas promessas consistiam essencialmente em mudanças de atitude e assumir responsabilidades.

No ano seguinte, 1968, das quatro salas do primeiro ano do ano anterior, foram aprovados menos de

cinquenta por cento dos alunos, dando assim origem a somente duas salas do segundo ano, agora salas mistas. No primeiro dia de aula, justamente o Ademir, que também havia passado pelos mesmos solavancos que passei, estava sentado novamente na carteira atrás de mim. Ambos havíamos sobrevivido àquele tsunami devastador. Dentre os colegas de nossa idade do ano anterior, poucos foram os sobreviventes. Como metade dos aprovados foi remanejada para a outra sala, perdemos as referências dos colegas do ano anterior, fato que fez aumentar ainda mais nossa amizade e coleguismo.

Um detalhe que me faz lembrar com particularidade desse tempo conturbado de escola era o uniforme que usávamos. Calça e camisa marrons para os do sexo masculino, saia e blusa marrons para os do sexo feminino, com estrela azul bordada na barra da manga direita da camisa e blusa, que fazia identificar o nível escolar do aluno: uma estrela azul, primeiro ano; duas estrelas azuis, segundo ano. Poucos eram os alunos que exibiam as pequenas constelações de três e quatro estrelas azuis. Isso refletia que o curso era bastante seletivo, e a cada ano letivo muitos ficavam pelos caminhos e não se promoviam. Naquela época em Santa Albertina, não existia o curso colegial. A cada primeiro dia de aula do ano seguinte o Ademir, invariavelmente, estava lá ocupando a carteira atrás de mim, ambos com uma estrela azul a mais, acrescida no velho uniforme. E nossa amizade mais fortalecida.

A partir do segundo ano, sempre ocupávamos o mesmo grupo de trabalhos escolares, então era comum

aos domingos nos reunirmos para fazer esses trabalhos, passei a frequentar sua casa depois que terminávamos as tarefas. Ademir perdeu seu pai quando muito pequeno, tinha alguns irmãos mais velhos que ele, abaixo dele apenas a irmã caçula. Sua mãe, uma senhora muito simpática, prezava pela nossa amizade por perceber que éramos meninos responsáveis e levávamos o estudo muito a sério.

Depois dos quatorze anos, Ademir, para ajudar sua mãe, passou a trabalhar em uma fábrica de telhas que existia próximo à sua casa: “Cerâmica Toledo”. Sua função consistia em encher com uma pá a carriola de barro e levá-la até uma máquina, onde o barro era processado mecanicamente até ficar no ponto de ir para a prensa, adquirindo formato de telhas. Depois de permanecerem por um período de secagem, as telhas eram depositadas em enormes fornos potentes, onde eram cozidas em altíssimas temperaturas, para adquirir consistência e impermeabilidade. A prática intensiva de conduzir uma carriola cheia de barro ou vazia o fez adquirir excepcional habilidade com o carrinho de mão, que lhe imputou um apelido, passando a ser conhecido no ambiente de trabalho por “Manobra”. A princípio, como não gostava do apelido, apelava com quem assim o chamava. O apelido extravasou o espaço de trabalho e invadiu o ambiente escolar. Impotente para conter a expansão ascendente do uso do codinome, não lhe restou outra opção. Mesmo a contragosto, para não se tornar inimigo público da humanidade sádica cruel, teve que aceitar o apelido indesejável.

Eu era um dos poucos que o chamava pelo nome, porque percebia que ficava muito chateado quando o chamavam pelo apelido. Com o tempo conseguiu superar o desconforto, e o apelido lentamente foi caindo em desuso.

Em 1971, foi inaugurado em Santa Albertina o novo prédio de ensino público, destinado exclusivamente para as quatro séries do curso ginásial e para as três séries do colegial, ficando o prédio antigo exclusivamente para as quatro primeiras séries primárias. Nesse ano começamos a estudar a primeira série colegial, no período noturno. Com a mudança de prédio e local de estudo, coincidentemente também promoveram a mudança do uniforme: calça azul-marinho e camisa branca para os meninos, saia azul-marinho e blusa branca para as meninas, a estrela azul foi abolida definitivamente.

Uma sala mista abrigava todos os alunos do primeiro ano colegial, aproximadamente quarenta alunos. Entre as meninas, uma aluna novata, procedente da cidade de Paranaíba, nessa época, estado do Mato Grosso. A mocinha muito bonita deveria ter dezesseis anos, muito calada e reservada, pelo seu proceder destoava das outras moçoilas, demonstrava possuir classe e postura refinada, deveria pertencer a uma família tradicional e rica, hospedava-se no melhor hotel da cidade, estava ali exclusivamente para estudar, por considerar nosso ensino de melhor qualidade em relação ao de sua cidade. Depois de concluído o colegial, propagava que intencionava fazer importante curso superior, numa área muito concorrida e privilegiada. Pretendia cursar medicina.

Eu e o Ademir éramos dois pirralhos insignificantes, eu não tinha completado quinze anos, ele um pouco mais velho deveria ter mais de dezesseis anos, éramos dois jovens muito simples. Eu trabalhava no sítio com meu pai, apesar do trabalho dele ser urbano, também exercia um trabalho braçal em uma cerâmica de telhas, mas na escola éramos bem-conceituados, por levarmos o estudo muito a sério. Ainda não havíamos nos interessado por meninas, não cogitávamos a ideia de namorar, gostávamos de cinema, comentávamos os filmes a que assistíamos nos finais de semana, comentávamos as músicas e os cantores que faziam sucesso na época, nossas preferências musicais eram muito parecidas.

Quando ele viu a colega pela primeira vez, apaixonou-se imediatamente. A menina era muito bonita e chamava a atenção dos rapazes, mas era muito esnobe e não facilitava as coisas para ninguém. Imediatamente avalei que ele não tinha a menor possibilidade de êxito, mas colocou na cabeça que era o amor de sua vida e por aquele amor estaria disposto a tudo. Insinuava-se para a menina explicitamente que, devido a sua refinada discrição, simplesmente o ignorava, e seu amor crescia à proporção que o tempo passava.

Ela o tratava com a mesma indiferença com que tratava todos os seus admiradores e pretendentes. Eu particularmente imaginava que a mocinha deveria estar focada no estudo e no curso superior que pretendia realizar no futuro. Quase todos os finais de semana alguém de sua família vinha buscá-la e a trazia de volta na segun-

da-feira. Nos finais de semana sentávamos em um banco da praça e conversávamos sobre tudo, mas o assunto que Ademir não cansava de reprisar era sobre sua paixão dilacerante, confessar suas pretensões, planos e suposições. Quando pedia minha opinião sobre a viabilidade de seu romance, explanava minha opinião sincera e realista e o aconselhava a tirar aquela ideia da cabeça, que deveria esquecer-la, aquela paixão estava fazendo-o sofrer, virando obsessão, a menina era muito sofisticada, nunca se interessaria por ele, talvez tivesse até um namorado sério em sua cidade. Ele se ofendia com a possibilidade das minhas ponderações e dizia que eu estava enganado, com inveja dele, dizia que sentia que ela também o amava com a mesma intensidade e logo a conquistaria e provaria que eu estava enganado.

O amor que Ademir sentia era tão intenso que não conseguia ocultar e amiúde costumava revelar seus sentimentos. Em pouco tempo muitas pessoas tinham conhecimento do fato, e os colegas sádicos riam dele ridicularizando-o. Isso não demorou a chegar aos ouvidos da idolatrada pretendida, que considerou aquela possibilidade um absurdo, passou a hostilizá-lo explicitamente, evitava até olhar para ele. Aquela conversa sem fundamento a constrangia, penso que ela se sentia depreciada, e isso a incomodava. De certa forma aqueles comentários insinuantes também a ridicularizavam. Inexplicavelmente, Ademir não percebia que a decisão de revelar aos quatro ventos aquele seu amor incontrolável surtiu um efeito nefasto. Se antes era difícil, com

aquela divulgação sem critério tornou as coisas ainda mais improváveis.

Mas aquele amor era uma doença incurável, que estava impregnada em suas entranhas, só aumentava à medida que o tempo passava, começou a fumar compulsivamente e a beber esporadicamente, tentando espairer seu sofrimento. Quando conversávamos, eu lhe censurava os vícios, condenando o comportamento que estava denegrindo a imagem de rapaz correto, evitava fazer comentários sobre sua paixão doentia, ele conhecia minha opinião, não omitia meu parecer sincero e honesto, pois não estava disposto a fomentar uma ideia que sabia que só lhe faria sofrer ainda mais, então evitava falar e desconversava. Preferia conversar sobre escola, poesias e poetas, letras de músicas e cantores, filmes e artistas de cinema, tentando amenizar o infeliz estado sentimental que o martirizava.

Com o passar do tempo foi se sentindo ridicularizado pelas piadinhas que ouvia, mas fingia não ouvir, reconheceu que era muita pretensão de sua parte desejar algo tão improvável. Outros rapazes mais experientes e conceituados também tentaram se aproximar dela com a mesma intenção sem obter êxito. Isso de certa forma o fez compreender que eu estava com razão, principalmente quando lhe revelei uma segunda opinião que concluí observando a conduta da colega. Disse-lhe que certamente ela também o amava, mas provavelmente estava sendo fiel às recomendações e exigências dos pais, que talvez a tivessem proibido de se envolver em

namoros, pois o momento exigia focar seu pensamento e sua dedicação aos estudos, afinal pretendia fazer faculdade de medicina, conquistar uma posição profissional que proporcionasse orgulho para si e para seus familiares. Era perceptível que procedia de família abastada, que estava investindo pesado em seu futuro, não poderia decepcioná-los. Era o que ele deveria fazer também, afinal era jovem e inteligente. Essas minhas ponderações surtiram efeito consolador e de certa forma aplacaram seus impulsos de levar a efeito aquele seu amor tresloucado. Afinal acabou por admitir que eu poderia estar certo, ela não aceitou namorá-lo, é verdade, mas também não disse que não o amava, por isso continuaria amando-a indefinidamente, porque tinha convicção de que ela também o amava da mesma forma. Deliberou por continuar fumando, mas pararia com as bebidas definitivamente, dedicaria mais aos estudos, principalmente à literatura e à poesia. Transformaria aquele seu amor ardente em sentimento platônico, esquecê-la estava acima de sua capacidade de superação.

Ademir, sem dúvida, foi meu melhor amigo na juventude, durante sete anos desfrutamos de uma convivência sadia, todas as noites estudando na mesma sala de aula e nas noites de final de semana procurávamos estar sempre juntos, sentados em um banco da praça, conversando e apreciando o movimento. Nossos assuntos não se esgotavam, era a ele que recorria nos momentos de incertezas, era a mim que confessava seus problemas e angústias, compartilhávamos nossas inseguranças e

indecisões, juntos aprendemos a gostar de poesias e admirar os poetas, juntos começamos a escrever algumas letras para música e alguns poemas, ajudei-o a superar sua primeira paixão não correspondida, e juntos iniciamos nossas primeiras experiências bem-sucedidas de conquistas amorosas, como descreverei mais adiante, no capítulo “Aprendiz de Don Juan”. Muito raramente nos desentendíamos, mas rapidamente nos reconciliávamos, como dois irmãos muito próximos.

Terminamos o terceiro colegial no final de 1973, e Ademir, juntamente com sua família, mudou-se para Americana (SP), em busca de trabalhos promissores. No início de 1974, juntamente com minha família, nos mudamos para nossa propriedade rural em São Sebastião do Pontal-MG, igualmente buscando dias mais promissores. Nunca mais nos encontramos. Por oportuno ratifico o que escrevi em meu primeiro livro, *O tempo não apagou*, no capítulo, Alma de poeta: “*Acredito que ele também venceu na vida, era pessoa determinada e muito esforçado, tinha passado por dificuldades, era inteligente e tinha alma de poeta*”. Faço oportuno acrescentar: Espero que tenha tido a felicidade de encontrar uma boa profissão, um grande amor, constituído uma linda família, realizado todos os seus sonhos de escritor e poeta e sido muito feliz.

10/12/2019

# Poeta Enrustido

**R**EPORTANDO-ME PARA O INÍCIO da década dos anos setenta, quando morávamos em uma chácara próximo de Santa Albertina, no estado de São Paulo, eu era um jovem de quinze anos, me vestia e me apresentava igual aos outros jovens como eu. Apesar das implicações de meu pai, gostava também de usar os cabelos cobrindo as orelhas. Intimamente atravessava momentos de muitas incertezas, assim que começaram a surgir muitas preocupações. Projetava para meu futuro situações de muitas realizações, conquistas improváveis que de certa forma estavam além de minhas possibilidades. A realidade em que vivia apresentava muitas dificuldades, minha vida presente com referência ao futuro oferecia situações e desafios que julgava acima de minha capacidade em superá-los. Um jovem adolescente, estatura mediana, corpo magro e maltratado, queimado pelo sol, mãos calejadas pelo cabo da enxada e do enxadão, ferramentas de trabalho usadas todos os dias, me ocupava com os

intermináveis trabalhos que surgiam em nossas duas propriedades rurais, sempre na companhia de meu pai e meu irmão mais novo. Na época da colheita de algodão e amendoim, juntamente com esse meu irmão, o Carlito, eventualmente saíamos a pé ou de charrete, para trabalhar nesses serviços para vizinhos próximos, ou para outros relativamente distantes, sobrecarregados com os trabalhos de colheita, mediante pagamento pelos serviços prestados, que era calculado conforme nossa produtividade.

Durante a noite exercíamos a condição de estudantes, ele cursava o ginásio, enquanto eu cursava o segundo grau. Não tinha certeza se aqueles conhecimentos que adquiria teriam alguma serventia. Para meu futuro de aspirações não visualizava em que poderiam auxiliar-me na vida prática, considerava ser uma pessoa limitada e insatisfeita comigo mesmo. A ansiedade prematura me fazia sofrer por antecipação, de certa forma limitava minhas iniciativas.

Minha mente enfrentava frequentes conflitos sentimentais e existenciais, o imenso desejo de transformar em realidade uma infinidade de sonhos e pretensões esbarrava em um universo de obstáculos que deixavam a sensação de incapacidade e impotência. O resultado dessas frustrações me imputava um sentimento de ostracismo que dificultava meus relacionamentos, tinha poucas amizades. Fora do ambiente familiar formado pelos meus irmãos e primos, meu círculo de colegas de escola era bastante reduzido, amigo de verdade con-

siderava apenas um. No íntimo alimentava complexo de inferioridade e incapacidade, considerava que todas aquelas pretensões que almejava eram utopias irrealizáveis. Pressentia que depois de concluído o estudo na escola pública, o curso colegial, dificilmente daria continuidade aos estudos, obrigatoriamente teria que passar pelo crivo do vestibular, na época um gargalo que dificultava o acesso à universidade, imaginava que dificilmente meu pai estaria disposto a arcar com o ônus dessa pretensão. O acesso à universidade pública, nessa época uma realidade muito distante, fora de cogitação, poucas eram as Universidades Federais ou Estaduais, e muito disputadas eram as poucas vagas.

Nessa época meu pai deixava entender através de suas conversas que também tinha suas preocupações com referência ao nosso futuro. Mas essas preocupações não se referiam em proporcionar os meios para que continuássemos os estudos, pensava transferir nossas atividades rurais para uma região que oferecesse mais expectativas de crescimento material, cogitava vender os sítios em Santa Albertina, no estado de São Paulo, adquirir quantidade maior de terras no estado de Minas Gerais, pensando justamente mais em nosso futuro que propriamente no seu. Talvez pelo fato de não acreditar que poderíamos trilhar por caminhos diferentes daqueles que sempre trilhou, ensinou-nos pessoalmente a realizar todos os trabalhos afetos a uma propriedade rural, que consistia no manejo de um pequeno rebanho de vacas de leite e em todo trabalho em diversos tipos de

lavouras, como na manutenção e conservação de uma propriedade rural. O trabalho no campo, forjado no esforço pessoal, na força dos braços, na labuta incansável do dia a dia, do homem da roça. Penso que era esse o futuro que imaginava para os filhos. Meu pai sempre foi um autêntico trabalhador rural.

Diante dessas incertezas e dificuldades, apesar de gostar de estudar, não queria imputar nenhum sacrifício a minha família, minhas irmãs haviam concluído apenas o primeiro grau, acataria as decisões de meu pai, o que ele decidisse para mim estava tudo bem. Se não fosse para continuar estudando, me agradava a ideia de mudar para Minas Gerais e continuar trabalhando no campo, mais especificamente na criação de gado. Nunca gostei de plantar roças, não pelo fato de ter que trabalhar muito, mas por ter presenciado experiências negativas de pessoas que trabalharam duro, investiram suas economias na formação de lavouras e na hora que mais necessitavam a chuva não veio e tiveram enormes prejuízos, a ponto de serem obrigados a se desfazerem de bens ou propriedades para saldar dívidas. Considerava uma atividade que oferecia muito risco, devido à instabilidade do clima. Meu pai era um exemplo de agricultor malsucedido, no decorrer de sua vida sofreu muitos prejuízos, com perdas de colheitas ocasionadas pela falta de chuvas. Enquanto nada acontecia continuaria trabalhando e estudando.

No colegial começamos a estudar literatura. Quando comecei a ter contato com obras literárias, que

faziam parte da disciplina de português, senti que aqueles romances me levavam a conhecer mundos e situações diferentes da realidade em que vivia, minha imaginação viajava por outras regiões. Meu mundo real, que era bastante limitado, começava a se expandir, conduzido pelas viagens imaginárias que realizava através das leituras. A vida dos personagens daqueles romances era um universo de situações novas, que diferiam do meu insignificante modo de viver e do pequeno mundo das pessoas que conhecia e estava familiarizado. Meu horizonte particular começava a se dilatar e ganhar cores e luzes antes não percebidas, principalmente quando começamos a estudar o romantismo, literatura poética, pós-renascentista. Comecei a entender que aqueles sentimentos que vivenciava de certa forma estavam refletidos nas obras daqueles poetas consagrados, que em remota época deveriam ter experimentado sensações semelhantes, mas, devido à sua capacidade de expressar, conseguiam exteriorizar para a poesia todos aqueles sentimentos, que no fundo revelavam ser pessoas normais, mais especiais, que carregavam em seu íntimo conflitos e sofrimentos inerentes às pessoas românticas e sensíveis, que possuem carga emotiva que não conseguem ocultar. O sentimentalismo necessita ser extravasado, senão o peito explode e a emoção faz enlouquecer.

Naquela remota época, no auge dos poetas românticos, quando os meios de comunicação como o rádio, o cinema e a televisão não existiam para projetar os artistas e as pessoas de talento, eles se dedicavam ao

teatro, à literatura de romances, outros, à poesia onde deixavam transparecer o universo conflitante em que viviam aqueles seres especiais. Quando estudávamos superficialmente suas histórias de vida, ficavam patentes seus dramas interiores, alguns deles eram pessoas que administravam sentimentos contraditórios, carregavam sentimentos atípicos, se revelavam tristes, infelizes e até mesmo revoltados, muitos se entregavam a vidas desregradas, vícios e condutas inadequadas, motivados por sentimentos confusos, paixões não correspondidas por razões nem sempre reveladas. Na minha modesta opinião, penso que funcionava como combustível para justificar o modo extravagante e diferente de ser, que acabava explodindo em avalanches de inspirações que eclodiam naturalmente. Locupletavam nesse mundo nebuloso, negligenciando uma vida de normalidade, culminando em existências tumultuadas de pouca longevidade, consequência dos sofrimentos e dos excessos praticados. Há exemplo de muitos artistas modernos que não conseguem administrar com naturalidade o sucesso em que suas artes os projetam, entregando-se a vícios e comportamentos condenáveis, levando-os a encerrar suas existências precocemente, muitas vezes de forma trágica e lamentável.

Naquele momento, devido à inexperiência, aprendi a admirar e idolatrar esses seres. O conteúdo e a beleza de suas obras deixavam impregnado em mim um sentimento especial, que me induziam a identificar-me com esse modo de ser, talvez pelo motivo de possuir em meu ín-

timo um universo de sentimentos semelhantes que suplicavam por emancipação, que, devido a minha inabilidade poética e incapacidade de expressar, represava essas emoções, fazendo de mim uma pessoa reservada e introvertida. Idealizava ser um dia um poeta de verdade, que conseguisse extravasar através da poesia aquela enxurrada de sensações que não saberia bem como definir, mas reconhecia que ainda não tinha adquirido capacidade para expressar através das palavras, quer de forma escrita ou oral, tais sentimentos conflitantes. Aquele turbilhão de desejos e emoções, cada vez mais, passou a ocupar meus pensamentos. Considerava-me uma espécie de poeta enrustido. Infelizmente, por mais que tentasse, conseguia a custo alguns poemas insignificantes que não agradavam nem a mim nem a outrem, por não refletir com autenticidade o que realmente sentia.

Nessa ocasião comecei também a me interessar pela música, mais especificamente pelas mensagens de suas letras, que de certa forma para mim eram poesias. Quando estava de folga, e mesmo enquanto estudava, tinha o hábito de ouvir música no rádio, observar que as letras das músicas traziam mensagens que mexiam com minha imaginação, então viajava em pensamentos. Percebia dentro do peito um coração que se emocionava com facilidade, fantasiava para mim uma vida diferente, imaginava ser outra pessoa, dotada de recursos que pudessem superar a timidez e aquela condição de inaptidão, com capacidade de fazer acontecer e conquistar. Mentalmente idealizava compor letras de músicas, escre-

ver romances improváveis, neles projetaria situações que fariam de mim um ser romântico e sonhador, a aventurar-me pelo mundo à procura de um grande amor. Então imaginava e me inseria em amores fictícios, em realidades adversas de meu mundo, comportamento típico de jovens nessa fase existencial, que sonham mudar a vida, o mundo e tudo, mas não sabem como fazê-lo.

Quando esses romances fictícios adquiriam corpo em minha imaginação e me proporcionavam sentimento de prazer e felicidade, não me convenciam, pois não poderia ser desta forma. Um romance verdadeiro teria de ser muito bem fundamentado, com muitas variáveis, capaz de causar alegrias e sofrimentos, amar também significa sofrer, só assim seria um grande amor. Não me sentia digno de uma felicidade conseguida gratuitamente, teria que gerar desencontros e lágrimas. Então idealizava empecilhos, obstáculos e subterfúgios, imaginava acontecimentos improváveis para desestabilizar a harmonia do relacionamento que a princípio se revelava perfeito, destruía temporariamente aquela suposta felicidade. Mergulhava em profundo abatimento e melancolia, suficiente para me sentir um verdadeiro protagonista. Somente assim experimentaria o sofrimento vivenciado pelos grandes poetas. Era dessa forma que sempre ocorria nos romances que lia, nas poesias que estudava e nas músicas que ouvia no rádio.

Na minha imaginação me transformava em um deles, infeliz, com razões para ser inconsequente, rebelde, mentalmente também me entregava aos desatinos e desre-

gramentos, tentava passar essa impressão através das letras de algumas músicas e poesias, que compunha em parceria com esse amigo e colega de classe, nos raros momentos em que nos refugiávamos para essas produções. Esses trabalhos refletiam superficialmente a necessidade de busca pelo novo e o inconformismo de nossos espíritos, que prematuramente enfrentavam conflitos sentimentais, por entendermos que, apesar de nossa insignificância, éramos pessoas conscientes e sonhávamos em vencer na vida, tínhamos nossas aspirações e não nos sentíamos capazes de triunfar. Nossos conflitos e aspirações tinham muito em comum, talvez essa fosse a razão da duradoura e inabalável amizade que compartilhávamos.

Entendíamos que todo poeta de verdade teria necessidade de possuir seu espírito dilacerado e vilipendiado pelos reveses da vida. Somente através de muito sofrimento, desilusões e decepções atingiria o ápice sentimental e emocional, que forçosamente teria de eclodir. As palavras corretas e apropriadas surgiriam automaticamente em avalanches e os versos fluiriam abundantes, refletiriam com fidelidade todos aqueles sentimentos verdadeiros, sendo capazes de transmitir com autenticidade tudo que sentíamos.

Todo poeta necessita de uma grande paixão, um amor verdadeiro que transcende a normalidade, um sentimento intenso, mas que seja ao mesmo tempo confuso e complicado, motivado por um impedimento legítimo. Meu amigo há algum tempo remoía uma paixão não correspondida, fonte de infelicidade e refúgio de suas

também limitadas inspirações, ambos convivíamos com as mesmas dificuldades e deficiências. Ele havia encontrado essa pessoa, que o ignorava, e até então só lhe proporcionara decepções e sofrimentos. Por me considerar seu melhor amigo, desabafava comigo todas as suas decepções e desventuras. Por mais que eu procurasse por essa personagem real, que justificasse a razão dos meus padecimentos, não a encontrava. Todas que idealizava se revelavam incompatíveis e artificiais. Concluía que definitivamente teria dificuldade para reunir as condições que me dotaria desses recursos sentimentais, capazes de fazer aflorar em mim o suposto potencial poético que imaginava possuir. Necessitava encontrar uma musa inspiradora, somente ela proporcionaria os meios e as emoções para dar vazão àqueles sentimentos. A esse ser real e ao mesmo tempo fictício dedicaria e entregaria todo aquele intenso desejo de amar que fluía e transbordava.

Repentinamente decidi eleger para esse fim uma menina que estudava na sétima série, chamava-se Conceição, deveria ter quatorze anos, em minha opinião ela era especial e reunia os quesitos que atendia às necessidades, era muito bonita, misteriosa, inacessível. Por demonstrar através de suas atitudes ser muito reservada, talvez tenha sido esse o detalhe que mais me cativou. Costumava ornamentar seus lindos cabelos negros com longas tranças, só a via na escola e me tratava com relativa indiferença, tudo condizente com minhas pretensões. Minha intenção era apenas encontrar uma personagem inspiradora, a partir daí, a ela dedicaria meus versos e a

inseriria em meus romances imaginários, na qualidade de consorte coadjuvante. Quando resolvi encontrar essa musa inspiradora, não intencionava transformar esse acontecimento em realidade, tinha apenas dezesseis anos, pretendia ter controle da situação de meus sentimentos, esquecê-la ou substituí-la quando bem quisesse, mas o que eu idealizara não aconteceu. Com o passar do tempo, aquela convivência imaginária tornou-nos íntimos, ela passou a ocupar diuturnamente os meus pensamentos e a conhecer os meus mais recônditos segredos. Quando me dei conta, ela estava impregnada em minhas entranhas como uma doença incurável, passei a ser refém desse amor fictício. Comecei a experimentar plenamente o sofrimento vivenciado pelos grandes poetas e sentir na própria pele o que meu amigo sentia, com um agravante, não conseguia compartilhar aquele segredo, talvez por medo de pôr tudo a perder e ser ridicularizado, como meu amigo. No íntimo tinha esperança de que um dia ela percebesse meus sentimentos e viesse a sentir o mesmo por mim. Alimentava esperanças e pensava na possibilidade de transformar em realidade todas aquelas aspirações, mas, quando ponderava os prós e os contras, sentia-me incapaz e despreparado, não teria a menor chance. Considerava-me ser um nada, eu me sentia menos que nada, melhor seria arrancá-la de meu coração, do meu pensamento, já que a almejada inspiração não eclodia na proporção do sofrimento que adquiri, conquistei somente desilusão e tristeza, que passaram a ser meus companheiros inseparáveis. Quanto

mais a amava, mais me ignorava. Quanto mais me ignorava, mais eu a amava.

Aquela paixão que idealizara inspiradora e inofensiva, em pouco tempo se tornou real e dilacerante. Minha timidez era um obstáculo que, aliado à minha covardia, um impedimento intransponível. A vida que para mim outrora fora uma praia, banhada pelas marés agitadas dos oceanos tempestuosos das possibilidades poéticas, aos poucos foi se transmudando em um árido deserto abandonado e sem vida, fustigado pelo sol causticante e as constantes tempestades de areias, exterminando gradativamente os resquícios de inspiração que julgava possuir. As luzes e as cores do arco-íris que tanto aspirava foram ofuscadas, fui envolvido por um nevoeiro de conflitos íntimos num mundo sombrio. Os versos e as estrofes – objetos de minhas pretensões – desapareceram por completo, agora apenas tristeza, silêncio e desolação. A impossibilidade de tornar realidade aquele amor que de repente tanto aspirava me transformou em uma pessoa ainda mais triste, mal-humorada e infeliz.

Foi justamente quando surgiu no colégio um concurso de poesias. Uma oportunidade ímpar para exteriorizar todos aqueles sentimentos que num passado não muito distante estiveram presentes e aflorados. Intimamente percebi que o momento era inoportuno. Não obstante a participação ser obrigatória, o trabalho substituiria uma prova e valeria como nota. Minha alma de aprendiz de poeta nesse momento se encontrava mergulhada em profundo ostracismo existencial e poético. A

indiferença de minha musa inspiradora não lograva nenhum alento inspirador. Lembrei-me de que os grandes poetas encontravam na morte o lenitivo para suas desilusões. Decididamente não morreria, por considerar ser ainda indigno de morrer, mas a morte seria minha fonte de inspiração, pois através da poesia exteriorizaria aquele sentimento puro que há muito acalentava e de repente se transformou em sofrimento funesto.

Decidi que faria um poema, a morte seria minha musa inspiradora, a ela chamaria de minha querida donzela, me envolveria em seus braços de amante, em seu colo sedutor repousaria meu corpo cansado das desilusões que o mundo cruel me oferecia. Em seu regaço adormeceria minha cabeça dorida pelas incompreensões humanas. Somente ela, a morte, seria merecedora de meu amor, amor de um aprendiz de poeta, puro e verdadeiro, a esse amor seria fiel eternamente, renunciaria a todas as paixões humanas e terrenas, mergulharia definitivamente nessa aventura sem volta, para libertar-me dos sarcasmos do mundo ingrato. Tinha certeza de que ela me acolheria especialmente, era assim que prematuramente recebia a todos os poetas, juntos desfrutaríamos o mais lúdico e eterno caso de amor. Senti encontrar na morte consolo e uma espécie de satisfação que me proporcionavam uma felicidade desconhecida, fazendo-me sentir melhor.

Penso que minha alma nesse momento era um vulcão que necessitava urgentemente de entrar em erupção. A avalanche de versos incandescentes ha-

veria de fluir através de meu poema, extravasando todo aquele manancial de angústia e despeito que carregava comigo. Acometido de intensa nostalgia, refugiei-me na intimidade daqueles sentimentos que me martirizavam e afligiam, viajei em pensamento através de um mundo obscuro e encontrei na morte toda a inspiração que necessitava. Ela olhou-me nos olhos como uma amante apaixonada, flertou-me docemente através desse olhar e sorriso, num transe transcendental me conquistou de vez, fez aflorar em meus versos a mais sincera e comprometedora declaração de amor.

Meu poema, um tanto confuso, refletia minha decepção por encontrar um amor e sentir que não era correspondido da forma que idealizara. Influenciado por inspirações de poetas consagrados, entendi que na morte encontraria o amor que desejava. O poema que escrevi na época dizia mais ou menos assim:

## A Vida, a Morte e o Amor

Um dia  
Encontrei o amor em meu caminho  
Esse amor mudou minha vida  
Para um triste deserto sem vida  
Dizem que morrer é o fim  
Foi assim que descobri

Que a morte seria vida pra mim  
Gostaria de amar e viver  
Para encontrar o amor na vida  
Sinto que necessito morrer  
Deixar este mundo ingrato  
Sem amor, tornou-se cruel  
Vou encontrar o amor  
Vou procurá-lo além  
A morte será minha lídima donzela  
Amarei somente a ela  
Viver, amar e morrer  
Para isso nasci nesse mundo  
Sem amor a vida não existe  
Morrendo encontrarei o amor  
Amando na morte terei vida  
A morte me dará amor  
Morrer, amar e viver  
É o que farei dessa vida  
Deixar a vida por não encontrar amor  
Na morte encontrarei a vida  
A morte será meu grande amor.

*Antonio Martinez Brentan*

Santa Albertina, 1972 - 2º Colegial

Os avaliadores, considerados aptos e imparciais, por serem professores da área, em minha opinião entenderam que aquela obra literária extrapolava os limites do aceitável, aquela mensagem era demasiadamente inadequada, não poderia ser daquela forma revelada, teria de ser censurada, estrangulada no ninho. Uma declaração de amor feita com tanta sinceridade, que trazia em sua essência o poder de aliciar, influenciar negativamente jovens e adultos, todos que se sentissem rejeitados e infelizes, uma sugestão nefasta para os destinos das pessoas que amam e não são correspondidas, uma solução não recomendável. Definitivamente aquele trabalho, apesar de bem elaborado, digo isso porque recebeu excelente nota, nove, mas infelizmente não poderia ser considerado um poema normal, parecia ser talvez mais um sacrilégio, uma profanação, um atentado explícito ao romantismo, uma apologia à morte inaceitável. Aquela declaração de entrega ao suicídio não poderia ser valorizada nem apreciada, tampouco aplaudida, por isso não poderia ser divulgada.

Quando recebi a notícia da desclassificação de meu poema, deduzi que só poderia ter sido pela essência nefasta e comprometedora de seu conteúdo autodestrutivo. No momento não me decepcionei nem fiquei revoltado, pelo contrário, deixou-me orgulhoso por ter conseguido extravasar através de palavras escritas todo aquele desconforto que estava sentindo. Fiquei convencido de possuir em estado nascente os atributos de um

poeta de verdade e já ser digno da censura literária, muito em voga na época.

A preocupação daquelas autoridades, que detinham entendimentos dilatados, certamente procedia, avaliaram e julgaram corretamente, pois aqueles meus versos continham um manancial de ideias que poderiam persuadir negativamente o psiquismo das pessoas. Representava um perigo para a sociedade, principalmente para os jovens, uma obra literária nociva, com elevado grau de periculosidade, necessitava ser amordaçada, ferida de morte e sepultada definitivamente. Amar com tanta intensidade, sendo capaz de imputar tanto sofrimento, tanta decepção, a ponto de renunciar às paixões terrenas, se entregar para a morte, o corpo e a alma, com tanta convicção e determinação, era deveras inconcebível.

Concluí que aqueles avaliadores eram pessoas previdentes e sensatas. Mas certamente não conheciam como eu a intimidade dos grandes e consagrados poetas e a mensagem de suas obras, como as de Fagundes Varela, Augusto dos Anjos, Castro Alves, Olavo Bilac e uma infinidade deles, que em seus momentos mais angustiantes se refugiavam nesse universo nebuloso desconhecido, a que chamamos morte. Nela encontravam o consolo e a inspiração tão ausente neste mundo de viventes insensíveis. Não imaginavam que nesse outro mundo é possível viajar em pensamento com plena liberdade, transitar por esferas esterilizadas dos miasmas e das incompreensões e realizarmos todas as nossas mais desejadas aspirações. Não entendia que o mundo físico real para o poeta às

vezes se revela pobre, inóspito e cerceador, deprimente e ridicularizador. Era justamente assim que me sentia, imaginava dessa forma o sentimento dos verdadeiros poetas. Refletia com fidelidade meu estado de espírito, encontrava-me desiludido com o mundo em que vivia, devido à impossibilidade de levar a efeito um amor tão inocente e verdadeiro, fadado a fracassar desde a sua concepção.

Penso que, se aquele poema tivesse sido escrito e publicado por um poeta consagrado, certamente todos reconheceriam que aquelas palavras eram sinceras, perceberiam que aquele espírito romântico estava passando por um sofrimento asfixiante extremo, que seu coração sensível se encontrava dilacerado por um amor não correspondido. Mas quem havia escrito era um simples jovem sem expressão, um reles aprendiz de poeta. Julgavam que meu coração não era capaz nem poderia estar sentindo todas aquelas angústias, que eu era incapaz de amar com aquela intensidade, certamente aquelas minhas palavras não eram autênticas, eu e meu amor éramos uma grande mentira. E o meu poema era um lixo sem valor, que deveria ser sumariamente descartado. Somente os poetas reconhecidos tinham o direito de se entregar à morte por amor, somente eles poderiam declarar que amavam a morte. Quando eles escreviam, indubitavelmente eram poesias românticas, mas sendo eu o poeta, soava como uma profanação, uma apologia à morte inconcebível.

Então, para me refugiar deste mundo que massacrava, contamina e entedia, antes do início das aulas e na

hora do intervalo me isolava, sentava em um banco de pedra que existia ao lado do corredor de acesso ao interior do colégio, ficava ali sozinho pensando, ouvindo a música de Jonh Lenon, que vinha das caixas de som que existiam fixadas na estrutura metálica que sustentava as telhas da cobertura do pátio do colégio. Imaginando, como na música, um mundo diferente, onde as pessoas se sentissem aceitas, inseridas e amadas, capazes de interagir sem dificuldade uns com os outros, onde seria possível realizar os sonhos aparentemente improváveis. Acreditava que somente um milagre conseguiria tirar de meu coração aquela tristeza que me oprimia, aquele sentimento de rejeição e isolamento. Olhava os pequenos grupos de jovens descontraídos, sorridentes e descompromissados, alheios às incompreensões e irreverências do mundo, comparava-me a eles e me considerava diferente, certamente eu era diferente, não tinha nem ao menos o direito de amar e me entregar à própria morte. Por que sentia que a morte me aceitaria a qualquer momento?

Todas aquelas impressões eram concepções minhas, me comportava como uma pessoa altruísta, incorporando a suposta filosofia de vida dos poetas românticos, acreditava que o mundo humano era parcial e injusto, e a felicidade plena somente encontraria na morte, onde encontrei a fonte das minhas fatídicas inspirações. Mas se em hipótese, propositadamente, consumasse minha morte, será que alguém se lembraria que meu poema fazia apologia à morte? Que meu sofrimento era real e

verdadeiro? Havia mandado um recado, mas ninguém tinha entendido nem acreditado.

Conceição, a menina que trazia suas tranças amarradas com pequenos laços, ora amarelos, ora vermelhos, estava presente. Infelizmente ela era real e existia, parece que gostava de passar por mim, cada vez eu a via ainda mais linda. Sentia que meu peito tinha se transformado definitivamente em um árido deserto abandonado e sem vida, fustigado por esse sentimento de rejeição. Por alguns momentos pressentia que ela me olharia, sentia um resto de esperança renascer e apesar de tudo meu coração continuava pulsando e se esquecendo de parar. Apesar de ela morar dentro de mim, passava por mim e não me olhava, penso que fazia propositalmente, para retirar aquele resquício de vida que não mais me pertencia. Sua atitude cada vez mais me arrasava. Ah, se soubesse o quanto a amava, que estava sempre presente em meus sonhos, levantava comigo de manhã e continuava o dia todo, me acompanhava por onde estivesse, trabalhando no meio do cafezal, colhendo milho no meio do carrapicho, capinando o mandiocal, sempre representando a personagem principal de meus romances, juntos compartilhávamos os momentos mais lídimos que minha imaginação concebia! Como gostaria de tê-la ao meu lado! Somente assim poderia me transformar em um poeta de verdade, escrever lindos versos de amor, transmitir esperança, transbordar felicidade, fazer-me forte e feliz. Certamente eu seria a outra pessoa que tanto idealizava e desejava.

Então, como consolo, na tentativa de arrefecer aquele sofrimento que me martirizava, imaginava que talvez sentisse o mesmo por mim e fôssemos iguais em tudo – apaixonados, tímidos e covardes, sofríamos solitariamente, cada um à sua maneira, nenhum com coragem e a humildade de se revelar. Se soubesse que eu necessitava apenas de um olhar e um sorriso seu seria suficiente para expulsar de meu coração a dúvida e dar lugar à certeza e com ela a coragem! Apesar de nunca antes ter tido uma namorada, sentia ser minha obrigação tomar a iniciativa, mas, diante de sua indiferença, a prudência me aconselhava a inconfortável condição de manter a existência das possibilidades, seria melhor que conhecer uma realidade cruel que me ridicularizasse e acabasse definitivamente, destruindo aquele sonho que imaginava possível, pois eu necessitava ao menos dessa ilusão para continuar existindo.

Esse sentimento era um segredo pessoal, nunca tive coragem de compartilhar com ninguém. A maneira como eu a olhava revelava explicitamente tudo que sentia, em alguns momentos penso que somente ela poderia ter essa certeza absoluta. Por que me ignorava daquela forma? Não poderia ser assim tão desprezível, me considerava até uma pessoa apresentável, um rapaz de boa índole, trabalhador e honesto, um bom filho, bom aluno. Apesar de intimamente me considerar menos que nada. Acho que intencionava enlouquecer-me, nada alterava seu procedimento, aquela paixão não correspondida ridicularizou tanto meu orgulho

com sua insensatez, foi matando pouco a pouco todo o romantismo que existia em meu coração. Por questão de sobrevivência teria que renunciar àquele amor para sempre. Decidi que a esqueceria, também abandonaria o sonho de ser poeta. Definitivamente concluí que sofrer não era nada bom, morrer por um amor era meritório somente para os poetas consagrados, somente eles gozavam dessa prerrogativa. Entendi que morrer por um amor ingrato era um ato de insensatez, uma atitude não inteligente e ridícula. Aquela garota deveria ser mais um submarino, bonita por fora e vazia por dentro, como eu mesmo costumava qualificar a idolatrada de meu melhor amigo.

Quando retornamos das férias de final do ano, tinha mil planos em mente. O longo período que passei sem vê-la fez crescer em meu coração um sentimento de aversão que acreditava ter atingido o extremo de agora odiá-la. Estava realmente decidido a ignorá-la e arrancá-la definitivamente de mim.

Foi desta forma que fiquei sabendo que ela havia se mudado, senti no peito um misto de saudade e alívio como se ela tivesse levado consigo todo aquele meu primeiro amor, meus sonhos e meu romantismo, como também meus sofrimentos de aprendiz de poeta. Senti-me ainda mais pobre, como um órfão desprotegido, meu coração agora se encontrava anestesiado, estranhamente estava mais feliz, sentia uma estranha e desconhecida vontade de rir e chorar ao mesmo tempo. Depois dessa fase em que a poesia e essa paixão fictícia

bagunçaram a minha vida deixando um legado de ensinamentos, definitivamente tinha decidido que a partir daquele momento eu seria uma outra pessoa, não faria mais versos nem me apaixonaria.

Essa experiência equivocada inexplicavelmente fez nascer em mim uma personalidade previdente. Sentia-me imunizado de sentir emoções transcendentais, olhava para as meninas como um investigador, procurando identificar em cada uma delas algum detalhe onde se escondia seu potencial de peçonha e crueldade. Não obstante parecerem anjos inocentes e inofensivos, tinha a impressão de que todas eram cruéis e portavam em algum escaninho do corpo ou da alma, camuflado no olhar, no sorriso ou no modo de andar, dardos venenosos ávidos de serem projetados para contagiar um coração descuidado e imprevidente, para depois vilipendia-lo e desprezá-lo. Eu havia me despojado de toda aquela inocência e romantismo cultivados e idealizados até então. Decididamente tinha me transformado em um ser insensível, aquele aprendiz de poeta enrustido não existia mais. Das cinzas daquela hecatombe surgiria a partir daquele momento um aprendiz de Don Juan.

15/08/2018

*Obs.: Texto aproveitado do livro Estranhos Valores, momento em que se iniciava minha procura pela pessoa que completaria minha vida.*

# Aprendiz de Don Juan

**P**ARA QUEM DESCONHECE A história de Don Juan de Marco, segundo roteiro de um filme que conta sua trajetória de conquistas amorosas, que há muito tempo assisti, foi um rapaz espanhol de origem nobre, pertenceu a uma família aristocrática, que viveu na Idade Média. Esse moço se apaixonava com uma intensidade avassaladora, quase sempre por mulheres comprometidas (casadas), mesmo assim não ocultava seus sentimentos e não se omitia em levar a efeito suas intenções, culminando sempre em romances tumultuados, que não deixavam de gerar confusões marcantes, situação atípica para os costumes da época, quando esse tipo de comportamento era considerado um delito grave, que cobrava reparação de honra quase sempre a fio de espada. Nessa época imperava o uso do duelo para solucionar desavenças pessoais, dividindo a opinião da sociedade conservadora. Como era uma atitude condenável, pressionado, passou

a frequentar um psicanalista para libertar-se desse comportamento considerado pelo populacho como grave distúrbio mental. Através de suas confidências, tornou-se grande amigo do médico. Depois de longas sessões, com base em seus relatos picantes, o analista o considerou uma pessoa normal, que gozava perfeitamente de suas faculdades mentais. Diagnosticou seu caso como ímpeto compulsivo de natureza sentimental passageiro, ou seja, um amante incorrigível. Herói romântico para as mulheres, marginal conquistador leviano para os homens. A literatura sensacionalista, através do tempo, acabou superestimando essas aventuras amorosas, atribuindo-lhe números inconcebíveis, que acabou por transformá-lo em uma lenda, ícone dos conquistadores. Seu nome hoje é sinônimo de namorado.

\* \* \*

Foi um tempo, e este tempo eu não esqueço. Logo depois dos acontecimentos acima relatados em “Poeta enrustido”. Um momento obscuro para meus sentimentos nascentes, quando me apaixonei pela primeira vez, que resultou em um amor frustrado, culminando em minha primeira de muitas outras decepções sentimentais que viria a experimentar no decorrer de minhas experiências amorosas, devido à minha inexperiência e à maneira equivocada de lidar com a ciência de amar, que quase sucumbiu-me. Talvez pela incapacidade de enfrentar uma situação adversa desafiante, mas aque-

la experiência frustrante não me faria desistir de levar a efeito a necessidade de procurar e encontrar uma namorada e quiçá um grande amor. Apesar de minha insignificância, imaginava que conhecer o universo romântico feminino me faria inteirar de um lado ainda obscuro de minha personalidade. Tinha necessidade de afastar aqueles pensamentos derrotistas, que de certa forma provocavam desinteresse pelas coisas da vida, o desejo de ser alguém, conquistar meu espaço, realizar uma série de possibilidades, fazendo-me desistir mediante as dificuldades que apareciam. Entendi que aquele era um momento decisivo, mudaria minha maneira de agir ou fracassaria definitivamente.

Então resolvi ir à luta, agora estava decidido, agiria de forma previdente, não me apaixonaria mais, não criaria histórias fictícias, nada de romances e poesias. Teria que agir de forma contundente, usar métodos práticos eficientes para conhecer as intrincadas maneiras de aproximar dessa espécie conhecida como sexo frágil, mas intimamente descobri que também poderia se revelar perigosa e peçonhenta, para não correr o risco de me transformar em vítima novamente. De forma cautelosa começava a trajetória de conquistas de um aprendiz de Don Juan. Trajetória que teve duração de aproximadamente seis anos.

Minha intenção era descobrir as artimanhas da psicologia feminina na arte de amar, conhecer seus poderes ocultos que têm capacidade de nos envolver e dominar para depois nos vilipendiar. Então em minha imaturidade, nessa época tinha dezesseis anos, saí

a campo me cercando de alguns cuidados básicos para não me machucar nem me tornar presa fácil de uma armadilha. Primeiramente teria de superar a timidez que paralisava minhas ações. Ponderei que as coisas deveriam acontecer naturalmente. Quando percebesse que haveria alguma possibilidade de êxito, tomar a iniciativa e ir direto aos fatos, o máximo que poderia acontecer era receber um não desconcertante, mas depois daquela experiência malsucedida, devido à minha própria incúria e despreparo, sentia que devia ir à forra e superar aquele fracasso inicial. Sentia que meu coração estava de certa forma imunizado. Percebi que não era um ser assim tão desprezível, que possuía meus atrativos e valores, também era capaz de cativar, só teria que encontrar a pessoa certa, que demonstrasse que também estava interessada.

Com o passar do tempo, depois de conhecer a primeira namorada, como já tive oportunidade de relatar em meu primeiro livro, *O tempo não apagou*, como nossos encontros eram muito espaçados, aconteciam somente em algumas datas especiais, que eu sabia perfeitamente quais. Nas noites de sábado e domingo, ficava sentado em um banco da praça, fazendo companhia e conversando com meu amigo e colega de escola, “Ademir Vieira dos Anjos”, aquela solidão fazia sentir irresistível necessidade de acelerar minhas experiências amorosas. Como desfrutava da confiança de meu amigo e conhecia as razões de sua infelicidade, convenci-o de que estava na hora de mudar sua maneira de agir e superar aquela sua paixão doentia não correspondida. A

solução seria iniciarmos nossas carreiras de aprendizes de conquistadores. Esses namoros certamente nos capacitariam para empreitadas mais complexas no futuro. Deveriam ser muito rápidos e sem nenhuma importância, não seríamos exigentes, não teríamos nenhum preconceito, poderiam ser altas ou baixas, gordas ou magras, brancas ou negras, feias ou bonitas. Só considerá-íamos concluído o namoro quando conseguíssemos atingir nosso objetivo: beijar a menina várias vezes.

A princípio descartou tal possibilidade, mas a ideia ganhou força quando lhe falei daquelas duas mocinhas muito parecidas, que andavam também sempre juntas, e nos sorriam discretamente. Na primeira oportunidade que passaram por nós pedi que se sentassem para conversar. Somente a mais adulta veio se sentar entre nós, levantei-me e fui conversar com a outra que estava de pé esperando, convidei-a para sentarmos num banco próximo para conversarmos, dessa forma descobrimos que eram irmãs. Depois de algumas experiências bem-sucedidas, chegamos ao extremo de algumas vezes trocarmos de namoradas. A tática consistia em namorar por alguns finais de semana, levá-las ao cinema, acompanhá-las até próximo às suas casas, altas horas da noite, até quando conseguíssemos atingir nossa meta, depois combinávamos terminar os namoros. E cada um dar em cima da ex-namorada do outro, e sempre conseguíamos. Quando as meninas percebiam que propositadamente havíamos trocado as namoradas, nos dispensavam imediatamente, sem nos dar tempo para consumir nossas intenções.

Sabiam que éramos amigos de longa data e andávamos sempre juntos.

A ideia surgiu quando namoramos essas duas irmãs. Percebi que a namorada de meu amigo era mais acessível e maleável, talvez por ser mais adulta e experiente, me tratava com uma intimidade, diria, suspeita. Então, coloquei-o a par da situação, ele duvidou que sua namorada estivesse dando mole para mim, dei-lhe a ideia e ele aceitou a sugestão. Em poucos dias os casais estavam literalmente invertidos, sem nenhum constrangimento ou ressentimento, as irmãs eram muito amigas e democráticas, aceitaram a permuta normalmente. Por segurança meu namoro durou pouco tempo, a menina era muito arrojada para meus propósitos, mas o namoro de meu amigo durou mais tempo.

Dessa forma, entre namoros fortuitos, de pouca duração, transcorreu o ano de 1973, tínhamos encerrado nossos estudos na escola pública. A família de meu amigo havia decidido mudar para Americana, no estado de São Paulo, na esperança de encontrar melhores empregos. Meu pai finalmente havia conseguido trocar nossos dois sítios por uma área maior de terras no estado de Minas Gerais, como já disse, pensando em nosso futuro, desse modo decretando o fim de nossas carreiras de estudantes. De certa forma estávamos felizes, ali tinha trabalho duro em abundância para todos os gostos e disposição. Como fomos criados no batente, enfrentando todo tipo de trabalho rural desde pequenos, certamente ali conseguiríamos sobreviver, quiçá assegurar nosso futuro.

No início do ano 1974 nos mudamos para nossas terras em São Sebastião do Pontal-MG, levei comigo todo aquele aprendizado de conquistas, adquiridos na escola da vida naquele breve estágio de experiências amorosas. Estava apto a colocá-las em prática agora em território mineiro assim que surgisse a primeira oportunidade. As oportunidades lentamente começaram a aparecer, agora menos afoito e mais seletivo, afinal estava com dezoito anos. De vez em quando íamos a algumas festas em fazendas próximas, com mais frequência na cidade, melhor dizendo, em nossa vila, São Sebastião do Pontal, que na época era bastante movimentada. Nesses lugares que ia sempre deixava uma recordação e trazia comigo uma grata lembrança, para amenizar a dura realidade da rotina do dia a dia em nossa fazenda, no córrego Brejo dos Cavalos.

Esses namoros não eram nada sérios, mas à medida que o tempo passava, mais autoconfiança adquiria. Quando comecei a lecionar em 1975, como já tive oportunidade de registrar, na obra *O tempo não apagou*, as portas, que não eram tão estreitas, escancararam de vez. Se as coisas não eram difíceis para um professor, imagine quando entrei para o Banco do Brasil, agora em território mato-grossense. Com toda aquela bagagem de experiências, as namoradas se alternavam numa rapidez alucinante. Foi aí que recebi a fama de Don Juan, modéstia à parte, penso que fazia jus ao título, muito embora nunca me envolvesse com mulheres comprometidas, como nosso herói es-

panhol. Minha carreira de conquistador terminou rápido, quando comecei a namorar minha esposa, a Zara. Nessa ocasião, certa feita, pressentindo que havia encerrado o ciclo de minha incessante procura pela pessoa que idealizava, resolvi fazer um balanço para ter uma ideia do número de namoros mais ou menos sérios que havia perpetrado até então, no período de seis anos, 1972/1978. De acordo com essa estatística cronologicamente relemburada, foram aproximadamente oitenta namoradas.

Para dizer a verdade, hoje não tenho nenhum orgulho dessa marca, talvez tenha mais ressentimento. Poderia ter sido apenas aquele primeiro amor, que não tive coragem nem capacidade para conquistar, ou simplesmente aqueles casos relatados em meu primeiro livro *O tempo não apagou*. As outras pouco representaram, hoje não me lembraria mais de dez ou doze nomes. De um detalhe posso me orgulhar: nunca faltei ao respeito com nenhuma delas. Antigamente a maioria das meninas se davam ao respeito. E aquelas que não valorizavam essa condição eram preteridas pelos rapazes idôneos e responsáveis. O rapaz um pouco inteligente conhecia e respeitava seus limites e sabia perfeitamente das implicações caso extrapolasse esses limites. E o mais importante é que hoje não estaria vivendo com a consciência tranquila, talvez não teria coragem de abrir o livro de meu comportamento sentimental, confessar abertamente sem nenhum pudor para todo mundo, inclusive para esposa, filhos e netas, e me orgulhar de poder compar-

tilhar sem nenhum constrangimento esse assunto tão particular e pessoal.

Esse meu depoimento tem caráter de confidencialidade. Não quero julgar comportamento de ninguém, muito menos condenar procedimentos de quem quer que seja. Segundo orientação de *O Livro dos Espíritos*, o homem deve viver conforme os costumes de seu tempo. Os homens e os costumes estão em constante evolução, impulsionados pela imprescindível e necessária Lei do Progresso. Mas é importante compreender que Progresso pressupõe evolução em todos os sentidos – material, intelectual, moral e espiritual. Tudo que fazemos de prejudicial às pessoas, principalmente referentes a seus valores íntimos pessoais, deixam marcas profundas que não se apagam facilmente, não somente na consciência dessas pessoas, mas principalmente na consciência de quem provocou tais marcas.

24/08/2019

# Uma História Real de Amor

**T**ALVEZ INFLUENCIADO PELAS reminiscências de um passado, quando eclodia em mim o desejo de revelar o meu lado romântico e poético, aflorado em um momento muito especial de minha adolescência, quando despertava em meu coração a intenção de encontrar um grande amor para aplacar um universo de sensações que me incomodava, foi que senti que tinha muito com o modo solitário que até então era minha vida. Tenho a intenção de escrever algumas histórias de amor, algumas verídicas acontecidas na época de minha infância, que de certa forma ficaram gravadas em minha memória, outras fictícias para justificar a forma como interpreto esse acontecimento especial que ocorre na vida das pessoas, que nem todo mundo enxerga com o determinismo com que acontece, porque toda história intrincada de amor tem uma razão

de existir, muitas vezes planejada alhures para equacionar pendências pretéritas, que, se cumpridas com resignação, têm o poder de proporcionar ganho moral significativo. Por essas e outras, decidi começar revelando os intrincados caminhos percorridos nessa história, confessar particularidades da trajetória desse romance que interrompeu minha aparente carreira de Don Juan.

Não obstante meus leitores conhecerem essa história, relatada em meu primeiro livro, procurarei não ser muito repetitivo. Começou como mais um simples caso de amor, igual a tantos outros, mas já dura mais de quatro décadas e a cada dia nos dá a certeza de que foi uma decisão muito acertada, não pelo fato de durar esse tempo todo, mas por esse amor ter a capacidade de se tornar maior e melhor a cada dia, o que nos dá a certeza de que através dessa convivência se transformou em um verdadeiro amor, e assim será para a vida toda.

Em meu terceiro livro, *Estranhos valores*, no capítulo “Romance perfeito”, tive a felicidade de escrever uma frase que reflete para mim uma grande verdade: “*Nada nos faz mais felizes nesse mundo que vivenciar um grande amor*”. Felizmente esta convicção está embasada em minha própria história de amor. A princípio não sabia que era um amor assim tão grande, mas ao reviver acontecimentos posso dizer que soube reconhecê-lo quando tive a felicidade de encontrá-lo. Através desse período de convivência estou cada vez mais convencido de que, apesar dos intrincados caminhos percorridos, tive a felicidade de encontrar o amor de minha vida.

Mas esta convicção só foi adquirida através do tempo, penso que Zara, minha esposa, foi a grande responsável por haver proporcionado os meios para que hoje eu tenha essa consciência. Foi necessário conviver com uma pessoa que enxergava a vida sob outro prisma, para convencer-me da necessidade de minha imprescindível mudança de postura. Corroborado com os ensinamentos que adquiri através da Doutrina Espírita, percebi a necessidade de implementar profunda reforma íntima em minhas atitudes e velhas convicções, reconhecer o quanto somos falhos, ter a humildade de aceitar que é necessário gradativamente alterar nossos conceitos e procedimentos, o quanto somos arrogantes e convencidos, por desconhecer o quanto agimos equivocadamente.

À medida que fui modificando principalmente minha maneira de pensar, conseqüentemente a de agir, senti uma melhora substancial na qualidade de meus sentimentos, proporcionando-me uma paz interior que até então desconhecia. Foi muito importante entender que essa mudança é uma necessidade progressiva contínua. Temos consciência de que apenas iniciamos essa transformação, mas adquirimos a capacidade de reconhecer que ainda estamos muito distantes do ideal.

15/09/2019

# Uma Noite de Festa

**H**AVIA DECORRIDO QUASE UM ano que morava em Barra do Garça, agora em solo mato-grossense, com um emprego promissor, minha vida transcorria naturalmente, meu coração romântico tentando apagar resquícios de paixões mal resolvidas que haviam ficado no passado, que despertavam e adormeciam numa simbiose contínua, fazendo-me lembrar que talvez estivesse na hora de encontrar um grande amor, para sepultar definitivamente aquelas reminiscências, que de certa forma deixaram marcas que não desapareciam definitivamente. A solidão algoz às vezes me surpreendia, uma espécie de vazio me impulsionava a procurar por descaminhos, a qualquer custo, um bálsamo para amenizar a carência de uma companhia verdadeira. E as experiências amorosas se sucediam, sem muito critério e razão de ser, mais para fugir da solidão avassaladora. Sentia que minhas palavras não tinham mais o romantismo nem a sinceridade de antes, o artificialismo das relações deixava em minha consciência

um remorso irremovível, que de certa forma incomodava, fazia sentir-me inconsistente, oportunista e falso, então logo desistia daqueles namoros insignificantes. Logo a solidão renascia fazendo ressuscitar sentimentos que já havia decidido, para meu próprio bem, excluir dos arquivos da lembrança, mas infelizmente existiam ainda.

Para todos era uma noite de festa, para mim mais uma noite, mais uma festa, como tantas outras, sem nenhuma importância, estava acompanhado de vários colegas de trabalho, mas no íntimo estava solitário me sentindo sozinho. Infelizmente às vezes temos que usar o verniz da alegria artificial, então brincamos, sorrimos, mas por dentro estamos sofrendo. Por sentir a ausência de uma companhia que sentimos ser um grande amor, principalmente quando já tivemos no passado a oportunidade de experimentar essa sensação, a companhia de um ser em quem se pode confiar, confidenciar todas as desilusões e incertezas, preencher o vazio que nos faz sentir incompleto. Então para superar essa deficiência usa-se o subterfúgio da bebida, um disfarce que ajuda a esconder uma realidade que não desejamos deixar transparecer. Esse recurso, para meu próprio bem, felizmente sempre fez muito mal para minha saúde, as poucas vezes que utilizei desse artifício, talvez por influência das companhias, não deixaram boas recordações. Era mais ou menos nessa situação que me encontrava e estava me sentindo naquela noite de festa.

Não imaginava que aquela seria uma noite especial, que não muito distante de mim, naquele mesmo espaço,

em uma outra mesa, sentada em uma cadeira, acompanhada de várias amigas, estava uma menina morena de dezesseis anos, vestia elegantemente um vestido preto, cabelos tratados e penteados com esmero, maquiagem discreta, deixando exalar um perfume suave, nos lábios trazia da mesma maneira um sorriso forçado, disfarçava uma contrariedade que lhe oprimia o coração, talvez intimamente também estivesse se sentindo sozinha como eu.

Sem entender minha repentina atitude, deixei a companhia de meus colegas, me dirigi meio trôpego até aquela mesa, impulsionado pelo efeito encorajador da bebida estimulante, deixava transparecer uma alegria e segurança que não possuía, cumprimentei a todas com civilidade e gentileza que me eram peculiares para essas ocasiões, quando se deseja encontrar um lenitivo para amenizar um estado de carência sentimental. A única pessoa conhecida naquela mesa era a Gláucia, uma mocinha de uns quatorze anos, muito bonita, comunicativa, sorridente e simpática, apresentou-me de forma generalizada a todas as outras meninas, que deviam ser quatro ou cinco, dizendo: “Este é um amigo, trabalha no Banco, chama-se Antonio. Vocês o conhecem?”

Ninguém lhe respondeu, cumprimentaram-me com formalidade de forma mecânica e automática, exibindo apenas sorrisos fabricados.

Por coincidência naquela mesa existia uma cadeira desocupada e estava do lado da menina morena à qual fiz referência. Poderia estar do lado de qualquer uma outra, teria sentado da mesma maneira, mas estava jus-

tamente do lado. Penso que nunca a havia visto antes. Percebi que era uma menina muito bonita e demonstrava seu estilo recatado, de poucas palavras, que exigia que o interlocutor tomasse a iniciativa, como sempre apreciei. Não perderia aquela oportunidade por nada, perguntei o seu nome, respondeu-me com civilidade e *pro forma*:

— Me chamo Zara Lúcia, sou tia da Gláucia.

— Conheço a Gláucia, há algum tempo, é uma pessoa muito legal. Mas quantos anos você tem?

— Tenho dezesseis anos.

— E já tem sobrinha dessa idade?

— Tenho sobrinhos mais velhos que eu. Você não conhece o Carlos e o Marcos, irmãos da Gláucia?

— Não, conheço somente a Gláucia.

— Sou irmã da Ana Lúcia, esposa do Irapuan. Você também trabalha no Banco, não é?

— Trabalho. Então você é cunhada do Irapuan?

— Sou.

Irapuan era um funcionário antigo do Banco, que exercia um cargo de chefia, também estava presente nesta festa, acompanhado da esposa e dos três filhos.

Em seguida me perguntou:

— Meus olhos não estão vermelhos e inchados?

Aproximei-me um pouco de seu rosto bonito, olhei demoradamente dentro de seus olhos negros e o que senti me fez frágil e pequeno, por isso consegui dizer apenas:

— Não, por quê?

— Chorei tanto antes de vir para esta festa que quase desisti de vir.

Sem mais conseguir deixar de olhar dentro de seus olhos e ficar imaginando como era possível uma menina tão linda como ela chorar, perguntei:

— Por que você chorou?

— Bobeiras.

Aquela resposta evasiva não me convenceu, senti que poderia estar escondendo uma razão séria. Quando ia insistir para que me revelasse o motivo que a tinha feito chorar, chegou alguém dizendo que estava na hora de todas irem embora. Todas se levantaram, ela particularmente estendeu-me a mão dizendo:

— Como é seu nome mesmo?

— Meu nome é Antonio, mas me chamam de Piau.

— Foi um prazer conhecer você.

— O prazer foi todo meu.

E saíram todas sorrindo. Fiquei sentado sozinho por mais alguns minutos, lamentando a rapidez daquela conversa, que começava a ficar interessante, senti que a mocinha era recatada, muito simpática e comunicativa. Infelizmente aquela festa e aquela noite não haviam logrado o êxito almejado. Apesar da tentativa, o resultado tinha sido insatisfatório, pois não tive tempo suficiente para consumir minhas verdadeiras intenções, que consistiam em conhecer os segredos que escondia o coração daquela menina tão bonita e elegante, que deixava transparecer refinada maneira de se portar e sobriedade no jeito de se expressar. Conhecer a situação de sua con-

dição sentimental, certamente eu a envolveria naquela conversa e retiraria informações que muito me interessavam, como saber a real situação de sua vida amorosa. Uma mocinha com todos aqueles atributos não deveria ser sozinha. Reconhecia que havia chegado um pouco tarde, inexplicavelmente sentia que estava de certa forma feliz, aquela era uma menina diferente, havia deixado boa impressão, talvez nunca mais a veria, talvez morasse até em outra cidade, mas sua companhia pareceu-me proporcionar uma felicidade real, que há muito tempo não sentia.

18/09/2019

# O Reencontro

**O**S DIAS SE SUCEDIAM SEM nenhum fato novo relevante de que tenha lembrança. Deviam ser nove horas da noite, saí do trabalho, ia comer um lanche, depois ir pra casa, como sempre fazia. Na rua encontrei a Gláucia, começamos a conversar, por algumas vezes me falou sobre a Zara, dando-me a impressão de que eram muito amigas. A princípio não conseguia ligar o nome à pessoa. Talvez pelo efeito da bebida que havia tomado naquela noite, havia me esquecido o nome da personagem principal daquele episódio malsucedido. Perguntou-me se não gostaria de conversar com sua tia Zara. Aquela referência fez-me lembrar da conversa com a menina bonita que conheci na festa.

— Gostaria sim, respondi.

Então fomos conversando até quando paramos em frente da pensão de sua avó.

— Espere aí, que vou chamar minha tia.

Entrou e não mais retornou. Depois de alguns minutos de espera apareceu a Zara, deveria estar reali-

zando algum trabalho doméstico ou talvez estudando, estava vestida em trajes caseiros com simplicidade, sem maquiagem alguma, chegou sorridente cumprimentando-me com naturalidade.

Aquela menina simples em nenhum momento lembrava a mocinha bonita e elegante que conheci na festa no clube. Mas seu olhar e sorriso devolviam-me aquela felicidade real que experimentei no dia em que a conheci. Sua simpatia e simplicidade faziam-me sentir que ao seu lado poderia ser eu mesmo, poderia despir-me de todas as falsas aparências, poderia confiar-lhe todas as minhas fraquezas e deficiências, ao seu lado sentia que éramos iguais, mesmo assim tinha o poder de me iluminar. Ao seu lado eu poderia ser verdadeiro, não necessitava interpretar uma pessoa irreal para impressionar, ela deveria me conhecer exatamente como era realmente. Um rapaz comum, até um pouco simplório e matuto, devido às minhas origens de moço da roça.

À medida que conversávamos, sentia que ela também procurava se revelar exatamente como era, seu procedimento confirmava que se tratava de uma pessoa verdadeira, que me dizia coisas ingênuas e outras interessantes, deixando transparecer uma personalidade imatura, mas sincera em tudo que dizia, como se já nos conhecêssemos de longa data.

O tempo passou rapidamente, de repente percebi que estava na hora de ir para casa. Despedi-me justificando o adiantado da hora, apertando sua mão. À medida que ia andando, ela me acompanhava dizen-

do coisas, como querendo revelar um lado descontraído que me faria compreender que possuía outros recursos ainda mais interessantes, que possuía um universo de valores capazes de transformar aquela minha vida insignificante para melhor.

Não me precipitei, sentia que aquele reencontro teria que deixar a melhor das impressões, tudo haveria de acontecer naturalmente, meu coração necessitava de um novo grande amor. Um amor diferente, alicerçado em verdades e sinceridade, por entender que aquela menina possuía um universo de qualidades que há muito procurava, que me fizesse despojar de velhos sentimentos falidos, que em alguns momentos foram maculados por acontecimentos indesejáveis, ressuscitando esporadicamente e me fazendo sofrer ainda.

Aquela conversa permitiu que eu tivesse a melhor das impressões a seu respeito e conhecesse a real situação de seus sentimentos, apesar de me fazer entender que havia um outro pretendente, que não me preocupou. Passados alguns dias, o telefone de meu local de trabalho tocou, era a Zara me convidando para assistir a um filme no cinema da cidade. Aquele convite era o sinalizador promissor que eu necessitava, talvez não tivesse coragem nem a iniciativa de lhe fazer esse mesmo tipo de convite, por medo de precipitar os acontecimentos. Desejava muito aprofundar aquela relação, sentia-me bem ao seu lado, então lhe respondi:

— Caso terminasse meu trabalho até o horário da sessão, eu iria.

Antes do horário do filme a esperava em frente ao cinema, chegou acompanhada pela Gláucia e mais alguns outros sobrinhos e colegas. Cumprimentei a todos com formalidade. Quando me dirigi para retirar os ingressos, entregou-me o dinheiro de sua entrada. Achei estranha aquela atitude, mas não recusei, entramos no cinema, sentei-me numa cadeira entre ela e a Gláucia. Quando as luzes se apagaram, peguei em sua mão, não recusou apertando ligeiramente, era a senha que necessitava, eu estava feliz. Esperei mais alguns minutos, levei meu braço esquerdo sobre seu ombro, continuou imóvel, com a mão direita segurei seu queixo e beijei sua boca respeitosamente, retribuiu o beijo com naturalidade, como se desejasse que tudo deveria acontecer daquela forma. Penso que naquele momento nascia uma relação que nunca mais poderia ser interrompida. Aquele beijo consolidava um amor que sentia que já existia.

Quando terminou o filme, saímos do cinema de mãos dadas, fomos andando lentamente pelas ruas em direção à sua casa. Ficamos um pouco para trás, agora não me sentia mais sozinho, aquela companhia preenchia um espaço que há muito tempo vinha procurando preencher. No primeiro momento percebi que aquela menina tinha um mundo particular todo seu, uma redoma onde pululava uma infinidade de sonhos, um pouco distanciado da realidade e das asperezas da vida. Enxergava o futuro com uma certeza ingênua, em que todos os seus sonhos se realizariam com a facilidade de um conto de fadas. Então permitia que ela divagasse à von-

tade, queria conhecer o limite de suas aspirações, mas seus sonhos não tinham barreiras nem fronteiras, para sua coragem e fantasias não haviam obstáculos intransponíveis. Lembrei-me de uma fase da vida, quando tinha sua idade e o mundo para mim era um celeiro de oportunidades e facilidades, mas à medida que o tempo foi passando a realidade ia descortinando-me as dificuldades, então percebi que as coisas não se realizariam assim tão facilmente. Mas ela não tinha ainda despertado para esse momento revelador, ela ainda tinha o direito de continuar sonhando. Não seria eu quem iria dizer que a vida real é cerceadora, caprichosa, até mesmo cruel. Então permitia e ela gravitava, flutuava em devaneios e seu mundo era um paraíso facilmente acessível. Apesar de saber que aqueles sonhos eram próprios da idade, limitava-me a ouvi-la, achava graça e não interferia.

Decorridos uns dois meses do início de nosso namoro, já havia me acostumado com seu jeito utópico de projetar o futuro, sabia que aquelas fantasias com o tempo se desvaneceriam como fumaça ao vento. Foi quando Zara me comunicou que seu cunhado, Irapuan, havia sido nomeado gerente da agência do Banco do Brasil e se mudado para São Félix do Araguaia-MT, município em formação, localizado próximo à Ilha do Bananal. Havia conseguido carona em avião de um amigo, ela e a mãe iriam visitar a irmã Ana Lúcia. Aprovei sem contestação aquela oportunidade de passeio. Quando retornou, percebi que o foco de seus sonhos havia mudado de direção. De repente todos aqueles seus velhos sonhos haviam de-

saparecido por encanto, aquela viagem aérea tinha feito despertar sua verdadeira vocação, ser piloto de avião. Esse assunto estava impregnado em sua cabeça como uma ideia fixa, havia se descoberto, e nada a demovia desse objetivo, tornou sua razão de viver. Compartilhava aquela descoberta como um sonho real a ser perseguido e conquistado, eu a ouvia decolar e voar sobre as nuvens, seu mundo agora se resumia em uma cabine de avião. Nada mais lhe interessava, seu habitat agora era o espaço infinito. Eu ficava solitário em terra firme, enquanto ela decolava e voava pelos céus de sua imaginação sem limites.

Aquela conversa foi me cansando, senti que ela começava a acreditar que tudo aquilo era possível, só encontrei uma saída, resolvi contra-atacar, criar uma artilharia antiaérea, munido com uma metralhadora potente abateria seu avião e acabaria com aquela brincadeira de mau gosto. Mas ela se esquivava com seu pássaro de aço, e minhas ações resultavam fracassadas e ineficientes. E cada vez mais aquela aventura tornava-se mais contundente e minhas ameaças menos eficientes. Quando senti que minhas ações não lograriam o êxito desejado, resolvi dar o tiro de misericórdia, armei-me de um míssil balístico poderoso de longo alcance e disparei. Coloquei-a em uma situação que deveria optar entre mim ou o avião. Ela não titubeou e escolheu o aeroplano. Então, derrotado e humilhado, terminei o namoro e mandei tudo literalmente para o espaço.

A princípio aquele rompimento para mim era definitivo, pedi transferência para a agência de Iturama

(MG), meu desejo agora era sumir, desaparecer, escafeder. O meu sofrimento aumentava à medida que o tempo passava. Eu lecionava na mesma escola em que ela estudava, aqueles contatos faziam ressurgir aquele sentimento que tentava inutilmente sufocar. Enquanto ela se mantinha indiferente, afinal eu que havia terminado o namoro. Por ela, conciliaria as duas funções: sua prioridade, piloto imaginário de aeronave, depois namorada passiva, sem nenhum problema. No entanto, eu não admitia essa concorrência desleal, exigia exclusividade. Estava decidido: iria embora e ponto.

Não demorou muito e minha transferência saiu, tinha o prazo de trinta dias para desistir ou seria removido sem mais apelação. Então lhe escrevi uma carta de despedida, que nas entrelinhas acenava com a possibilidade de reconciliação:

*Querida Zara: Num passado não muito distante, fomos namorados, um casal de namorados, felizes e perdidos, como tantos outros como nós. Hoje estamos separados, você tem sua vida, eu tenho a minha, e nessa imensa solidão imersa em profundas saudades sinto que jamais seremos nós, jamais beijarei sua boca, jamais sentirei o contato de suas mãos nas minhas, jamais seremos um casal de namorados como antes. Você surgiu como a primavera trazendo o perfume das flores, enchendo minha vida de felicidade e alegria, depois foi embora deixando um imenso vazio. Comigo ficou também a saudade, e com ela chegou o inverno, me envolvendo com o frio da solidão, transformando minha vida em um deserto abandonado e sem vida.*

*Engraçado, dizem que recordar é viver, agora estou vivendo de recordações, fico pensando nos bons momentos que juntos passamos, nas pequenas e insignificantes coisas que fizemos, nos fatos sem importância que aconteceram. Tudo isso me traz uma doce lembrança e um leve e terno sorriso aflora em meus lábios, que quase não mais sorriem. Então tento esquecer esse amor, mas infelizmente não consigo, sinto que por dentro minha alma chora ainda.*

*Hoje estou aqui sozinho, na solidão desse quarto escuro de república, tentando lembrar reminiscências que me façam entender por que separamos, e não consigo lembrar, apenas me fez entender que ainda amo você. Compreendi que sua ausência me faz muito mal e o que mais gostaria é de tê-la novamente ao meu lado. Mas as vezes penso que você prefere voar entre as nuvens em um avião imaginário, até já tenha se esquecido de mim, e pretende não se lembrar mais do que houve entre nós. Estou lhe escrevendo esta cartinha para dizer que talvez quando pousar sua aeronave em terra firme e me procurar eu já tenha ido embora, por isso peço que me perdoe, caso um dia eu tenha lhe magoado. Se não for lhe pedir muito, peço que me procure, penso que ainda poderemos reconsiderar e voltar a ser felizes, etc., etc.*

Não obstante o romantismo e a sinceridade daquela carta, não surtiu nenhum efeito prático, sua indiferença insistia em me castigar. Os dias agora corriam céleres em direção à data de meu desligamento, na velocidade de uma aeronave descontrolada em parafuso, mergulhando em queda livre no espaço vazio, precipitando contra a

rocha inerte plantada no meio do nada, para se espatifar irremediavelmente.

Como os dias se passavam e ela continuava indiferente, alheia a tudo, eu pressentia o desfecho em que se precipitaria aquele malfadado romance, que intimamente tinha a consciência de que deliberadamente havia interrompido. Num ato de desespero resolvi lhe fazer uma proposta definitiva, para tentar salvar aquele amor que a princípio não imaginava tão importante. Agora de forma direta e pessoal, olhando em seus olhos, que, de certa forma, caso ela o recusasse imputaria parcela de responsabilidade, caso aceitasse massagearia meu orgulho ferido. Então a interceptei em plena rua, quando saía da escola, e fui diretamente ao assunto, dizendo:

— Zara, depois que terminamos nosso namoro, fiquei muito desgostoso, decidi ir embora, porque nada mais me prende neste lugar, pedi transferência para Iturama e já foi deferida, tenho somente alguns dias para pedir o cancelamento ou terei que ir embora. Tentei lhe dizer tudo isso naquela carta que lhe escrevi, mas pelo jeito acredito que você nem se deu ao trabalho de ler. Quero lhe fazer uma proposta. Caso aceite, prometo pedir para cancelar a transferência, caso contrário, vou embora para sempre e nunca mais terá o desprazer de me ver.

Ela me olhava nos olhos, séria, sem dizer nada. Mas aparentava estar um pouco assustada.

— Se você parar com essas conversas idiotas e esses sonhos ridículos sem sentido, deixar de se comportar como uma criança, começar a levar nosso namoro a sério, prometo não ir embora.

Ela baixou os olhos e disse:

— Foi você que terminou nosso namoro.

— Você sabe muito bem o motivo por que terminei. Então, aceita minhas condições?

— Tá bem, prometo que vou mudar.

— Então à noite vou até sua casa e conversamos melhor.

— Vou te esperar.

E dessa forma reatamos nosso namoro no ponto em que havia se rompido. Percebi que a partir desse momento o relacionamento ficou mais adulto, sério e responsável. De vez em quando tinha alguns rompantes de devaneios, que eram imediatamente rechaçados, ela reconsiderava e se justificava. Eu tentava convencê-la de que a vida é algo muito sério, real, que nem tudo que se deseja é realizável, que devemos ser conscientes e realistas.

E nosso namoro decolou sem maiores turbulências, voando sob céu de brigadeiro, até os últimos meses do ano de 1978. Zara havia concluído a oitava série, e três de suas irmãs haviam passado no vestibular para uma Universidade de Goiânia-GO. Foi aí que ela me comunicou a decisão de sua mãe: no início do próximo ano, todos mudariam para Goiânia.

Tive uma conversa séria com a Zara, coloquei-a contra a parede novamente, disse se ela intencionava mudar com sua mãe romperia o namoro imediatamente e definitivamente. Mas caso ela concordasse nos casaríamos antes da mudança. Era uma posição radical e extrema para uma mocinha de dezessete anos. Mas ela me surpreendeu, com uma resposta também radical:

— Eu não vou me mudar.

Diante daquele posicionamento, competia a mim oferecer todos os meios para ela se fortalecer em sua decisão, então lhe revelei meu plano:

— Falarei com sua mãe esta noite, marcaremos a data do casamento, avisarei minha família.

— Acho que ela não vai concordar.

— Então termino tudo, você vai com ela e eu sumo daqui.

— Caso ela não concorde, não briga com ela não, vamos fingir que está tudo bem, depois a gente encontra uma solução.

Nessas alturas, já havia adquirido uma casinha, localizada sobre um morro, como já descrevi em meu livro *O tempo não apagou*, pois pretendia morar sozinho, faltava ainda comprar os móveis.

Depois de um passeio, como sempre fazíamos nas noites de sábado e domingo, chegamos um pouco mais cedo que de costume. Sempre sentávamos em cadeiras de cordinha, na calçada em frente à pensão. A pedido meu, Zara foi chamar sua mãe, para formalizar meu pedido de casamento. Dona Maria chegou meio desconfiada, cumprimentou-me com civilidade e sentou-se em uma cadeira. Zara também se sentou, mal sentou-se fui direto ao assunto, dizendo:

— Dona Maria, a Zara me disse que a senhora está pensando em se mudar para Goiânia, devido à faculdade de suas filhas. Conversando com a Zara, decidi que não gostaria de manter um namoro à distância, por isso gostaria do consentimento da senhora para que possamos

nos casar antes da senhora se mudar. Já possuo uma casinha, penso que é o suficiente pra gente começar.

— Eu não concordo com esse casamento agora, pelas seguintes razões: vocês são duas crianças, a Zara não sabe fazer nada dentro de uma casa, não sabe cozinhar um arroz, nem coar café ela sabe, não sabe lavar nem suas próprias roupas. Ela é uma menina, não está preparada, não vai dar certo.

— Mas ela é inteligente, aprende logo.

— Por que essa pressa toda? Vocês podem continuar namorando, você poderá ir à nossa casa em Goiânia quando quiser, ela vai continuar estudando, estará lá te esperando.

— Isso eu não aceito.

Quando me preparava para despejar um monte de contra-argumentos, que certamente terminaria com o rompimento do namoro de uma forma muito desastrosa, Zara me deu um toque e me lembrei do que tínhamos combinado. Então lhe disse em um tom que dava a conversa por encerrada:

— Tudo bem, Dona Maria.

Ela entendeu pelo meu tom áspero de encerrar a conversa que havia me convencido, levantou e se retirou sem mais palavras.

Quando disse que minhas origens eram da roça, um rapaz simplório e matuto, omiti em revelar que em determinadas situações deixava transparecer meu lado irracional, virava bicho literalmente, perdia completamente o controle de meus atos.

Com o tempo aprendi com a Zara a controlar esse lado horrível de minha personalidade, que não tinha nada a ver com minhas origens. Fez-me também entender que é perfeitamente possível gradativamente eliminar nossas más tendências, às vezes com menos esforço que imaginamos, bastando apenas começar a enxergar nossas imperfeições.

Aquele sinal vermelho não impediu de continuarmos nossos planos, adquirimos um par de alianças, mandamos gravar nossos nomes, ela guardou em sua casa. Participamos juntos de um curso para noivos, no colégio Madre Marta. Em um sábado à tarde, munidos de balde, rodo e vassoura, fomos até nossa casa para lavar tudo, para receber os móveis que juntos compramos de um colega de Banco que se mudaria no mês de dezembro. Dona Maria acompanhava aquele movimento sem suspeitar de nada.

Antes do término do ano 1978, havíamos discretamente concluído todos os preparativos para consumarmos nosso plano, que foi efetivado na noite da virada de ano. A sequência desses acontecimentos acho que todos conhecem. Caso queiram recapitulá-los procurem nos capítulos: Minha eterna namorada; Entre quatro paredes; Declaração de amor e A casa do Morro (livro *O tempo não apagou*). Agora penso que estou preparado para arriscar minha intenção de escrever algumas outras histórias de amor, se bem que falar dos próprios sentimentos é muito fácil, criar sentimentos para as outras pessoas exige criatividade. Que Deus me ilumine!...

21/09/2019

# Ressuscitando Uma História de Amor

**A**QUELE AMOR NÃO PODERIA desaparecer como a neblina fustigada com a chegada do calor da luz do sol, era consistente demais para desvanecer, não poderia ser assim sumariamente sepultado vivo e jogado na vala do esquecimento para sempre, teria que ser desenterrado e resgatado da região sombria de um passado a que foi injustamente soterrado, deveria ser exumado. Se tivesse perecido usaria todos os meios e os recursos para ressuscitá-lo, teria de dar a ele uma oportunidade de se manifestar, conceder-lhe sobrevida, ele carecia de ao menos uma oportunidade, tinha o direito de revelar o motivo que impediu sua consumação. Era o mínimo que poderia fazer, afinal o primeiro amor não poderia desaparecer assim simplesmente.

Necessitava desvendar os segredos que escondiam aqueles olhos que um dia me cativaram e com o tempo tornaram

os meus mais tristes. Seu sorriso, apesar de lindo, sinto que nunca me pertenceu, apenas serviu para me enfeitar e confundir. Então em pensamento resolvi procurá-la, em sonhos, quando nosso espírito se liberta do vaso opressor do corpo, adquirir capacidade de revolver céus e terras. No silêncio de uma noite, meu espírito em um sonho teve a felicidade de encontrá-la, ela continuava da mesma forma que a conheci um dia, da mesma maneira muito linda como a descrevi em meu terceiro livro, *Estranhos Valores*, no capítulo “Poeta enrustido”, que também faz parte deste trabalho.

Aproximei-me para certificar de que não estaria enganado, realmente se tratava da mesma pessoa que um dia, apesar de não ter tido a oportunidade de lhe falar, amei intensamente. Com facilidade a reconheci, era ela mesma, inconfundível, a mesma menina misteriosa, tinha o mesmo brilho no olhar, seu sorriso mantinha o magnetismo de antes, seus cabelos longos ainda estavam ornamentados com um par de tranças, continuava da mesma maneira misteriosa e muito bonita.

Então a abordei, quando me reconheceu, quis fugir, segurei-a pelo braço e lhe supliquei:

— Vasculhei o mundo para encontrá-la. Por caridade, escuta-me ou enlouqueço. Depois se quiser poderá ir para sempre.

Olhou-me nos olhos como nunca havia feito antes, tive a sensação de que retrocedia no tempo. Um turbilhão de recordações me envolveram fazendo ressuscitar antigas emoções que julgava não mais ser possível sentir. Sem que esperasse, começou dizendo:

– Me perdoe por ter-lhe ignorado, eu sei que o fiz sofrer, o tempo todo soube que me amava intensamente, mas nosso amor não poderia mais acontecer, estava impedido para recomeçar e não durar para sempre, não saberia viver sem ele. Eu o amei perdidamente desde o momento em que o vi pela primeira vez. Éramos duas crianças, nunca conversamos, mas nossos olhos sempre se falavam. Você morava no meu coração e na minha imaginação, dormia, acordava e continuava comigo o dia todo, por onde eu estivesse você me acompanhava. Para poder continuar vivendo sem sua presença inventei uma linda história de amor para nós dois, e não imagina como nela éramos felizes. Sabia que me havia escolhido para inspirá-lo em suas poesias, adorava ser sua musa inspiradora, apesar de não conhecer seus versos de amor. Gostava de te ver sentado sozinho naquele banco de pedras do colégio, sabia que, enquanto ouvia aquela música, estava pensando em mim. Passava à sua frente e seus olhos diziam o que eu precisava ouvir, era tudo que necessitava – ter a certeza que também me amava. Me compadecia de seu sofrimento, mas não ousava mudar meu jeito de proceder, sabia que bastaria olhar diretamente em seus olhos e eu me perderia, estaríamos nos condenando irremediavelmente. Penso que éramos felizes à nossa maneira, porque amávamos com a mesma intensidade, mesmo sofrendo solitariamente cada um ao seu modo. Você escrevendo seus poemas e poesias para mim, eu te amando em meu romance imaginário. Penso que isso nos bastava.

— Conceição, se soubesse que também me amava, não teria sofrido tanto.

— Eu sempre soube que me amava, apesar de nunca ter confessado esse segredo a ninguém, nem a seu melhor amigo, nem a mim mesma, mas eu o descobri lendo em seus olhos, mesmo assim não imagina como eu também sofria.

— Não consigo entender por que não deu uma chance ao nosso amor, eu sempre facilitei que soubesse que te amava, mas você em nenhum momento permitiu que eu soubesse, por isso vivia sempre na dúvida, nunca tive coragem para lhe falar. Por que também não facilitou para que eu tivesse certeza?

— Porque assim teria de ser, um dia no futuro você entenderá, saberá que nos comprometemos alhures e teremos que nos redimir de nossos erros pretéritos, mas Deus, que é todo poder e bondade, nos reserva uma felicidade que por outros caminhos não poderíamos encontrar. Se negligenciássemos cumprir ao que voluntariamente aceitamos corrigir, seríamos novamente infinitamente infelizes.

— Continuo sem entender. Agora que nos reencontramos e descobrimos que nossos sentimentos são recíprocos, não seria razoável ficarmos juntos para sempre?

— Você é um menino poeta muito esquecido e não se lembra do compromisso que assumimos, não sabe o que está falando. Um dia entenderá que o que sentimos serviu apenas para despertar em nós a capacidade de amar. Nossos verdadeiros amores nos esperam em algum

lugar e no momento oportuno exato os reconhecemos. Somente assim seremos felizes de verdade.

— Como pode saber que não seremos felizes? Como pode renunciar a essa oportunidade que tivemos de nos reencontrar e descobrimos que nos amamos perdidamente?

— Gostaria de revelar tudo que sei, mas só acreditaria se relembresse tudo que nos aconteceu.

— Conte-me, acreditarei.

— Então promete que será para sempre nosso segredo.

— Eu juro que será sempre um segredo somente nosso.

Então Conceição começou a me contar uma longa e complicada história de amor, ocorrida em nosso passado distante. À medida que ela revolia reminiscências localizadas em determinados momentos de nossas longas existências pretéritas, lembranças afluíam em minha memória, e juntos relembrávamos e revivíamos acontecimentos comprometedores que compartilhamos em várias experiências físicas, até o momento em que todos os nossos equívocos foram saneados. Depois, antes da presente experiência física, nos reencontramos alhures no plano espiritual. Então pudemos compreender e reconhecer que havíamos encerrado um longo e doloroso ciclo de resgates e pactuamos renunciar a qualquer possibilidade de aproximação, para corrigirmos nossos comprometimentos com as pessoas que magoamos e prejudicamos, como também nos desvencilharmos de nossos equívocos. Essas pessoas que magoamos são nossos verdadeiros amores. Através dessas recordações,

lembrei-me do compromisso que assumimos, compreendi que ela estava absolutamente com a razão. Aceitei que aquele nosso amor não poderia nunca mais ser possível, pois sempre foi um amor ilegal e equivocado.

Depois desse colóquio transcendental demorado, que possuía todos os ingredientes de uma situação real, tive a impressão de que retornava de uma longa regressão, como se tivesse emergido de um passado obscuro onde revivemos muitos acontecimentos que geraram sofrimento a muitas pessoas, lágrimas e incertezas. A revelação infeliz de experiências amorosas malsucedidas de dois seres que foram se emaranhando através de ligações proibidas, vinculados a acontecimentos indesejáveis, por força de uma paixão intensa descontrolada, que trouxeram muitos comprometimentos, por ignorarmos e não respeitarmos valores morais sagrados envolvendo outras pessoas, que foram imensamente prejudicadas pela nossa insensatez. Essas experiências pretéritas indevidas que impetramos nos imputaram consequências morais devastadoras que por força das circunstâncias necessitaram ser equacionadas e felizmente haviam sido superadas definitivamente.

Retornei daquele sonho aliviado, entendia agora que aquele sentimento era resquício de um grande amor que havia encerrado seu ciclo e deveria ficar para sempre sepultado na noite escura de um passado que não mais se repetiria.

22/09/2019

# Uma História de Amor Quase Perfeita

**N**O INÍCIO DA DÉCADA DOS anos setenta, início do mês de fevereiro, época em que a maioria das rodovias do estado de Mato Grosso ainda não eram asfaltadas, saía de uma grande cidade do interior do estado de São Paulo, região Sudeste do Brasil, um jovem universitário que acabara de concluir o curso superior na área das ciências exatas, matemática. Partia sem destino determinado, intencionava parar em uma boa cidade da região Norte do estado de Mato Grosso e ali dar início à sua carreira de professor. Trocando de ônibus de tempos em tempos, depois de dois longos dias e noites de viagem, seu ônibus finalmente taxiava em um espaço apropriado da rodoviária monótona de uma cidade perdida na região do extremo norte do estado de Mato Grosso. Os passageiros estropiados pelos solavancos e desgaste natural da longa

viagem saíam lentamente e permaneciam de pé ao lado do ônibus, equilibrando-se nas pernas ainda dormentes, aguardando o motorista abrir o maleiro, para cada um apropriar-se das suas respectivas bagagens. Entre os passageiros, nosso jovem professor de vinte e três anos de idade também desembarcava e tinha deliberado por razões que desconhecemos ali se fixar e colocar em prática todo o conhecimento que havia adquirido ao longo de sua vida de estudante, exercendo a nobre profissão de professor e ensinando matemática, a área que mais tinha facilidade em assimilar e transmitir. E assim realizar sua humilde, mas importante missão.

Seu nome era Alberto Ribeiro Dias. Retirou do bagageiro sua mala e uma mochila, iria procurar uma pensão qualquer onde pudesse tomar um banho morno e esticar o corpo em uma cama, depois de descansar um pouco pretendia almoçar dignamente, depois de dois dias comendo apenas lanches. Ao passar pela sala de espera da rodoviária com suas bagagens, percebeu a presença de uma moça morena, deveria ter vinte anos, olhos verdes, muito bonita, sentada em uma cadeira, aparentava estar esperando alguém. Aquele rosto, aqueles olhos, os cabelos negros, lembrava uma pessoa muito especial de sua adolescência, não era possível se tratar da mesma pessoa, talvez uma semelhança. O que mais o impressionou foi a reação da moça, ficou olhando-o fixamente, assustada, talvez sentindo a mesma impressão.

Chegou a um pequeno hotel, pediu um quarto, tomou um banho revigorante e deitou na cama. A

primeira lembrança que surgiu em sua mente foi justamente a imagem da moça morena que viu na rodoviária. Puxou pela memória e relembrou o nome de seu amor de adolescência, Nilza Pereira Jardim. Devia estar delirando, mas ao lembrar o nome da namorada do passado ressurgiram reminiscências que fizeram seu coração disparar. Então teve certeza de não se tratar de mera semelhança, era ela, não poderia existir outra pessoa com aqueles olhos e aqueles traços marcantes, ela era única. Isso não era nada bom, pensou Alberto. Estou noivo, minha noiva terminará seu curso de letras no final deste ano, casaremos e ela virá trabalhar e morar comigo. Está tudo minimamente planejado e acertado, devo estar mesmo delirando.

Almoçou da forma como gostaria, deu uma volta reconhecendo a cidade que não era assim tão grande, comprou um bloco de papel de correspondência, alguns envelopes, voltou para seu quarto no pequeno hotel. Primeiramente escreveria para a noiva contando o que havia encontrado e suas primeiras impressões, depois escreveria outra carta para seus pais, que deveriam estar preocupados. Na primeira linha colocou o cabeçalho, pulou uma, no meio da terceira linha escreveu: *Querida Marlene*. Ficou olhando para aquele nome e sentiu que ele não significava mais nada, a imagem da moça morena havia impregnado em sua memória como uma tatuagem irremovível, desistiu de escrever para a noiva, decidiu escrever uma curta carta aos seus pais, para tranquilizá-los. Naquela época as correspondências eram usadas osten-

sivamente, telefone existia, mas era caro e tinha outras finalidades.

Aquela cidade era muito pequena para esconder uma moça tão bonita por muito tempo. Na primeira oportunidade em que a encontrasse, tiraria aquela suspeita a limpo. Quanto mais a relembrava, mais certeza tinha que era ela mesma.

Na primeira semana havia resolvido todos os seus problemas com referência à atribuição de aulas e moradia, mas não viu a moça. Saía à noite, observava e nada. Chegou mesmo a voltar à sala de espera da rodoviária e aquela cadeira estava vazia e desolada. Talvez morasse em uma outra cidade próxima, ou quem sabe numa fazenda, e estaria esperando seu ônibus, mas sentia que para seu próprio bem necessitava tirá-la do pensamento.

Na semana seguinte iniciaram as aulas, conseguiu o máximo de aulas permitido, lecionaria de manhã e à noite no principal colégio da cidade, completando assim sua carga horária. No primeiro dia de aula pela manhã, quando fazia a chamada dos alunos presentes através de uma lista provisória, em uma das salas, oitava série, um nome em especial chamou sua atenção, Patrícia Pereira Jardim. Levantou os olhos, identificou a mocinha que deveria ter quatorze anos e possuía os mesmos traços da moça da rodoviária, mas lembrava ainda mais sua primeira namoradinha da adolescência. Não disse nada, mas pensou: agora a encontro.

24/09/2019

# Nem Tudo São Flores

**A**QUELA ERA UMA INFORMAÇÃO preciosa demais, teria de ser usada corretamente, não teve oportunidade de observar se sua amada usava aliança, poderia ser casada. Falando em aliança, retirou a sua do dedo anelar direito e colocou-a no bolso sem que ninguém percebesse. Aquela possibilidade de certa forma o abalou. Já havia se passado quase dez dias que estava na cidade e ainda não tinha postado aquela carta que com dificuldade conseguiu escrever para a noiva distante. Quem a lesse não encontraria nenhum fragmento que identificasse um resquício de saudade ou pesar por estarem a mais de dois mil quilômetros separados. A única informação importante constante naquela carta era o endereço do remetente no envelope, as demais notícias eram completamente evasivas.

Existia uma jovem professora nesse colégio, muito comunicativa e acessível, que simpatizou com Alberto. Chamava-se Irene. Deveria ter a mesma idade de Nilza. Conversando no horário do intervalo, na sala dos

professores, como quem não quisesse descobrir nada, Alberto lhe perguntou se conhecia uma moça de sua idade que se chamava Nilza Jardim.

Irene lhe respondeu:

— Conheço até demais.

— Como é ela?

— Você a conhece?

— Não, mas gostaria de saber alguma coisa sobre ela.

— Essa menina é uma vítima.

— Como assim?

— O pai dela tem negócios com uma das famílias mais ricas, poderosas e perigosas desta região, os Prados, que atuam em diversos setores da economia. Segundo dizem, esse grande fazendeiro, Guilherme Prado, já o socorreu financeiramente algumas vezes, e o filho Artur Guilherme Prado, que gosta de ostentar-se e tem quase cinquenta anos, é viúvo, exerce ascendência muito grande sobre seu pai, é praticamente o patrão do pai da Nilza, e todos sabem que há muito tempo alimenta a intenção de se casar com ela. Para isso conta com a conivência e o beneplácito do futuro sogro, mas ela foge dele como o diabo da cruz. Como o pai depende financeiramente dos Prados, não permite ela sair de casa por nada, nem se aproximar de nenhum rapaz, porque quer ver a filha casada com o magnata Artur Guilherme Prado. Segundo dizem, ele tem amantes e açoita até pistoleiros, além de ter algum envolvimento na morte prematura da esposa.

Nisso tocou a sirene do colégio, estava na hora de voltar à sala de aula. Irene conseguiu apenas acrescentar:

— Por isso digo que a coitada da Nilza é uma verdadeira vítima de sua beleza. Depois eu continuo a história.

Aquela informação, se verídica, tinha vertentes positivas e negativas, ponderava Alberto em seu pensamento lógico de matemático. O lado bom para suas pretensões: ela era solteira, não tinha namorado, não gostava do pretendente, certamente também não gostava do pai, porque a usava como mercadoria de troca. O lado ruim: ele era noivo, um reles professor de matemática; o rival, rico, poderoso e perigoso. Um teorema que exigiria muito raciocínio e sapiência, e ele iria estudá-lo até o limite de sua racionalidade.

24/09/2019

# Aliada em Potencial

**A**LBERTO PERCEBEU LOGO QUE Patrícia era uma menina muito meiga e simpática, mas tinha certa dificuldade com a matemática, então Alberto era todo dedicação com a mocinha, tratando-a com certa deferência. Na véspera da primeira prova, Alberto deu a entender, como tinha a tarde disponível, caso tivesse um lugar apropriado, poderia dar uma aula de reforço para os alunos que não tivessem entendido direito a matéria. Imaginou que Patrícia ofereceria sua casa, mas ela não se manifestou. Então, compareceu no próprio colégio e ajudou alguns alunos, entre eles estava Patrícia, que foi muito feliz na primeira prova, conseguindo boa nota.

Com esse gesto Alberto foi projetado no conceito de Patrícia como ótimo professor e propagava que estava começando a aprender matemática. A euforia de Patrícia proporcionou um fato relevante: o nome do professor, Alberto Ribeiro Dias, tornou-se conhecido no ambiente

familiar de Patrícia, que chamou a atenção de Nilza, que se lembrou do moço que viu chegando na rodoviária, que lhe suscitou uma vaga lembrança do namoradinho de infância. Com a coincidência do nome concluía que só poderia ser ele. Era sem dúvida o seu primeiro e único namorado, que pelas mãos do destino estava ali e tinha vindo salvá-la do martírio que seu pai havia lhe condenado, pois a pressão e a opressão sobre ela aumentavam todos os dias. Afinal, já era uma moça feita, mas ela se defendia dizendo que preferiria a própria morte a ser obrigada casar com aquele homem que a assediava com a conivência do próprio pai, mas agora havia encontrado um motivo para lutar e viver.

Nilza discretamente disse a Patrícia que gostaria de conhecer seu professor. Patrícia não entendeu aquele estranho desejo, nunca havia se interessado por nenhum rapaz, mas teria que ser às escondidas, caso seu pai descobrisse até ela estaria encrencada. Comunicou ao professor o desejo da irmã, Alberto compreendeu que ela também o havia descoberto. Combinaram que ambas iriam à tarde na pensão onde se hospedava Alberto. O jovem professor não acreditava que as coisas progrediriam assim tão rapidamente. Com base nas informações que possuía, para obter algum êxito as coisas teriam que ser muito bem conduzidas, o terreno era perigoso, o sigilo e a discrição talvez fossem as melhores estratégias.

24/09/2019

# Amor Nascido no Grupo Escolar

**T**UDO COMEÇOU NA PERIFERIA de uma importante cidade do interior do estado de São Paulo, num pequeno Grupo Escolar Estadual, na época do regime militar. Alberto Ribeiro Dias, um menino de onze anos de idade, branco, meio sardento, engraxate nas horas vagas, que gostava de jogar bola, sempre foi o primeiro aluno da sala em matemática, o filho mais velho de quatro irmãos de uma família pobre, estudava na quarta série, ia todos os dias à escola acompanhado de seu irmão Alaor, que estudava na segunda série. Nilza Pereira Jardim, uma menina de nove anos, morena, olhos esverdeados da cor de um arrozal novo, cabelos negros, muito bonita, a segunda de cinco irmãos, de uma família de classe média baixa, também ia todos os dias à escola, estudava na segunda série, na mesma sala em que estudava Alaor,

ia acompanhada de seu irmão mais velho, que se chamava Francisco, que estudava na quarta série, na mesma sala onde estudava Alberto. Todos no período matutino.

Alberto, quase todos os dias depois da aula, explicava a Francisco a maneira correta de resolver os problemas e os exercícios que a professora passava como tarefa. Nilza ficava ao lado do irmão ouvindo as explicações do professor mirim. Apesar de morarem na mesma direção, a casa dos pais de Alberto ficava mais afastada, no final da mesma rua. Alberto, de vez em quando, passava na casa de Francisco e vice-versa. Aquela convivência infantil despertou em Alberto e Nilza, a princípio, amizade. Como costumavam os três andarem sempre juntos quando voltavam da escola, com o tempo os colegas de escola começaram a dizer que Alberto ensinava Francisco interessado em sua irmã Nilza. Ambos não se importavam com aqueles comentários maliciosos, sem nenhum fundamento, mas foi despertando em Alberto uma profunda paixão por Nilza, que por sua vez também se apaixonou por Alberto. Então ambos confirmavam e não desmentiam os comentários, continuaram como namorados até o próximo ano. No ano seguinte, Alberto com doze anos no primeiro ano ginásial e Nilza com dez anos na terceira série primária. Era um namoro muito discreto, sustentado pela convivência escolar, sem encontros privativos, iniciado com a troca de cartinhas inocentes de confidências.

De repente a família de Nilza anoiteceu e não amanheceu. Ou seja, havia se mudado para L.I.N.S. – como

costumava dizer um meu amigo, Aldemir, que conheci quando fui trabalhar em Cassilândia-MS –, cuja sigla significa Lugar Incerto e Não Sabido. Seu pai, Getúlio Caetano Jardim, que na época estava endividado, aproveitou a má fase para aplicar um golpe financeiro em seus clientes e em seus credores, fugindo na calada da noite com a família, sem deixar rastros. Resolvendo dessa forma seu problema financeiro, livrou-se das dívidas e ainda saiu com o dinheiro de seus fornecedores. Alberto perdeu o amigo e sua virtual namorada, que nunca lhe mandou nenhuma notícia. Deixando como lembrança apenas uma fotografia em preto e branco, três por quatro, escrito atrás: “De sua namorada Nilza para sempre”. Alberto não conseguiu juntar o dinheiro suficiente engraxando sapatos para tirar uma fotografia para entregar à sua amada Nilza, então chorou por muito tempo, olhando para a fotografia e se lamentando. Guardou-a em sua carteira, mas agora estava amarrotada e envelhecida.

24/09/2019

# Feliz Reencontro

**E** RA UMA TARDE CHUVOSA, AS duas irmãs protegidas com guarda-chuvas percorreram alguns quarteirões e chegaram à pensão onde se hospedava Alberto, que as esperava na pequena sala de refeições, em que havia umas poucas mesas e cadeiras. Cumprimentaram-se, Alberto estava muito nervoso, mais descontrolado ficou quando viu de perto aquela moça tão linda, tinha um moreno-claro que realçava o verde-oliva de seus olhos, a boca pequena, bem talhada, seus lábios cor-de-rosa e os cabelos negros à altura dos ombros.

Alberto conseguiu perguntar:

— Você se lembra de mim?

Ela respondeu:

— Se não soubesse quem é, acho que não me lembraria, mas eu vi quando chegou à rodoviária há uns quarenta dias e tive a impressão que te conhecia.

— Pois é, eu a reconheci imediatamente, você nunca saiu de minha cabeça, só não esperava que

um dia te encontraria. Vamos sentar para conversarmos melhor.

Sentaram os três em uma mesa retirada da porta, Alberto tinha os olhos umedecidos pela emoção que estava sentindo. Nilza e Patrícia perceberam que o rapaz estava muito emocionado. Nilza quebrou o silêncio perguntando:

— Como veio parar aqui?

— Não sei lhe dizer, começo a acreditar que foi o destino. Quando me formei, no final do ano passado, pretendia e precisava trabalhar, fiquei sabendo que em qualquer cidade do estado de Mato Grosso havia vagas para professores, peguei uma declaração de conclusão de curso na Faculdade, escolhi uma cidade aleatoriamente e vim parar aqui. E você não quis estudar?

— Terminei o segundo grau. Como aqui não tem faculdade, quem sabe um dia eu continue. Você deixou alguma namorada por lá?

Aquela pergunta direta era a oportunidade de Alberto recomeçar a relação lastreada na mais absoluta sinceridade, então respondeu:

— Para dizer a verdade deixei, mas depois que te reconheci penso que minha namorada sempre foi você. Escrevi-lhe até agora duas cartas, acho que ela já entendeu que não sou mais a pessoa que ela conheceu. Posso lhe mostrar a carta que recebi. Ela está muito decepcionada comigo, diz que estou muito mudado, que não está me reconhecendo mais.

Alberto olhou fixamente nos olhos verdes de Nilza e percebeu que também estavam umedecidos. E perguntou-lhe:

— E você, como ainda não se casou? Uma moça tão bonita, num lugar desse? Conte-me sobre sua vida.

— Ah, Alberto, minha vida é uma triste novela. Sou uma prisioneira, pois meu pai quer me casar com um velho, que já é até avô, para resolver seus problemas particulares, mas eu já lhe disse que prefiro morrer. Acho que só você pode me salvar.

— Estou aqui justamente para isso, ou morreremos os dois juntos.

Ambos se levantaram ao mesmo tempo e se uniram em um amplexo incontido. Patrícia acompanhava toda aquela conversa com surpresa, nunca imaginava que os dois já se conheciam e estava feliz pela irmã. Pensava como terminaria toda aquela história, pois tinha consciência da incômoda e delicada realidade que sua irmã há muito vinha enfrentando. Patrícia se afastou dos dois, que continuavam abraçados, foi até a janela e percebeu que a chuva fina havia cessado e chamou pela irmã que se mantinha abraçada a Alberto.

— Vamos embora, Nilza, senão darão pela nossa ausência.

Antes de se desvencilharem daquele abraço, Alberto beijou os lábios de Nilza, os olhos de ambos estavam marejados de lágrimas. E se despediram.

Alberto as acompanhou até a porta. Quando elas se foram, foi até seu quarto, atirou-se na cama e chorava como uma criança e pensava: *“Se você me amar como te amo, ninguém nos impedirá de sermos felizes. Eu juro que serei capaz de morrer por esse amor”*.

25/09/2019

# Desabafo

**A**LBERTO PERCEBEU que realmente Nilza pouco saía de casa, como ela mesma havia dito: “*Sou uma prisioneira*”. Então Alberto resolveu escrever-lhe uma carta em caráter de confidencialidade, onde revelava algumas estratégias para aqueles fatos não se tornarem públicos antes da hora. Pressentia que, quando descobrissem, deveriam estar preparados para a batalha, porque os inimigos eram poderosos, certamente não entregariam os pontos sem luta. Sabe Deus o que estariam dispostos a fazer para não permitir que seus planos fracassassem. Apesar de há muito tempo Nilza resistir bravamente sozinha às pressões, mas se descobrissem que agora havia um aliado intruso que reforçaria a resistência, implementariam ações mais contundentes ou drásticas para eliminar de vez aquela ameaça.

Alberto escreveu:

*Querida Nilza: Somente Deus sabe o que estou sentindo. Saber que está perto e não poder tocá-la, mas*

*o importante é que ainda nos amamos e contra isso não existe força terrena ou humana que poderá impedir-nos. Pressinto que o inimigo é obstinado e perigoso, temos de armar-nos de todos os recursos e estratégias para não sermos surpreendidos. Se onze anos de sua ausência não me fizeram esquecer-te e deixar de te amar, sinto que ao seu lado ele durará para todo o sempre. Saiba que agora tem um aliado que está determinado a dar a própria vida para defendê-la, porque sem você decididamente não necessito viver. Gostaria que somente Patrícia soubesse desse nosso amor e conhecesse nossos planos. Sinto que somente nela podemos confiar, ela será nossa aliada, nossa cúmplice.*

*Depois daquele nosso encontro, escrevi uma carta para minha namorada dizendo que ela tinha razão, eu não era mais a pessoa que ela havia conhecido, que havia te reencontrado. Ela sempre soube de sua existência, que você foi meu primeiro e único amor, e que caso um dia a reencontrasse e você ainda me quisesse, nada nesse mundo me impediria de ser somente seu. Em contrapartida, se a encontrasse e você já não me quisesse ou por alguma circunstância não pudesse me querer, minha vida perderia todo o sentido de existir, porque enquanto você viver também terei motivos para viver.*

*Gostaria de saber sobre seu irmão Francisco. Lembra que éramos amigos e que foi através dele que te conheci?! Em nosso encontro estava tão emocionado que me esqueci de lhe falar muitas coisas, inclusive mostrar-lhe aquela sua fotografia três por quatro, que guardo comigo desde o dia em que me entregou. Talvez tenha olhado para ela to-*

*dos os dias de minha vida, pois perceberá que está muito desgastada, mas você continua nela ainda muito linda. Se possível, mande-me todas as suas fotos, mas o que mais gostaria é de poder vê-la novamente. Sinto que logo a terei para sempre. Responda esta minha carta logo, preciso saber tudo de você.*

*Estou lhe mandando uma foto minha, acabou de ficar pronta. Gostaria de ser um rapaz mais bonito, talvez mais alto, mais forte, mas meu coração lhe pertence. Mil beijos, Alberto.*

25/09/2019

# Resposta à Primeira Carta

**A**LBERTO, MEU AMOR: Não sei escrever nem calcular como você, mas nesse período todo que passei sem te ver, aprendi a amá-lo como ninguém, porque você foi meu primeiro e único namorado. Aprendi a amar somente você e estava disposta a te amar pelo resto de meus dias, que imaginava que seriam poucos, mas agora você apareceu e sinto que minha vida recomeçou. Meu amor que era um pouco infantil, agora amadureceu e estou disposta a fazer qualquer coisa para compensar o tempo que ficamos separados. Sou capaz de fazer loucuras para não ceder a quem nunca suportei. Seria capaz de fazer tudo para ficar ao lado daquele que sempre amei. Eu sei que nossos adversários são fortes e poderosos, mas nenhuma força, exceto a de Deus, poderá ser maior que a força do nosso amor. Agora que você está perto de mim, não temo mais

nada, estarei aqui enclausurada, mais minhas preces, meu pensamento e meu coração sempre estarão com você. Confiarei em você, não foi o acaso que o trouxe aqui, acredito que para o amor existe o determinismo, não foi sem uma razão que nos entendemos desde crianças, quando através de meu irmão mais velho, o Francisco, o conheci. É uma pena que ele não esteja mais aqui, mas certamente ele ficaria também ao nosso lado, como a Patrícia. Tenho certeza de que lá do céu ele está torcendo por nós, pois ele tinha você como seu melhor amigo de infância.

Fiquei feliz que você tenha sido sincero com sua namorada, talvez assim ela não me odeie, pois saberá que cheguei em sua vida primeiro. Desejo que ela encontre outra pessoa que possa amá-la plenamente, pois a vida só tem sentido quando amamos e somos amados, por isso sinto que minha vida adquiriu sentido quando o reencontrei. Teria que nascer novamente para poder amar outra pessoa com essa intensidade.

Estou enviando-lhe algumas fotos, não sou nada fotogênica, preferia estar pessoalmente ao seu lado, mas, se Deus consentir, isso acontecerá logo. Mil e um beijos, de quem não o esquece. Nilza Pereira Jardim.

“Há de se considerar a **não participação da mãe de Nilza** nesta breve história, pois D. Lourdes, uma mulher muito sofrida, subjugada pelo marido prepotente e autoritário, que depois daquela fuga covarde que imputou prejuízos relevantes a pessoas simples e pobres, apesar de

não aprovar a atitude do marido em relação à vida sentimental da filha, evitava afrontá-lo, porque descobriu que ele era capaz de tornar as coisas ainda mais difíceis.”

“Outro acontecimento pouco explorado nesta breve narração, o fim trágico de Francisco, irmão mais velho de Nilza, que teve uma morte inexplicável logo depois que chegaram em terras do Mato Grosso, cuja responsabilidade recaía sobre o pai, que negligenciou socorro tempestivo ao filho, que de certa forma desestabilizou a *saúde emocional da mãe*, conseqüentemente, o futuro da relação do casal.”

25/09/2019

# Xeque-Mate

**E**M UM MOMENTO ATRÁS DISSE que Alberto era um reles professor de matemática, agora digo que também era muito inteligente e previdente. Desde jovem necessitou trabalhar duro para ajudar sua família, sem com isso comprometer seu desempenho escolar. Sempre separava uma pequena parcela de seu pequeno salário para suas diversões, mas em vez disso adquiria dólares americanos, em uma casa de câmbio da cidade, e os guardava em segurança, sem que ninguém soubesse. No decorrer de mais de uma década, fomentado por algumas pequenas transações e as frequentes desvalorizações de nossa moeda, conseguiu juntar um pequeno pecúlio em moeda americana, que convertido para a moeda nacional resultaria em valor relativamente significativa. Pensava exatamente no momento em que decidisse se casar, que havia minuciosamente programado para quando sua ex-namorada concluísse seu curso superior. E agora surgia como tábua de salvação no caso de uma eventualidade.

Deus ajuda aquele que aos outros ajuda, mas também não se esquece de ajudar a si mesmo.

Na metade daquele ano letivo, a Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso promoveu um concurso público para professores. Alberto foi aprovado e tinha a opção de se transferir para qualquer localidade onde houvesse vaga disponível. A melhor estratégia para se vencer uma guerra é evitá-la, por entender que em uma guerra não há vencedores, somente vencidos. Esse também era o pensamento de Alberto, que decidiu usar sua inteligência para solucionar aquela questão sem deixar sequela para nenhuma das partes. Patrícia tornou-se uma ponte de comunicação importante para facilitar as coisas entre aquele casal de namorados, que optaram pelo anonimato, sem prejuízo dos encontros secretos que aconteciam amiúde, com a cobertura eficiente da irmã alcoviteira. De forma responsável e discreta ela abraçou a causa do amor de Nilza com seu professor, que acabou se tornando um amigo muito especial. Enquanto isso, nos bastidores, Alberto arquitetava detalhadamente sua estratégia de ação, sem ser necessário deflagrar nenhuma espécie de conflito, para isso tinha seis meses para executar seu plano. Nilza acompanhava, através das correspondências, o desenrolar de cada etapa, e nos colóquios amorosos secretos avaliavam a evolução dos acontecimentos.

Como adquiriu o direito de transferir-se, resolveram de comum acordo residir na capital do Estado, onde no ano seguinte Nilza daria continuidade aos estudos interrompidos. Alberto lecionaria num importante colégio da

capital, agora na condição de professor efetivo. Converteu seus dólares na aquisição de um pequeno, mas confortável apartamento, em um edifício no centro da cidade, sendo beneficiado pelo ágio da moeda americana em detrimento ao deságio da nossa, em um momento que nossa economia entrava num processo inflacionário galopante. Antes do término daquele ano letivo, já tinham executado todas as ações preliminares, restando apenas, como diz o jogador de xadrez, dar o xeque-mate.

A data escolhida para consumir aquela contenda seria na virada do ano, quando os espíritos das pessoas estão menos endurecidos e aceitam com mais resignação as intempéries da vida. Como Alberto tinha agora vinte e quatro anos, Nilza, vinte e dois, ambos adultos e responsáveis, foram até um cartório civil e consumaram a união conjugal, tudo discreta e secretamente. Na noite da virada do ano novo, enquanto fogos de artifícios iluminavam o céu daquela pequena cidade e os mato-grossenses descarregavam suas armas de fogo para substituir a munição velha por outra nova, uma tradição em todo o estado do Mato Grosso, Nilza saía sorrateiramente de seu quarto para encontrar-se com Alberto, que a esperava a uma quadra de sua casa. Fugiram em um carro alugado em direção à capital, para ocuparem o apartamento que estava devidamente mobiliado.

No outro dia pela manhã encontraram sobre a cama de Nilza uma cópia da certidão de casamento, uma velha fotografia  $\frac{3}{4}$  e duas curtas cartas com as escusas de Nilza e Alberto, que diziam:

QUERIDO SOGRO: *Infelizmente tivemos que fazer tudo sem alarde e às escondidas. Apesar do senhor não me conhecer, quero lhe revelar que namoro e amo sua filha desde que ela tinha oito anos de idade, como poderá comprovar através dessa fotografia que ela me deu quando tinha nove anos. Quero me desculpar pela forma como necessitei subtrair sua filha do recesso de seu lar. Quando não se pode pagar ao pai o valor que estipulou para comercializar a própria filha, a gente rouba. Poderia ter sido bem diferente, mas treze anos atrás o senhor também a roubou de mim, fugindo da mesma forma na calada da noite. Agora com uma grande diferença: ela está indo comigo por livre e espontânea vontade, portanto estamos quites.*

QUERIDO PAPAI: *Não sou uma filha má, apenas desejava me casar com a pessoa a quem escolhi para amar. O senhor não tinha o direito de sacrificar minha felicidade, por isso me utilizei desse método arcaico e radical, mas muito praticado, porque os pais não têm o direito de cercear o livre-arbítrio dos filhos. Agora começo a acreditar que o casamento nem seja uma escolha do livre-arbítrio, e sim um determinismo que poucos conseguem explicar. Mesmo assim gostaria que me perdoasse, não gostaria que as coisas fossem desta maneira, mas saiba que, apesar de tudo, finalmente estou muito feliz.*

*Alberto e Nilza, seus filhos.*

25/09/2019

Obs.: Qualquer semelhança com a vida real é mera coincidência.

# A Força do Amor

**E** LOÍSA ERA FILHA ÚNICA DE UM casal donos de uma linda propriedade rural de pequeno porte, localizada próximo às margens do rio Grande, do lado paulista, na região do córrego do Sertãozinho, no município de Santa Albertina, nos primeiros anos da década de sessenta. Vivia com seus pais em uma bela casa, construída próximo a um lago. Era uma adolescente de dezesseis anos, um pouquinho gorda, mas muito bonita. Por ser filha única poderia ter todas as regalias que desejasse, seus pais não mediriam esforços para atendê-la em todas as suas vontades, mas era uma mocinha simples, criada na roça, tinha uma vida sem diversão e vaidades, envolvida nos afazeres domésticos juntamente com sua mãe, Alzira.

Seu pai era um homem rústico, simples, honesto e trabalhador, que ao lado da esposa enfrentou muitos obstáculos e dificuldades para formar sua propriedade e transformá-la em um pequeno paraíso. Agora colhia os frutos de todo o esforço desferido nos áureos tempos dos

primeiros anos de sua vida conjugal. Possuía um pequeno rebanho de vacas leiteiras, que lhe proporcionava uma boa renda todos os meses. No final de cada ciclo tinha que se desfazer de sua produção de bezerros e bezerras, pois não havia pastagens suficientes para tantos animais.

Devido ao excesso de trabalho exigido pela conservação da propriedade e no manejo de seu rebanho, Sr. Geraldo contratou um rapaz para ajudá-lo em todos os serviços da propriedade, Abelardo tinha na época dezoito anos, rapaz moreno, forte, simpático e alegre, queimado pelo sol, traquejado desde menino em todos os serviços afetos a uma propriedade rural, principalmente no trato com o gado, bom vaqueiro, bom tirador de leite, carinhosamente conhecido como “Belo”. Como havia ainda a antiga casa que por longos anos abrigou a família do Sr. Geraldo, estava desocupada e ficava perto da casa nova do sítio, Belo residia sozinho lá, porém fazia suas refeições na cozinha da casa do patrão.

Era sabido que Abelardo tinha uma queda há algum tempo por uma mocinha morena, de dezesseis anos, filha de um agregado que cultivava lavoura em uma fazenda vizinha. A mocinha era muito bonita, chamada Mariana, ao lado do pai e dos irmãos desde tenra idade enfrentava todo tipo de trabalho duro da roça, do o plantio até à colheita. Esse era um costume muito comum para as mulheres de famílias pobres. Belo aceitou trabalhar neste sítio pensando em aproximar-se de Mariana, com a intenção de cativá-la, namorá-la e quem sabe um dia vir a se casar com ela, pois o rapaz realmen-

te gostava da mocinha. E de fato começaram a namorar logo depois de vir morar no sítio do Sr. Geraldo.

Quando Eloísa viu pela primeira vez aquele rapaz simples almoçando com seu pai, conversando sobre assuntos referentes ao sítio, não prestou muita atenção, mas depois, como o pai passou a elogiar o rapaz enaltecendo suas qualidades de cavaleiro e vaqueiro, timidamente passou a cumprimentá-lo e trocar algumas palavras. Em pouco tempo o tratava com certa intimidade. Enquanto seu pai e sua mãe o chamavam pelo nome Abelardo, ela o chamava carinhosamente de Belo. O rapaz a chamava de Dona Eloísa e a tratava com muito respeito, afinal a moça para ele era a filha do patrão. Eloísa tinha conhecimento do namoro de Abelardo com Mariana, mesmo assim não deixava de aproximar-se dele com olhares e conversas insinuantes suspeitas. Abelardo percebeu que aquele procedimento deixava transparecer explicitamente o interesse dela por ele. Prevendo complicações se afastava discretamente. Tentando arrefecer o clima embaraçoso que cada vez mais se acentuava, passou a evitar contato, preferia almoçar e jantar sozinho em seu espaço. Apesar de Eloísa ser uma menina inocente que nunca havia se apaixonado nem namorado ninguém, imediatamente sentiu-se preterida pelo funcionário do pai, o que fez aumentar sua fascinação pelo rapaz arredoio.

Uma tarde estava descansando em sua casa, ela entrou e fechou a porta, surpreendendo-lhe com aquela invasão repentina e lhe disse com todas as palavras

que o amava e estaria disposta a qualquer coisa por ele. Com muito jeito ele foi lhe falando que deveria ir embora, caso seu pai a visse ali as coisas não ficariam boas para ele.

Para dissuadi-la de vez, explicou-lhe que não precisava esperar nada dele, pois amava sua namorada e pretendia, assim que tivesse condições, casar-se com ela. A mocinha reagiu ofendendo-o com palavras humilhantes e saiu chorando.

Abelardo, presentindo que as coisas não parariam por aí, porque havia despertado revolta na menina, decidiu colocar Sr. Geraldo a par da situação, acenando com a possibilidade de deixar o trabalho e procurar outro emprego. O pai, muito sensato, obtemperou que o caso não carecia de medida tão radical, gostava do rapaz e prescindia de seu trabalho. Disse que resolveria a situação com uma conversa com a esposa e a filha, garantindo que o caso não mais se repetiria.

Com a intervenção do pai e da mãe, incriminando-a pela atitude, suscitou-lhe uma reação extrema que preocupou os pais. A mocinha disse que não desistiria do rapaz por nada, a ponto de dizer que, caso ele não a aceitasse, se mataria. Tal fato deixou os pais impotentes, sem reação.

A menina, que antes passava o dia na lida ao lado da mãe, agora vivia enclausurada em seu quarto, mal se alimentava e chorava sem cessar.

O rapaz sensato, percebendo o sofrimento dos pais da moça, deliberou pedir as contas e se mudar. O pai,

temeroso, mesmo a contragosto, optou por aceitar a decisão dele. Quem sabe com sua ausência a filha reconsideraria e o esqueceria?! Então Abelardo saiu de cena e se mudou para longe, mas continuou namorando Mariana, visitando-a esporadicamente.

A ausência de Abelardo não arrefeceu aquela paixão doentia, provocou efeito contrário e a fez aumentar, multiplicando por sua vez a preocupação dos pais, que já não sabiam o que fazer para reanimar a filha, que definhava a olhos vistos.

27/09/2019

# Solução Preventiva

AQUELA MENINA ALEGRE E disposta de alguns meses atrás se transformou radicalmente, não saía do quarto, pouco conversava, emagreceu, estava pálida, triste e mal-humorada.

Houve uma festa de Santos Reis na região, Abelardo compareceu, estava acompanhado por Mariana. Aquele episódio ocorrido no sítio, apesar de mal explicado, acabou por se tornar público, mas as pessoas evitavam comentar. Nessa oportunidade, em uma conversa entre amigos, Abelardo foi questionado sobre o motivo que o fez abandonar o emprego e se mudar para longe de Mariana. Acabou revelando por alto as razões. Alguns amigos, em tom de brincadeira, disseram a ele que não havia agido com inteligência, pois Eloísa era, sem comparação, um partido mais promissor, era mais bonita, filha única, o pai sitiante forte. Displícitamente, no fervor da conversa, talvez com a intenção de fazer pressão sobre a posição passiva de Mariana, Abelardo acabou dizendo que se casaria com Eloísa se Mariana não quisesse se casar com ele.

Esse comentário desprezível, mas inconveniente, acabou por repercutir entre os rapazes e as moças do local, chegando ao conhecimento de Eloísa, que não havia comparecido à festa, por ainda se manter reclusa em seu reduto doméstico. A paixão que hibernava em estado latente despertou como brasa viva fustigada pela ventania. Agora sua ira e suas flechas tinham a direção de Mariana como alvo e a responsabilizava pelo seu infortúnio, a ponto de seus pais se preocuparem com a possibilidade de ela fazer ou mandar alguém fazer alguma coisa de ruim à mocinha, que trabalhava de sol a sol ao lado do pai e dos irmãos.

Sr. Geraldo, preocupado com a obsessão da filha, conversando com o pai de Mariana, aventou a possibilidade de criar algumas condições para antecipar e até mesmo viabilizar o casamento entre Abelardo e Mariana, na esperança de que, Mariana se mudando para longe, Eloísa reconhecesse que não haveria mais nenhuma possibilidade e tirasse aquelas ideias absurdas da cabeça.

Sr. Tolentino, na qualidade de pai, percebeu que o caso exigia atitude e solução. Conversou com Abelardo, explicou que procedia a preocupação de Sr. Geraldo com a situação da filha. Expôs que a situação se complicara ainda mais depois de sua infeliz declaração, que agora oferecia preocupação até mesmo com a segurança de Mariana. Como Abelardo estava afoito para se casar, marcaram a data. Combinaram que seria uma cerimônia discreta, com poucos convidados, sem muito barulho, em caráter de urgência.

28/09/2019

# Desfecho Inesperado

**N**AQUELE SÁBADO À TARDE um pequeno grupo de pessoas acompanhavam os noivos e seus pais para testemunharem a realização do evento. Com anuência dos pais de Mariana, que ainda era menor de idade, tinha acabado de completar dezessete anos, o casamento foi realizado no civil e no religioso, no cartório e na igreja em Santa Albertina-SP. Depois das respectivas cerimônias, os poucos convidados foram transportados em um caminhão até a humilde casa dos pais da noiva, que ficava a menos de três quilômetros do sítio do Sr. Geraldo, para uma singela confraternização muito discreta. Estavam presentes somente os parentes próximos dos nubentes. Depois do jantar modesto, antes de o sol desaparecer no horizonte, cada convidado pegou sua charrete ou carroça e todos foram para suas casas.

No sítio vizinho, na noite daquele mesmo sábado, Eloísa levantou-se, enquanto seus pais dormiam, foi

até o paiol, munida com uma lamparina, pegou uma pequena latinha que continha menos de um quilo de formicida tatu, o veneno mais forte existente na época, que era comprado livremente no comércio para exterminar qualquer tipo de insetos e pequenos animais. Em seguida, voltou para sua casa, colocou uma colher bem cheia em um copo com água, mexeu bem e sorveu tudo. Imediatamente voltou ao seu quarto, mal deitou em sua cama, deu início a uma espécie de convulsão, provocando contorções e soluços intensos. O barulho incessante acordou seus pais, que vieram rápido ver o que estava acontecendo, imediatamente perceberam que não tinham mais nada a fazer. No estertor da morte Eloísa vomitava uma espuma branca que exalava o cheiro forte do veneno letal.

Vizinhos próximos foram avisados, e a notícia da morte de Eloísa espalhou-se rapidamente, ninguém acreditava que ela havia consumado o que havia prometido. Uma menina linda que não havia completado dezessete anos, filha única, saudável, bonita, cheia de vida.

A população dos córregos do Schimidt e Sertãozinho nessa época era expressiva. Aquela notícia causou comoção generalizada. Durante todo aquele domingo, uma multidão de pessoas ocupou o quintal e o interior da casa do Sr. Geraldo e Dona Alzira. No centro da sala espaçosa, sobre uma mesa um caixão todo branco, dentro dele o corpo de Eloísa, também vestida de branco, que não suportou aceitar a perda do primeiro amor. Antes do entardecer daquele triste domingo, o caixão

branco com Eloísa foi transportado sobre a carroceria de um caminhão para ser sepultado no cemitério de Santa Albertina.

Pouco tempo depois, Sr. Geraldo e Dona Alzira venderam o pequeno sítio e se mudaram, não poderiam continuar vivendo naquele lugar onde viram crescer a única filha, uma menina gordinha, que em pouco tempo se transformou em uma linda mocinha, que amou com tanta intensidade e, em sua inocência, enganosamente entendeu que aquele amor que sentia era mais importante que sua própria vida.

*“Não entendia ela que quando DEUS nos dá a vida, também nos dá tudo que necessitamos. Seu verdadeiro amor não era aquele que a rejeitou, mas ele existia, a amaria com sinceridade e intensidade e lhe faria muito feliz. Bastaria esperar que no momento oportuno ele surgiria. Não imaginava ela, em sua inocência, que precisamos ter fé, esperança e paciência, que a vida nos é dada por DEUS e somente ELE poderá retirá-la.”*

*“Quando encontramos DEUS, todas as outras coisas nos serão dadas por acréscimo.”*

28/09/2019

# A Última Palavra

**D**ESDE CRIANÇA SEMPRE PRESTEI atenção nas histórias que ouvia, embora alguns daqueles relatos não se tratassem de ficção, mas de acontecimentos que ocorriam amiúde no seio de algumas famílias. Faziam comentários na presença de crianças, por entenderem que a percepção de uma criança de cinco ou seis anos não capta nada, mas como ouvia repetidas vezes, por diversas fontes, acabavam por ficar gravados em minha memória, como casos verídicos, fatos ocorridos na região de Santa Albertina-SP, mais especificamente abrangida pelos córregos do Schimidt, Sertãozinho e Santa Adélia. Esse tríplice cenário foi palco de alguns acontecimentos que marcaram muito a minha infância.

De acordo com os padrões da época, para uma família ser considerada remediada bastava possuir uma pequena propriedade rural com alguns milheiros de pés de café. Isso lhe conferia status de poder e superioridade, principalmente sobre aqueles que deles eram depen-

dentos, por ocuparem posição subalterna de meeiros, colonos ou empregados.

Uma família para ser considerada por muitos como abastada necessitava possuir algumas dezenas de milheiros de pés de café em produção, para isso teria de manter sempre em sua propriedade três ou quatro famílias para zelar de toda a lavoura da propriedade. Essas famílias residiam na própria propriedade onde trabalhavam, em casas simples. Daí o elevado contingente de pessoas concentradas em uma região relativamente pequena. Com a erradicação gradativa dos cafezais, essas famílias foram se mudando e a população se reduzindo na mesma proporção.

Sr. Juvenal era um homenzinho franzino e humilde, quase cinquentenário, descendente de italianos. Era casado com Dona Tereza, mulher encorpada devido à obesidade mórbida, pouco mais jovem que o marido, descendia de imigrantes espanhóis, tinha um temperamento autoritário, compulsivo, difícil e exercia ascendência sobre o marido de forma humilhante sistemática, talvez influenciada pela superioridade física. Era uma dessas famílias que possuíam uma propriedade rural de médio porte, com dezenas de milhares de pés de café, por essa razão gozavam de reputação unânime que lhes conferia a condição de abastados.

Tiveram apenas um filho varão que recebeu o nome de Nelson, herdou do pai as características físicas e os olhinhos azuis. Com dezoito anos de idade já tinha adquirido a altura definitiva que correspondia a de seu pai, não mais que um metro meio, e peso insignifican-

te. Então toda a vida ficou conhecido como Nelsinho de Dona Tereza, que da mãe espanhola herdou o gênio compulsivo, autoritário e turrão. Espelhando-se na própria mãe aprendeu a exercer ascendência sobre o pai e outras pessoas.

O marido e o filho viviam envolvidos com a atividade pecuária da propriedade, cuidando das pastagens e do pequeno rebanho de vacas de leite, não se envolviam com os cafezais. Todo o rendimento auferido da lavoura de café provinha da parceria com os colonos. A pequena família desfrutava de uma confortável situação financeira, a maior parte das receitas da propriedade procedia da venda das colheitas de café, que eram administradas com exclusividade por Dona Tereza, sob regime austero. Nelsinho e o pai não exerciam qualquer tipo de ingerência sobre as finanças, mesmo assim levavam vida de fidalgos.

Entre os colonos da propriedade havia uma família com características caboclas, produto da miscigenação de várias raças que acabaram por formar a cor predominante da população brasileira. A família de colonos era composta de sete pessoas, os pais e cinco filhos, sendo três rapazes mais velhos e duas moças (as caçulas), todos muito trabalhadores. Eram seis pares de braços, que trabalhavam incansavelmente e respondiam pela condução de parcela significativa da lavoura de café da propriedade do Sr. Juvenal e Dona Tereza, há alguns anos. Aquelas duas meninas cresceram praticamente naquele sítio, entre os pés de café, e em pouco tempo se tornaram duas mocinhas de corpos bem esculpidos, que esbanjavam

saúde e disposição. A mais velha chamava-se Sebastiana, a caçula Sílvia. Por serem afro- descendentes, as filhas de Sr. Osório e Dona Cleuza eram duas moçoilas muito bonitas e simpáticas. Os cinco filhos eram todos solteiros. Os três rapazes, quando não estavam trabalhando, gostavam de jogar bola. Segundo diziam, o entretenimento preferido das meninas eram os bailes da roça que aconteciam esporadicamente na tríplice localidade retrocitada, indo sempre acompanhadas pelos pais e irmãos, que também eram apreciadores dessa diversão.

Nelsinho, um rapazinho com corpo de menino, mas postura de adulto, vivia infiltrado entre os jovens da localidade, entre outros, os filhos de Sr. Osório, ora jogando bola, ora nos bailes. Costumava dançar com as moças da localidade, entre elas, Sebastiana e Sílvia, e retornavam caminhando juntos por aquelas estradas em algazarras pelas madrugadas, sempre muito felizes. Nelsinho, nessas ocasiões, vestia-se elegantemente deixando visível sua condição financeira privilegiada. Devido à sua estatura reduzida sofria algum tipo de preconceito das moças, por isso era retraído e até então não tinha tido namorada. Começou a interessar-se por Sebastiana, com gentilezas e insinuações de jovem inexperiente querendo atrair a atenção da mocinha de dezesseis anos, impulsionado pela força de uma paixão que há muito acalentava, que dava sinais de romper-se por não mais conseguir ocultá-la. A mocinha, incomparavelmente mais apresentável fisicamente que ele, de certa forma correspondia a seus olhares e insinuações de forma receptiva, mas re-

servada, por sentir que entre os dois havia um enorme abismo que os separava.

Em um desses bailes, enquanto dançavam, Nelsinho se pôs nas pontas dos dedos dos pés e conseguiu dizer ao ouvido de Sebastiana que a amava e queria namorá-la. Surpreendida com aquela declaração, imediatamente parou de dançar, segurando em sua mãozinha o puxou para um local mais reservado, onde os sons do acordeão e da zabumba não interferiam e começaram a conversar seriamente. Olhando dentro de seus olhinhos azuis, ela disse:

— Isso não pode ser, Nelsinho.

— Por quê? Você não gosta de mim?

— Não é questão de gostar, sou uma moça pobre, que trabalha na roça, você é branco e rico, único filho de nosso patrão.

— E daí, o que uma coisa tem a ver com a outra?

— Você sabe que nossa vida não é nada fácil! Seus pais podem não gostar, principalmente sua mãe, podem querer mandar a gente embora por esse motivo. Nós precisamos trabalhar para viver, por isso eu não posso namorá-lo.

— Quanto a isso lhe garanto que não vai acontecer nada, eu não permitiria.

— Por acaso sua família sabe desse seu interesse por mim? Sua mãe jamais aceitaria que namorássemos, principalmente por causa de minha cor e de minha condição. Você já pensou nisso tudo?

— Meus pais não mandam mais em mim, já tenho dezoito anos, sou um homem, sou dono de meus senti-

mentos, ou melhor, há muito tempo meus sentimentos são todos seus.

— Então conversa com sua mãe primeiro. Se ela concordar terei muita honra em tê-lo como meu primeiro namorado, e um dia poderemos até nos casar.

— E se ela não concordar?

— Obrigue-a a concordar!

Nelsinho sentiu que Sebastiana, além de muito bonita, também era determinada, exatamente como desejava. Necessitava de uma mulher forte ao seu lado. Voltaram a dançar, depois ficaram conversando durante o restante do baile, até quando Sr. Osório reuniu a família, convidando todos a pegarem o caminho de casa. Foram embora juntos. Quem os observasse poderia perceber um clima de cumplicidade entre os dois, mas ninguém melhor que Nelsinho compreendia que Sebastiana tinha razão em pensar daquela maneira. Todos conheciam a prepotência e empáfia de sua mãe, por isso teria que pensar em uma maneira de convencê-la. No entanto, estava decidido, e não seria a mãe que o impediria de levar a efeito aquele desejo que já o corroía.

29/09/2019

# Estratégia para Convencimento

**O** S DIAS SE PASSAVAM E NELSINHO protelava a conversa com a mãe. Decidiu conversar primeiro com o pai, mesmo sabendo que a opinião dele não tinha poder de decisão, mas não poderia desconsiderar sua opinião. Numa oportunidade em que se encontravam sozinhos, disse ao pai:

— Meu pai, estou precisando de sua ajuda. Estou pensando em namorar uma menina, mas ela me disse que só aceita namorar comigo se o senhor e mamãe concordarem com o namoro. Caso contrário ela não aceita.

— Quem é essa moça, meu filho?

— É a Sebastiana, filha do Sr. Osório.

— A Sebastiana, meu filho? Não seria melhor escolher outra moça?! Sua mãe não vai concordar.

— Mas eu não quero outra pessoa. Já me decidi. Quero somente ela.

— Vou falar com Tereza, mas penso que ela não concordará.

Então Sr. Juvenal, como um reles soldado raso, aproximou-se da esposa que considerava um coronel de alta patente. Apesar de não bater continência, sempre lhe obedecia e a temia, por isso foi lhe dizendo com muito jeito:

— Tereza, nosso filho Nelsinho já completou dezoito anos e está pensando em namorar uma moça que você conhece. Gostaria para isso de ter nosso consentimento, não é nada sério não, um namorinho sem importância.

— Quem é essa moça, Juvenal?

— É a Sebastiana, filha do Osório e da Cleuza, nossos colonos.

— Está ficando louco, Juvenal? Isso não permitiria nem morta.

— Também não gostei muito da escolha, mas não será nada sério, um namoro passageiro de jovens.

— Já lhe disse, Juvenal, nem morta permitiria. Uma negrinha burra, pobre, feia e desclassificada.

— Feia ela não é, dizem ser uma das moças mais bonitas da região. Perto do Nelsinho é uma princesa, mas vou convencê-lo de que não é uma boa escolha, reconsiderará.

A sós com o filho argumentou que merecia uma moça melhor, mais instruída, condizente com o nível social dele, de melhor procedência. Não valeria a pena entrar em atrito com a mãe por um motivo tão irrelevante.

— Sinto muito, meu pai, mas já fiz minha escolha e desse direito não abro mão. Somente eu escolherei a pessoa com que vou viver para sempre, aquela que será a mãe de meus filhos, desse direito não abdicó. Ela só quer o consentimento de vocês.

— Você conhece sua mãe, ela é teimosa como uma porta, não concordará.

Como a intervenção do pai não havia logrado nenhum resultado como havia previsto, Nelsinho iria se preparar psicologicamente para enfrentar a mãe prepotente e autoritária, mas estava disposto a tudo. Nem que fosse preciso usar recursos extremos, faria prevalecer seus direitos.

30/09/2019

# Difícil Negociação

**D**EPOIS DE REFLETIR MUITO e pensar na forma que Sebastiana sugeriu que fizesse, Nelsinho deliberou conversar com sua mãe. Aproveitou uma noite depois do jantar, quando seu pai não estava presente, aproximou-se dela e começou dizendo:

— Minha mãe, pedi ao meu pai para lhe dizer que pretendo namorar e me casar com a Sebastiana, mas, segundo meu pai, a senhora descartou a possibilidade. Gostaria que me dissesse as razões por que não aprova?

— Nelsinho, meu filho, os pais sempre desejam o melhor para os filhos. Você deve escolher para namorar uma moça de nosso nível, de família tradicional, uma moça branca, educada e preparada. Caso um dia se case com ela, terá nosso nome, virá morar em nossa casa, entrará para nossa família.

— Acontece, minha mãe, que já está decidido. A Sebastiana é a moça mais bonita que conheço, é honesta,

educada, trabalhadeira, gosta de mim, é tudo o que preciso. Além do mais, nenhuma moça como a senhora está pensando aceitaría namorar comigo. Todas dizem que sou um baixotinho muito desajeitado.

— Isso é inveja desse povo, porque somos ricos.

— Há muito tempo a gente já se gosta, somente agora tive coragem de pedi-la em namoro, mas ela disse que só aceita com o consentimento da senhora e do papai. Não quer iniciar o namoro sem a aprovação de vocês, talvez pelo fato de serem nossos colonos.

— Já disse ao seu pai que não concordo com esse namoro nem morta.

— Para mim, viva ou morta, não me importo. Vou namorar e me casar com Sebastiana, mesmo não concordando depois de morta.

— Prefere ver sua mãe morta a desistir dessa negrinha burra desclassificada?!

— Nada nesse mundo me fará desistir dela.

Dona Tereza não admitia ser afrontada daquela maneira, muito menos por um pirralho que ela havia criado e ensinado boas maneiras. Foi até a beira do poço que tinha uns trinta metros de profundidade, que ficava na varanda da casa, tirou suas chinelas, com dificuldade subiu sobre o caixão e disse ao filho:

— Fala que vai desistir dela, ou pulo no poço!

— Pode pular, não vou desistir. Mas fique sabendo que aí será o seu túmulo, porque ninguém conseguirá tirar a senhora daí. É só enterrar o poço e fazer um outro. Então vai concordar com meu casamento ou não?

— Não concordo nem morta!

— Então vou empurrá-la para dentro do poço.

Quando Dona Tereza percebeu que o seu Nelsinho querido vinha em sua direção para consumir sua intenção, lhe disse:

— Eu juro que concordo. Pode se casar com Sebastiana!

Com muita dificuldade conseguiu descer do caixão do poço, calçou suas chinelas e foi chorando para dentro da casa.

Quando seu pai chegou, foi lhe contar a novidade.

— Papai, conversei com mamãe, ela concordou com meu casamento. Agora quero saber sua opinião.

— Se sua mãe concordou, quem sou eu para discordar! Pode se casar, meu filho.

Dessa forma, Nelsinho havia conseguido o consentimento unânime de seus pais, teria apenas que comunicar o fato a Sebastiana e à família dela e iniciar o romance que certamente seria um namoro breve, pois Nelsinho tinha urgência em consumir o casamento, necessitava daquela moça determinada ao seu lado. Aquela casa estava precisando de um novo governo, pois o reinado de Dona Tereza havia finalmente expirado.

07/10/2019

# Nem Freud Explica

**P**ARA OS PADRÕES DA ÉPOCA, um caso excepcional de amor improvável, que o mais otimista dos mortais não encontraria parâmetros para se convencer de que uma relação daquela seria viável, porque todas as evidências conspiravam contra. Por essa e outras chegamos à conclusão de que esse acontecimento transcende nosso obtuso entendimento, apesar de que nos dias atuais os padrões convencionais são ignorados a todo momento e tudo parece tão normal, mas naqueles tempos as mentes e os costumes eram mais conservadores e inflexíveis.

Beatriz, uma jovem de dezessete anos, muito bonita e prendada, filha de um comerciante bem-sucedido, dono de um pequeno sítio e um armazém de secos e molhados, era a mais velha de três irmãos, ainda jovem aprendeu a ajudar o pai no atendimento aos fregueses do empório rural. Ora na máquina registradora, ora servindo os clientes, porque nessa época os fregueses não

tinham acesso às mercadorias, como acontece hoje nos supermercados. O freguês chegava com uma lista de compras e o atendente comerciante retirava uma a uma das prateleiras, que ficavam separadas do público por um extenso balcão.

Nesta ocasião chegou na região um nordestino, era um sujeito moreno, sorridente e demonstrava ser razoavelmente instruído, chamava-se Sebastião e devia ter quase quarenta anos. Começou a trabalhar temporariamente naquelas propriedades rurais próximas a esse armazém, em todo tipo de serviços, principalmente no trato das lavouras. Nos finais de semana Sebastião era um assíduo frequentador daquele estabelecimento comercial. Gostava de ficar conversando com o Sr. Ataíde, dono do armazém, com os fregueses e outros frequentadores. Sua marca registrada era a risada extravagante, que por si só provocava riso nas pessoas, por isso sua presença era motivo de alegria para todos. Quando chegava a hora de ir embora, religiosamente tomava um gole de cachaça, pagava pela bebida, se despedia e saía.

Com o passar dos meses, Sebastião tornou-se amigo de todos, gostava de contar histórias do Nordeste, das secas e de tantas outras intempéries que assolam aquela região, causando dificuldades para seu povo sofrido. Era uma pessoa interessante, seu sotaque diferente atraía a atenção das pessoas, tornou-se assim bastante popular. De vez em quando se aproximava sorrateiramente de Beatriz e ficavam conversando com naturalidade sem levantar nenhuma suspeita. Como disse no início, as diferenças eram

tão gritantes que ninguém poderia imaginar que entre os dois poderia surgir qualquer possibilidade de interesse recíproco, principalmente por parte da mocinha.

Aquelas conversas foram se tornando mais frequentes e demoradas, acabando por chamar a atenção do pai de Beatriz. Quando percebia os dois conversando, aproximava-se tentando ouvir o que conversavam. Eles percebiam, interrompiam o diálogo ou se afastavam discretamente. Sr. Ataíde não tinha nada contra Sebastião, era um rapaz trabalhador, honesto, não bebia, não se envolvia em confusões, mas admitir que estivesse se insinuando para sua filha adolescente era uma hipótese fora de qualquer cogitação. Era uma pessoa que ninguém conhecia seu passado, poderia ter sido até casado ou ter cometido algum delito que todos ignoravam. A intuição de Sr. Ataíde recomendava que ficasse de olhos bem abertos, o comportamento dos dois estava diferente, aqueles olhares e sorrisos discretos eram evidências preocupantes. Para evitar aborrecimentos futuros, resolveu, naquela noite, ter uma conversa sincera com a filha. Comunicou sua suspeita com a esposa. Dona Maria achou que ele estava imaginando coisas, mas disse que gostaria de estar presente quando fossem conversar. Depois do jantar aproveitou a presença da esposa e da filha e com muita calma foi dizendo:

— Beatriz, posso estar enganado, mas tenho percebido uma relação estranha entre você e Sebastião. Gostaria que usasse de sinceridade com seu pai e sua mãe e nos contasse o que está realmente acontecendo.

— O senhor está certo, meu pai, estou realmente gostando do Sebastião e ele também gosta de mim.

— Minha filha, você é uma menina de dezessete anos. Sebastião deve ter minha idade, quarenta anos, vinte e três anos mais velho que você, tem idade para ser seu pai também. Além do mais, ninguém sabe nada a respeito desse homem. Não seria melhor repensar essa sua posição antes que as coisas se tornem mais complicadas?

— Não, meu pai, Sebastião e eu temos conversado bastante, temos alguns planos. Quando eu completar dezoito anos, pretendemos nos casar e mudar para São Paulo, morar e trabalhar lá. Sebastião pretende falar com o senhor e obter o seu consentimento.

Ao ouvirem essas palavras da filha, a mãe começou a chorar, Sr. Ataíde pensou consigo mesmo que só poderia ser o prenúncio do final dos tempos uma menina de dezessete anos falando com aquela segurança. Dona Maria interferiu dizendo:

— Minha filha, isso é loucura, não aprovaremos essa insanidade. Não sabemos quem é esse homem, talvez seja até casado. O que fez você acreditar nele?

— Ele não é casado, é uma pessoa boa e gosta de mim, só é um pouco mais velho que eu.

Diante daquela declaração perceberam que a situação era mais preocupante do que imaginavam, os acontecimentos haviam progredido sem que percebessem, bem debaixo de seus narizes. Sebastião não só havia conquistado a simpatia da filha, como também a con-

vencido a aceitar a ideia de casamento e mudança para longe deles.

— Vou falar com esse Sebastião. Se não sumir daqui, as coisas não ficarão boas para o seu lado.

— O que o senhor vai fazer, meu pai?

— Por enquanto, pretendo só conversar com ele.

10/10/2019

# Conversa Civilizada

**N**AQUELA CASA, NAQUELA noite, três pessoas não dormiram, apenas rolaram nas camas – Sr. Ataíde, Dona Maria e Beatriz. No outro dia pela manhã, Beatriz mandou um bilhete para Sebastião. O portador do bilhete, um menino que morava próximo ao armazém, estando a caminho da escola, encontrou-o trabalhando, capinando ao lado de seu patrão uma lavoura de arroz, entregou-lhe o pedaço de papel, com os dizeres:

*“Sebastião, papai descobriu tudo, então não tive opção e lhe contei a verdade. Acho que não concordarão com nosso namoro, talvez fosse melhor você ir embora, temo pelo que pode acontecer com você. Não sei o que ele seja capaz de fazer para impedir nosso namoro. Beatriz”*

Sebastião leu o bilhete, permaneceu encostado no cabo da enxada, pensativo, guardou o bilhete no bolso

e voltou a trabalhar. Enquanto trabalhava pensava: *“Isso mais cedo ou mais tarde teria que acontecer, talvez tenha sido melhor assim, terei tempo para pensar o que fazer. Ir embora sem Beatriz, isso nunca”*.

Passados dois dias, depois de muito refletir, em uma noite quando Sr. Ataíde havia fechado seu armazém, Sebastião resolveu procurá-los para expor suas intenções. Foi recebido com surpresa pela família de Beatriz, pois não o esperavam, cumprimentaram-se com formalidade, constrangidos perceberam que era uma visita oficial com intenção predeterminada, sentaram os quatro no alpendre da casa, iluminados pela luz do lampião a gás. Sebastião quebrou o silêncio dizendo:

— Sr. Ataíde e Dona Maria, penso que estão surpresos com o motivo desta minha visita, mas de qualquer forma uma hora eu a faria. Beatriz me contou através de um bilhete que o senhor descobriu que a gente está se gostando. Então sinto que é minha obrigação revelar algumas informações sobre minha pessoa e também sobre o que desejo fazer, pois sei que não me conhecem direito. Sou um trabalhador rural ambulante de origem nordestina, há mais de dez anos deixei minha família, meus pais e meus irmãos, na região de Barreiras, no Estado da Bahia, desde então venho percorrendo o mundo trabalhando, até quando cheguei nesta região. Nunca pensei em me casar devido ao meu estilo de vida, mas agora descobri que não casei antes porque não havia encontrado a pessoa que despertasse em mim esse desejo. Agora que conheci Beatriz pretendo mudar, penso que ainda não é tarde para cons-

tituir uma família. Quando Beatriz completar dezoito anos, nos casaremos e mudaremos para a capital.

Sr. Ataíde e Dona Maria ouviam Sebastião hipnotizados, não sabiam direito o que pensar, se aquele homem estava usando de sinceridade ou era um ludibriador experimentado, que estava conseguindo convencê-los com sua conversa bem direcionada. Sr. Ataíde se manifestou dizendo:

— Sebastião, essa revelação caiu sobre nossa casa como uma bomba, não vou mentir dizendo que ficamos felizes com essa notícia. Imaginávamos para namorado de nossa filha um rapaz de uma família conhecida da região, que tivesse sua idade, mas tenho pensado que essa é uma escolha exclusiva de nossa filha, não seremos nós que decidiremos com quem ela deve namorar ou se casar. Por isso lhe peço para que não precipite as coisas, deixe-nos acostumar com a ideia.

— Sr. Ataíde, não é minha intenção fazer as coisas precipitadas, só agiria dessa forma caso os acontecimentos não nos deixassem outra alternativa, mas com seu consentimento faremos como o senhor desejar. Uma certeza o senhor pode ter: só não me casarei com Beatriz se ela não quiser se casar comigo.

— Vamos começar a pensar numa solução para o problema, mas também esteja ciente de que, pela felicidade de minha filha, estou disposto a qualquer coisa.

Beatriz, que se mantinha calada, ora olhando para o pai, ora para Sebastião, se mexeu demonstrando querer participar da conversa, perguntou:

— Podemos começar a namorar de verdade aqui em casa?

Dona Maria, que até então estava temendo pelo desfecho da conversa, entendeu que estava investida de autoridade para responder à pergunta da filha, disse:

— Somente nos finais de semana e aqui dentro de nossa casa.

11/10/2019

# Contra os Fatos Não Há Argumentos

**N**O PRINCÍPIO O NAMORO continuou como era antes, no balcão do armazém, sem a marcação cerrada do Sr. Ataíde. Aos poucos as pessoas iam tomando conhecimento do fato e os comentários circulavam mais que a moeda corrente da época. O ponto mais comentado e incompatível do casal era sem dúvida a diferença das idades, apesar de Beatriz possuir corpo e postura de uma moça feita. A razão mais inconveniente da relação, que não passava despercebida, era pelo fato de ninguém conhecer as origens de Sebastião, mas sua conduta lhe conferia credibilidade, era muito educado e respeitoso com todos, correto em suas relações de trabalho e gozava da amizade de todos indistintamente, idosos, senhoras e crianças.

Aos poucos, por insistência de Beatriz, Sebastião começou a frequentar a intimidade do lar de Sr. Ataíde

e Dona Maria. Quando Beatriz completou dezoito anos, Sebastião comunicou aos pais de Beatriz que estavam decididos a consumir o que haviam idealizado: casar e tentar a vida na capital de São Paulo. Nessas alturas Sr. Ataíde já havia ingerido e degustado a ideia, na verdade não tinha nada a fazer, tudo conspirava a favor da viabilidade da relação, era perceptível o entendimento e o estado permanente de felicidade que demonstravam, nenhum acontecimento ou atitude desabonava a idoneidade de Sebastião, a única restrição agora seria a mudança deles para longe. Nessa oportunidade Sr. Ataíde, com anuência da esposa, ponderou a possibilidade da realização do casamento, com uma condição:

— Sebastião, conversando com minha esposa, queremos lhe dizer que concordamos com o casamento, mas gostaríamos intensamente que não se mudassem. Temos uma casa desocupada no sítio, poderia zelar de minhas criações e da pequena lavoura de café. Beatriz continuaria me ajudando nos trabalhos do armazém e eu lhe compensaria com um salário mensal. Quanto ao seu trabalho teria liberdade de incrementar algumas atividades que lhe gerariam alguma renda, como criar de porcos e galinhas, plantar uma horta. Dividiríamos apenas os rendimentos do gado e do café, assim não precisariam se mudar para tão longe.

Sebastião ficou pensativo, talvez não fosse uma má ideia, disse que conversaria com Beatriz. Se ela estivesse de acordo, poderiam rever seus planos e continuariam todos morando ali mesmo. Ao tomar conhecimento

da proposta do pai, Beatriz concordou imediatamente, pois estava receosa em se mudar para lugar tão distante e desconhecido. Ambos ficaram muito felizes com o apoio que estavam recebendo do pai. Assim que Beatriz se manifestou favorável a continuar morando ali mesmo, Sebastião comunicou a decisão ao futuro sogro e pediu para que marcasse a data do casamento. Escreveria com antecedência aos pais e irmãos que ficaram na Bahia, convidando-os para a cerimônia de seu casamento. Todas aquelas atitudes de Sebastião deixavam transparecer a personalidade de um homem sensato, que possuía um grande senso de compreensão, que não passavam despercebidas ao pai de Beatriz, que a cada dia assimilava mais positivamente a ideia daquele casamento que a princípio rechaçara.

14/10/2019

# O Casamento

**SR** ATAÍDE, COM A ANUÊNCIA das partes envolvidas, marcou a data do casamento, com tempo suficiente para as providências que o caso requeria, como confecções de roupas e preparação de singela confraternização para os parentes e vizinhos próximos e também para recepcionar os parentes de Sebastião. Eles viriam exclusivamente da Bahia para conhecer a noiva e sua família e desejar felicidades ao último dos filhos que ainda não havia se casado.

A cerimônia transcorreu nos moldes da época, um caminhão transportou uma pequena multidão até Santa Albertina para testemunharem o evento, que foi realizado no Cartório Civil, pela manhã, e na Igreja Católica, na parte da tarde. Depois das exéquias, os nubentes retornaram em automóvel alugado, acompanhado pelos convidados na boleia do caminhão, em clima de festa, com direito a queima de rojões, alvoroçando a cachorra-da vizinhança.

A tarde toda foi envolvida com os festejos, comida e bebida à vontade para os convidados, patrocinado pelo pai da noiva, em enorme barraca de lona montada na estrada defronte ao armazém, que naquela tarde permaneceu com as portas fechadas. Encerrado o jantar, o espaço foi preparado para a realização de um movimentado baile, com acesso liberado a todos os moradores da região, que avançou madrugada adentro. Desta forma, estava consumado o casamento de Sebastião e Beatriz.

Para ratificar nossas conclusões sobre o determinismo sobre casamentos, podemos dizer que aquele era um casal feliz. O ambiente de felicidade tornou-se ainda mais real quando, após dois anos desses acontecimentos, Beatriz dava à luz um casal de gêmeos, uma linda menina e um lindo menino, iluminando para sempre a vida daqueles pais e avós, que, no sentindo mais amplo da palavra, formavam uma grande família feliz.

16/10/2019

# O Andarilho

**A**QUELE ANDARILHO era simplesmente um homem, um vulto andrajoso maltrapilho em movimento, não trazia consigo nenhum documento pessoal que identificasse suas origens. Apesar de jovem, a aparência sofrível lhe imputava pelo menos mais de quatro décadas de existência. Optou por ser um indigente errante, já havia percorrido uma boa parte das principais estradas desse país, seu passo lento sem pressa para chegar, na verdade andava a esmo sem saber para onde ir. Andar simplesmente sem ter um lugar pra se chegar, essa foi a maneira que encontrou para aplacar a dor que sentia na alma. A dor provocada pelo abandono de seu grande amor, que inesperadamente, sem lhe dar uma explicação ou alegar um motivo racional, simplesmente o trocou por um outro, e evadiram-se às ocultas. A inércia fazia doer seu coração de maneira insuportável, a aflição que começou a sentir obrigou-o a movimentar-se. Sentiu que o simples ato de locomover lhe proporcionava uma espécie de alívio, então passou a caminhar deliberadamente sem rumo e sem destino certo.

A princípio pensou procurar pelos algozes, encontrá-los e matá-los e depois matar-se e abandonar essa vida, talvez a morte solucionaria todos os seus problemas, já que o ato de viver se tornou um fardo muito pesado. Ou se entregar à bebida para anestesiá-lo o sofrimento, mas entendeu que esse paliativo só aumentaria seu despeito e causaria sofrimento às pessoas que ainda o amavam, especificamente seus pais. Comunicou à família que se ausentaria por algum tempo para superar toda aquela angústia que estava sentindo no coração ou acabaria por provocar um ato radical, com consequências extremas, porque a sua vida havia perdido o sentido. A família, impotente, pressentindo a gravidade da situação e o pior que poderia advir, concordou com sua decisão, acreditando que o tempo poderoso repararia as sequelas gravadas na alma vilipendiada pelo abandono injustificável e lhes devolveria a salvo o ente querido castigado pelos imperativos nefastos da vida.

Aquele homem jovem pouco tempo atrás tinha um projeto de vida, tinha um bom emprego, uma esposa e um modesto lar. Era um princípio promissor para quem pretende enfrentar os desafios da vida e transformar em realidade a realização de um sonho há muito acalentado: ambicionava apenas ter uma pequena família, um lar e ser feliz. Mas o golpe fatal fez desmoronar seu sonho como a maré desmancha um castelo feito com a areia da praia, não lhe restando mais nada. Deliberou abandonar tudo que havia conquistado até então. As margens de uma estrada passaram a ser seu mundo, ele sentia que esse mundo seria até o seu final, sempre existiria um novo caminho como

alternativa, isso o consolava, haveria de caminhar até terminar os seus dias. Seus olhos sempre marejados pela poeira e poluição da estrada movimentada, perscrutando o acostamento do asfalto irregular que seus pés calejados incansáveis pisavam, impulsionando-o sempre para frente. Dessa forma ludibriava a dor cruel que ainda o sondava e perseguia. Bastava sentar-se para descansar um pouco, ela reaparecia como um agulhão fustigando seu espírito, incomodando, e ele voltava a caminhar incontinenti.

Na mente a imagem inesquecível da esposa outrora amada e ora incompreendida o acompanhava instintivamente. De vez em quando uma lágrima desprendia de seus olhos, olhava o horizonte distante e imaginava que teria de chegar até lá. Todas as estradas têm como destino o horizonte desconhecido. Seus pés descalços haviam se acostumado com a solidez do caminho áspero, tortuoso e incerto, subindo e descendo encostas, que por sua vez também se petrificaram pelo atrito constante, tornando-se impenetráveis e insensíveis. Seu corpo fustigado pelas intempéries da natureza foi adquirindo a consistência e a polidez do bronze envelhecido, seus cabelos da cabeça e da barba se uniram formando um todo inseparável e indistinguível, seu organismo foi se adaptando à alimentação imprecisa e improvisada com tudo de sólido e líquido que a natureza benevolente oferecia gratuitamente aos animais da terra e às aves do céu. Em pouco tempo seus trajes lavados pela ação das chuvas e enxugados pelo calor do corpo e do sol se tornavam finos e rotos e eram de tempos em tempos substituídos por outros, graças à caridade de algum viandante solidário.

Dentro do saco encardido que trazia nas costas, todo o enxoval indispensável aos andarilhos de ofício: um cobertor surrado também encardido, encontrado num aterro sanitário de lixo, era o companheiro inseparável nas noites geladas; um cantil improvisado levava a água recolhida nos riachos que o supriam nas estiradas dos perímetros longínquos; um utensílio cortante, espécie de faca de caça, o auxiliava para descascar alguma fruta que encontrava e preparar alimentos; uma velha caçarola amassada para cozinhar, colher e garfo, caixas de fósforos, óleo, sal, alguns mantimentos imperecíveis. Isso era tudo, o suficiente para sua sobrevivência. Sobrevivência irrelevante que era menosprezada, que não lhe atribuía a menor importância.

Seu desejo era deitar sob a proteção de um abrigo e dormir para sempre e não mais acordar, adormecer eternamente sob sono profundo, sem sonhos e pesadelos, apagar da mente toda lembrança deste mundo, todos os fatos e acontecimentos indesejáveis desta vida, coisas e pessoas ingratas que cruzaram seu caminho, que o traíram e o condenaram a sofrer irremediavelmente. Não sentir no coração a angústia que envolvia seu ser toda vez que interrompia a caminhada, libertar-se para sempre do calor do sol causticante e do frio das madrugadas do inverno impiedoso, aplacar para sempre a fome e a sede que invariavelmente o corroíam e o torturavam. Simplesmente sumir, desaparecer, evaporar.

Caminhar foi a forma que encontrou para suportar o passar dos dias, que considerava todos iguais, enfadonhos e cansativos, caminhar ao encontro da morte que tanto

desejava, castigar seu corpo e o espírito e abreviar a existência. Estava determinado que deveria ser assim, nada o faria retroceder. Para muitos um doente mental, louco, preguiçoso, delinquente, um pária. Na realidade uma pobre vítima, infeliz, sensível, que se sentiu impotente diante do infortúnio que inesperadamente lhe ocorreu. Uma vida minimamente projetada e idealizada desmoronada à sua revelia. Não encontrou forças nem desejo para recomeçar, estava decidido, assim terminaria seus dias.

Há mais de oito longos anos essa foi sua rotina, caminhar sempre ao lado de uma estrada sem fim, com um saco sujo sobre os ombros, um cajado de madeira resistente nas mãos servindo-lhe de proteção e apoio. Jamais retornou à casa paterna, jamais mandou uma carta, um cartão ou uma notícia. Nunca procurou saber o que aconteceu a seus pais ou a qualquer outra pessoa de seu passado. Queria apagar com uma esponja o passado da memória, do presente não tinha nenhuma recordação, o futuro para ele não existia.

Em uma manhã sem sol, a brisa fresca ondulava os pendões brancos do capim do campo que madurava às margens da estrada e por acréscimo de compaixão acariciava seu corpo estropiado pelo desconforto da noite maldormida. Instintivamente, sem uma razão aparente, rememorava os poucos momentos de felicidade que viveu ao lado da única pessoa a quem amou perdidamente. Avistou ao longe um carro parado no acostamento do outro lado da estrada, com o capô aberto, deveria ter quebrado ou enguiçado. À medida que se aproximava andando

frontalmente pelo lado oposto, uma sensação estranha foi envolvendo-o, apagando da memória aquelas reminiscências indesejáveis, porque intimamente não sentia nenhum prazer relembrar. À meia distância percebeu a silhueta de uma senhora impaciente encostada na lateral do carro, à medida que se aproximava reconheceu um cenário que jamais imaginou presenciar. A mulher encostada no carro era justamente a esposa algoz do passado, no banco de trás duas crianças pequenas, e trocando o pneu do carro o homem cruel que lhe havia subtraído a esposa infiel e impedido seu projeto de felicidade.

Parou por um momento apoiando seu corpo na raiz de aroeira, que tinha a espessura e o comprimento de um cabo de enxada, caprichosamente talhada no formato de um cajado. Ficou olhando e se perguntando por que o acaso, ou o destino, ou seja lá o que for, colocava gratuitamente à sua frente as pessoas que haviam sido os causadores de seu infortuno. Sem encontrar a resposta de imediato, após certificar-se de que não estava enganado, deliberou por abaixar a cabeça e continuar sua trajetória sem que fosse reconhecido.

À medida que caminhava, começou a experimentar uma sensação de paz nunca antes sentida, uma alegria desconhecida lhe invadiu o coração, a alma, fazendo-o explodir num acesso de lágrimas e risos, sua voz emudecida liberou um grito de desabafo: *“Eu lhes perdoo para sempre, com todas as forças de meu coração. Não desejo mais morrer, quero rever meus pais. Deus existe. Ainda posso ser feliz”*.

25/12/2019

# Parte II - Histórias do Outro Mundo



# O Fenômeno da Morte

**N** ÃO OBSTANTE uma infinidade de relatos sobre o mundo espiritual, através de depoimentos de espíritos que há muito tempo vêm se comunicando através da mediunidade de médiuns idôneos e responsáveis, comprometidos com a seriedade dos ensinamentos da Doutrina Espírita, que tem como objetivo esclarecer e consolar, esse assunto é desconhecido para a maioria dos viventes, que não acreditam nem se interessam por esse assunto e irresponsavelmente formam juízo próprio e infundado sobre a questão, e pior, tecem comentários descabidos e se sentem no direito de duvidar, sem se dar ao trabalho de averiguar. Não param para pensar que um dia terão que enfrentar essa realidade frente a frente. Se existe algo a que não podemos fugir nem evitar é que um dia, queiramos ou não, teremos que encarar esse acontecimento.

Muitos dizem e entendem que esse assunto é um mistério, inacessível ao conhecimento do homem. Afirmo com a convicção de quem já pesquisou muito sobre

o assunto que o fenômeno da morte há muito tempo deixou de ser um mistério. As manifestações espirituais existem desde os primórdios da civilização humana e se tornaram tão recorrentes que passaram a fazer parte da vida das pessoas. Na metade do século XVIII, um grupo de estudiosos decidiu analisar o fenômeno e jogar luz sobre o assunto, apurar se realmente aconteciam ou se tratava de mera credice popular. E o resultado dessa longa e trabalhosa pesquisa resultou na confirmação da existência de um mundo espiritual, como também de que era perfeitamente possível o intercâmbio de informações desse mundo com o mundo físico. Essas informações procediam de pessoas que haviam falecido há pouco ou muito tempo. Através de fatos irrefutáveis e do testemunho de pessoas que conviveram com esses comunicantes, pode-se confirmar suas informações com autenticidade.

A partir de então o véu foi retirado e esse assunto deixou de ser um mistério inacessível, essa descoberta não se trata de nenhuma excepcionalidade. Foi simplesmente a constatação de mais um fenômeno natural, semelhante ao descobrir as causas que provocam um raio e consequentemente o estrondo do trovão. Era chegada a hora em que a humanidade necessitava dilatar seu leque de entendimentos, e uma série de descobertas foram se sucedendo. A Lei do Progresso é uma realidade incontestável que ninguém pode negar ou frear. O homem terreno havia adquirido maturidade intelectual e responsabilidade moral para administrar uma série de conhecimentos que sempre existiram, mas não tinham sido pesquisados a fundo e

descobertos. Conhecimentos que viriam alavancar a evolução da humanidade numa velocidade sem precedentes. Em menos de dois séculos de civilização o homem terreno se apropriou de mais conhecimentos que em milênios. Seria impossível enumerar tantas descobertas, basta dizer que foram generalizadas em todos os sentidos, e radicalmente transformou o mundo e a mentalidade das pessoas, e continuará transformando indefinidamente, porque o progresso é contínuo e necessário. Nosso mundo atingiu um grau de evolução que não mais suporta conviver com práticas do tempo da barbárie.

Hoje convivemos com instrumentos e recursos que facilitaram em muito a vida da humanidade em tudo. Teria que ser desta forma, pois somente assim o planeta poderia abrigar e sustentar esse contingente de espíritos encarnados que aumenta progressivamente. As guerras entre povos e nações em todos os tempos da civilização terrena sempre dizimaram parte de seu contingente, um método de extermínio irracional e antinatural, com razões nem sempre justificáveis, entre elas o impedimento do aumento da população. O homem terreno possui todos os recursos e as informações de que necessita para conviver em sociedade, em paz e harmonia. Depois de vinte séculos de Cristianismo, são chegados os tempos de a humanidade colocar em prática todos os ensinamentos de JESUS CRISTO, que podemos sintetizar em “amar a DEUS sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”.

A população do planeta dispõe de todos os recursos materiais, intelectuais e tecnológicos de que

necessita para iniciar uma nova fase existencial, para isso prescinde da transformação espiritual do homem. Faz-se necessário que conheçamos nossa participação e responsabilidade nesse processo de renovação. Para isso, DEUS permitiu que adquiríssemos todos esses conhecimentos, inclusive o que nos espera além desta vida. Para que isso ocorresse, permitiu que aqui encarnassem espíritos de vanguarda, procedentes de mundos mais evoluídos, para alavancar e impulsionar nossas descobertas.

Nosso orbe, como a humanidade terrena, através de milênios, passou por várias fases evolutivas, até atingirmos o atual estágio. DEUS fez o planeta Terra para ser autossustentável, para isso dotou-o da capacidade de gerar recursos naturais para suprir seus habitantes, todos os seres vivos, racionais e irracionais. DEUS fez o homem inteligente e concedeu-lhe poderes para dominar todos os outros seres do planeta. DEUS dotou o homem de espírito, entenda espírito como inteligência, o espírito é imortal, renasce de tempos em tempos para que a inteligência evolua indefinidamente. DEUS é perfeição e inteligência suprema. DEUS concedeu ao homem inteligência, livre-arbítrio e responsabilidade.

Através da inteligência, do livre-arbítrio e da responsabilidade, o homem vai adquirindo moral, conhecimento e definindo o grau evolutivo de seu espírito. A mesma Lei do Progresso que possibilitou a inteligência humana descobrir e criar mecanismos para facilitar a vida do homem no planeta, desenvolveu e criou mecanismos de destruição em massa, com poderes de exterminar a vida

na Terra. As Leis Divinas permitirão que isso aconteça, porque deu ao homem poder de vida e morte, confiou-lhe esse poder de decisão, mas também lhe imputou responsabilidades, portanto responderemos por tudo de certo e de errado que fizermos desse conhecimento. Nesses momentos de transição é chegado o tempo em que o grau do espírito humano deverá estar compatível com o grau evolutivo do planeta, para que se inicie essa nova fase evolutiva, que pressupõe regeneração. Os habitantes desse mundo de regeneração necessariamente não compactuarão com práticas que cerceiam vidas de seres humanos e descaracterizam o status de mundo regenerado, como: guerras, latrocínios, homicídios, abortos, eutanásia, corrupção, escravidão, fome, poligamia, tráfico de pessoas e órgãos, etc. Esses mesmos habitantes não praticarão nem admitirão práticas de destruição do meio ambiente, como: desmatamentos em geral, poluição ou contaminação do solo, das águas e da atmosfera, desrespeito aos animais, etc. Os delitos menos graves serão tolerados, mas severamente combatidos e censurados, desaparecendo gradativamente.

Os espíritos que não atingirem esse grau de compreensão serão recambiados para mundos inferiores, onde o nível de evolução não prescinde dessas práticas racionais conservadoras que requerem respeito aos direitos e aos sentimentos das pessoas e à preservação da natureza. Onde a presença da injustiça e do sofrimento se fazem necessários para impulsionar o desejo de progresso e libertação.

# Na Erraticidade

**S** E O MUNDO FÍSICO É UMA cópia imperfeita do mundo espiritual, há de se considerar que cada espírito que desencarna deparará com situações diferentes. Da mesma forma que, quando nascemos, encontramos ambientes diferenciados, na morte do corpo o espírito encontrará uma realidade diferente, que tem muito a ver com a forma como conduziu sua existência, do uso devido ou indevido que fez de seu livre-arbítrio.

A condução de nossa existência é orientada e dirigida pela nossa vontade, a que chamamos livre-arbítrio, que permite vivermos em conformidade com as Leis Divinas, ou completamente delas distanciados. Quando desencarnarmos estaremos sob a égide dessas mesmas Leis, que São justas, perfeitas e iguais para todos. Têm por fundamento “cada um segundo suas obras” e estarão gravadas na consciência de cada espírito.

O fenômeno da morte assemelha-se ao sono, um sono profundo povoado de sonhos, em que inva-

riavelmente neles estamos inseridos e participando ativamente. Nós nos reconhecemos como causadores de acontecimentos pelos quais nos sentimos responsáveis e nos sensibilizamos como se fossem reais por estarem gravados em nossa consciência, sendo o retrospecto de todas as nossas mazelas. Com o passar do tempo esses sonhos prolongados e contínuos nos dão a sensação de estarmos sob a égide de outra realidade.

Existem espíritos em variados graus de esclarecimento e purificação, cada um encontrará dificuldade inerente à sua condição de compreensão, mas em algum momento específico todos perceberão que não se trata mais de um sonho normal, que algo muito especial aconteceu e todos despertarão. Quando isso acontecer cada um estará submetido à sua realidade, à sua realidade espiritual.

Os espíritos mais esclarecidos e menos comprometidos encontrarão menos dificuldades para reconhecer sua nova condição, em pouco tempo criarão as condições favoráveis para serem socorridos e conduzidos para colônias espirituais, onde receberão tratamento para aliviar seu desconforto e esclarecer suas dúvidas, receber a visita de parentes e amigos desencarnados.

Os Espíritos mais endurecidos não têm essa sensibilidade e compreensão, entendem que *ainda* são vivos, desconhecem que a vida do espírito sobrevive à morte do corpo. Por muito tempo ignoram que desencarnaram e continuam se portando como se estivessem entre os vivos. Quando despertam, percebem que continuam no

plano físico acompanhando tudo que está acontecendo ao seu redor e não compreendem sua condição de espírito, veem e ouvem tudo, falam e não são ouvidos nem percebidos, passam a ser um ser invisível perambulando sobre a terra entre os vivos, exatamente como definem a condição dos espíritos errantes. Frequentam os mesmos ambientes de quando eram encarnados, continuam executando as mesmas funções que exerciam, dando ordens e cumprindo obrigações, não entendem por que não são percebidos nem considerados.

Esses espíritos têm a liberdade de estarem onde desejarem, com a rapidez do pensamento, não encontram dificuldade em penetrar em qualquer ambiente, passam através das paredes e presenciam tudo que se imagina oculto aos olhos do mundo, tanto na presença da luz como na escuridão, nada escapa à sua percepção, possuem a imaginação e a memória mais aguçada que qualquer mortal. Ouve os comentários a seu respeito e acaba por descobrir que é uma alma penada, mas demora a convencer-se dessa realidade, prefere acreditar que estão querendo enganá-lo. Os menos obstinados logo se convencem de seu atual estado e admitem que já não vivem mais, então criam condições favoráveis para que sejam socorridos e conduzidos para uma colônia espiritual condizente com a sua condição.

Geralmente esses espíritos endurecidos e comprometidos são enviados para colônias transitórias de recuperação, onde as condições de conforto e salubridade são condizentes com seu nível fluídico denso, pois ali

encontrarão um ambiente inóspito e agressivo, convivirão com espíritos que possuem a mesma faixa vibratória, onde tudo é permitido e admitido, o desconforto, sofrimento, falta de informação, fazendo dessa colônia um verdadeiro caos. O umbral ou purgatório é uma colônia de sofrimentos extremos, destinado aos espíritos cruéis que necessitam sistematicamente ser esmerilados pelo sofrimento até reconhecerem todos os seus delitos e se arrependerem, e assim adquirirem condições fluídicas necessárias para serem conduzidos para colônias mais civilizadas espiritualmente.

Existem espíritos tão cruéis e endurecidos que habitam essas colônias há séculos, acabam por fazerem desse lugar o seu lar, o seu habitat, e se comprazem e se locupletam na maldade a ponto de criar falanges ou legiões com hierarquia, passando a exercer domínio sobre os demais, tornando esses umbrais verdadeiros infernos. As Leis Divinas permitem que assim seja, porque somente o sofrimento intenso e contínuo consegue sensibilizá-los. Essas legiões de espíritos maus não só têm ascendência sobre os demais espíritos do umbral, como também exercem influência sobre os espíritos encarnados a serviço do mal, como as quadrilhas de malfeitores, ladrões e assassinos, políticos corruptos inescrupulosos que indiretamente provocam misérias indizíveis em todos os setores da sociedade, fomentando o ódio e a violência no seio da população carente. Essas falanges de espíritos malévolos também perseguem inimigos encarnados, através de processos obsessivos,

levando-os ao suicídio e à loucura. Enquanto existirem homens maus sobre a Terra, existirão espíritos maus no mundo espiritual.

Face ao exposto, o estágio de desenvolvimento e conhecimento da população terrena pressente a necessidade urgente de mudanças, tornando-se imprescindível varrer a maldade de nosso mundo. Somente através do processo de reencarnação será possível separar o joio do trigo. Isso não significa juntar o joio em feixes e atirá-lo ao fogo, mas permitir que o joio, através da evolução espiritual, atinja a condição de trigo, para seguir sua trajetória evolutiva. Tal evolução necessita ocorrer em mundos inferiores onde os espíritos consideram normal conviver com a injustiça, maldade e violência. São chegados os tempos de todos os espíritos adequarem seu livre-arbítrio em conformidade com as Leis Divinas e os ensinamentos de JESUS CRISTO. Por questão de continuidade, faz-se necessário promover a elevação do status de nosso mundo para mundo de regeneração. Essa é a trajetória a que estão destinados os mundos e os espíritos.

31/12/2019

# Confidências de um Habitante do Umbral

**A** MIGOS, vocês têm conhecimento, através de ensinamentos bíblicos, que a Terra é um vale de lágrimas. Como? Se estive aí durante mais de sete décadas e não me recordo se alguma vez meus olhos chegaram a verter alguma lágrima, talvez quando criança, mas mesmo assim não me lembro. O que encontrei foram facilidades, tudo que aí empreendi deu certo. Em pouco tempo, ainda quando era um homem jovem, já era considerado por muitos como uma pessoa bem-sucedida e respeitada, poderosa e rica, pois a capacidade de ganhar dinheiro nos proporciona status de poder. Sempre fui senhor de meus atos, nunca servi a quem quer que seja, nem recebi ordens de ninguém. Inexplicavelmente as pessoas se curvavam diante de mim e consentiam que delas obtivesse tudo que desejasse. Nunca gostei de estudar e trabalhar, nem precisei. Abandonei minha família quando tinha quatorze anos de idade e nunca mais os procurei,

queriam fazer de mim um burro de carga, isso não aceitei, deliberei sair pelo mundo sozinho, não tive dificuldades para obter meu sustento. Logo percebi que negociar era mais promissor que trabalhar duro, em pouco tempo já tinha um pequeno capital conseguido através de pequenos negócios, sempre vantajosos para mim. Comprava barato e logo em seguida conseguia passar para outro por um valor superior. As coisas em minhas mãos permaneciam por pouco tempo, logo adquiriam interesse e cobiça das pessoas, penso que sempre tive muita sorte para os negócios. Nunca me envolvi com passeios, jogos e vícios, o dinheiro foi meu maior e melhor amigo, somente ele me bastava, socorria-me em minhas dificuldades, por isso desejava tê-lo sempre em maior quantidade.

Sempre consegui tudo que desejava, ainda jovem consegui um pequeno patrimônio, com o passar do tempo me tornei um homem de posses. Casamento nunca entrou em meus planos, inclusive repudiava a ideia, descobri que não nasci para compartilhar nada, muito menos permitir interferência em minha forma de ser e agir. Tive empregados diversos para cuidar de minhas propriedades, casas, fazendas, carros novos, cavalos e gado de raça, todos de elite. Desfrutei de mulheres jovens e bonitas sem ser necessário formalizar nenhum tipo de vínculo ou compromisso, simplesmente para satisfazerem minhas vontades, que eram compensadas com agrados irrelevantes e substituídas periodicamente. À medida que começavam a ficar exigentes, tornavam-se inconvenientes e insuportáveis.

Mesmo assim a vida para mim começou a se tornar um fardo pesado, tudo que possuía era insignificante e sem valor, porque sempre considerava que era pouco se comparado ao que gostaria de possuir e com o muito de certas pessoas. Esses possuíam e pareciam felizes, se orgulhavam de serem considerados ricos, enquanto eu nunca me enxerguei como rico. Desejava sempre mais e achava ser esse o motivo de minha permanente insatisfação. Acreditava que se conseguisse determinadas coisas me realizaria, mas quando as tinha em mãos perdiam todo significado, então as trocava por outros valores que a meu ver eram mais preciosos. Com o passar do tempo tudo à minha volta, pessoas e coisas, foram se tornando obstáculos de que necessitava desvencilhar-me, tudo era muito trabalhoso, oneroso e enfadonho. Muitas vezes pensei em abandonar tudo, sair pelo mundo como um andarilho, viver da comoção alheia e procurar alimentos nas latas dos lixos. A vida era muito fácil, não encontrava dificuldade em conseguir tudo que desejava, era só mandar fazer ou comprar o que quisesse. Não gostava de conversar nem de dar satisfação a ninguém, nunca me submeti a horário para levantar, comer, dormir. O mundo e a vida tornaram-se entediantes e insuportáveis. Tudo à minha volta tornou-se abundante, deprimente e supérfluo. Com o passar do tempo, percebi que até minha própria imagem foi ficando distorcida, fiquei velho, gordo, meio torto e todo dolorido.

Não conseguia mais alimentar-me como antes, as comidas tornaram-se insípidas, sem cheiro e sem gos-

to. As noites tornaram-se longas e angustiantes, não conseguia mais dormir, pois, se me cobria, sentia calor intenso, se me descobria, o frio me congelava. O som de músicas, rádio e televisão e o toque do telefone passaram a me perturbar. Instintivamente passei a evitá-los, cheguei até a destruí-los. O latir de cachorros, o canto do galo e dos passarinhos me incomodavam a ponto de desejar exterminá-los. A companhia de mulheres agora não me proporcionava mais nenhum prazer, só me fazia entender o quanto eram usurpadoras e dissimuladas. Passei a detestar cheiro de cigarros, bebidas, perfumes e risadas. Preferia a solidão e a privacidade. Passeios, viagens e badalações me entediavam.

Desenvolvi através do tempo ódio mortal por médicos, dentistas e barbeiros, não podia ver nem ouvir falar em políticos, religiosos ou desportistas. Não suportava mais usar roupa social e calçados de grife me apertando, como se estivessem asfixiando-me. Sempre tive ojeriza a remédios, às vezes preferia suportar a dor. Nada estragava mais meu dia quando era interceptado por alguém na rua, ou quando apertavam a campainha de minha casa para pedir uma esmola, um copo de água ou um prato de comida, dinheiro para comprar remédio para um parente doente. Percebia que se tratava de pessoas desocupadas, preguiçosas e oportunistas. Para me livrar dos indesejáveis me identificava como zelador, dizendo que os patrões não se encontravam, despachava-os indicando o olho da rua e que fossem procurar uma ocupação. Abominava ações humanitárias e não participava

dessas campanhas que aconteciam amiúde para angariar doações para igrejas, hospitais, creches, asilos, vítimas de enchentes, secas ou exilados. Quem nunca ouviu falar em sem-terra, sem-teto, sem-pátria, sem-vergonha, sem-coragem, sem-escrúpulos?

Tinha a minha consciência tranquila, pois poucas pessoas neste país pagavam impostos como os que eu era obrigado a pagar. Tributavam meus rendimentos acionários, minhas aplicações financeiras, tudo retido na fonte, impossível sonegar um centavo. Sem mencionar as alíquotas abusivas cobradas todos os anos sobre meus imóveis, meus carros importados, carros que mal saíam da garagem. Adquiri, quando ainda jovem, o péssimo hábito de colecionar carros de marcas famosas, que com o tempo se tornaram verdadeiras relíquias. Já ouviram ou leram nos jornais sobre o alto índice de roubo de carros valiosos? Impossível assegurar tantos carros. O valor do seguro, um outro assalto oficializado. Preferia deixá-los trancafiados em segurança. Sem falar na obrigatoriedade da declaração de imposto de renda, todos os anos, como se não pagássemos altíssimos impostos sobre tudo que se é comprado e vendido. Não entendo por que dar satisfação do que possuo ao governo, não necessitei de sua ajuda para adquiri-los, nunca recebi nenhum benefício do estado.

Cansei-me de assinar papéis, recolher impostos, decidi desfazer de meus bens, que eram muitos e diversificados, despedi dezenas de funcionários, mudei para uma cidade onde ninguém me conhecia, passei

a andar na rua vestido de short, camiseta, sandália de dedo, um boné na cabeça, usar relógio comprado no camelô, alguns trocados e moedas no bolso, possuía um carro popular para fazer minhas compras no supermercado. Isso tudo para evitar suspeitas, por medo de ser assaltado, sequestrado ou assassinado. Ninguém precisava saber quem eu era, nem o que possuía.

Ultimamente minha maior fortuna estava camuflada em obras de arte, quadros de pintores famosos, verdadeiras preciosidades, cobiçadas por colecionadores internacionais, todos originais legítimos, com certificados de registro, todos com seus valores mínimos estipulados em dólares, compilados e catalogados nas principais listas de obras de arte, encontradas nos principais museus do mundo, adquiridos a peso de ouro em leilões concorridíssimos pelos donos dos maiores acervos do planeta, ou atravessadores abastados. Optei por esse e outros tipos de fortuna para não mais depender de funcionários e me esconder do fisco, evitar tributação a que estão sujeitos todos os bens de serviços e capitais deste país.

Transformei meu único imóvel, minha casa, em verdadeira fortaleza, com câmeras de segurança e alarmes modernos. Somente eu tinha acesso a determinados cômodos, cofres sofisticados guardavam meus certificados e numerários de diversas procedências para realizar transações sigilosas. Quantidades de barras de ouro, em compartimentos secretos de determinados móveis, localizados nesses cômodos privativos, joias raras, produto

de roubos famosos, adquiridas em condições especiais de assaltantes internacionais, através de laranjas. Tornei-me uma espécie de receptor internacional, tudo pago em moeda estrangeira.

De repente me senti doente, uma espécie de ansiedade e depressão começou a me incomodar, fui até um dos melhores hospitais da cidade, dirigindo um de meus muitos carros importados, uma Mercedes-Benz, seminova, onde me internaram. Exigiram um depósito expressivo para cobrir as despesas de internação, pois perceberam que era sozinho e tinha muitos recursos. Contra minha vontade me colocaram num enorme apartamento luxuoso. O tratamento assemelhava-se ao de um hotel cinco estrelas, não sei para que tanto luxo em um hospital, a diária era um absurdo. Os dias foram se passando e não percebia melhora alguma. De repente perdi a consciência e não me lembro de mais nada. Acho que dormi durante alguns anos. Quando acordei o mundo estava diferente, encontrava-me em minha casa, mas não era mais minha casa, tinha sido invadida por muitas pessoas estranhas, homens, mulheres e muitas crianças, todos insuportáveis. Ninguém acatava minhas ordens, penso que não me viam nem me ouviam, minhas coisas todas haviam desaparecido, inclusive meus carros e todos os meus quadros valiosos. Como tinha recuperado a saúde, desesperadamente comecei a procurar meus pertences mais valiosos, não sei dizer por quanto tempo procurei. Encontrei meus quadros expostos em um museu público, como se eu não mais fosse o seu verdadeiro

proprietário, sem minha anuência, tudo à revelia. Meus carros, nunca os encontrei. Inutilmente tentei expulsar os invasores de minha casa, não consegui. Todos ignoravam minha presença.

Acredito que enquanto dormia me trouxeram para esse lugar imundo, horrível. há quanto tempo estou aqui, não faço a menor ideia. Só sei que faz muito tempo e preciso sair daqui urgente para reaver todas as minhas coisas, expulsar a canalha de invasores de minha casa, encontrar meus automóveis de luxo, saber de meus rendimentos, investi-los em mais ações, conferir meus depósitos bancários.

Mas isso é segredo, aqui ninguém pode saber dessas coisas, vão pensar que também estou louco ou mentindo. Penso que aqui são todos bandidos e malfeitores, vadias dissimuladas. Não respeitam a privacidade de ninguém. Preferia ficar sozinho, isolado, pensando numa maneira de sair dessa escuridão e desse lamaçal pegajoso. Em meio a essa balburdia não consigo concatenar minhas ideias direito, tudo é muito confuso, se ao menos essa chuvinha parasse e o dia amanhecesse, a luz do sol me aqueceria e mostraria a saída. Quando isso acontecer, vou sair sorrateiramente, às escondidas, não quero deixar testemunhas, senão me perseguirão e me trarão de volta para esse inferno e ainda zombarão de mim. Devo ter chegado até aqui dormindo, não me recordo como vim parar nesse lugar, a última lembrança que tenho estava tentando desesperadamente expulsar os sem-teto de minha casa.

Ouvi dizer que raramente alguém consegue escapar daqui, desaparece misteriosamente e nunca mais é visto. Acredito que existe uma saída secreta, ando tateando na escuridão procurando, mas isso também é segredo, se descobrirem que pretendo fugir me prendem. Ouvi dizer sobre a existência de um enorme presídio, em que os presos mais antigos têm domínio da situação, submetem os novatos às condições mais torturantes e humilhantes. Isso não suportaria, preferiria matar ou morrer. Por enquanto vou ficar por aqui procurando pela saída e estudando uma forma de recuperar meus bens ao conseguir sair daqui.

Frequentemente nos deparamos com caras novas, todos têm uma história a revelar. Aqui ninguém guarda segredos, falam pelos cotovelos. Uma dodivana estava dizendo que percebeu a presença de sua mãe aqui, disse que estava acompanhada por um médico e enfermeiros, mas não chegou a falar com ela, somente ouviu sua voz dizendo que queria levá-la. Acho que esta mulher está meio maluca, porque disse também que sua mãe era uma mulher muito caridosa, mas tinha morrido há muito tempo. Se ela morreu não poderia estar aqui, penso que todas essas pessoas mentem descaradamente. São tantas histórias, cada uma mais absurda que a outra.

Outro velhote que não conheço direito, e que faz tempo que não o vejo mais, disse-me que seu pai esteve pessoalmente aqui e aconselhou-o a orar a Deus, pedir perdão pelos seus erros do passado e se comprometer a abandonar o propósito de vingança. Esse infeliz con-

tou-me que abandonou sua família, mulher e filhos, há muito tempo, para morar com uma moça nova e bonita que depois de alguns anos de convivência lhe roubou significativa importância em dinheiro e fugiu com um outro mais jovem que ele, agora pretende encontrá-los para trucidá-los. Mas não sabe dizer se seu pai é vivo ou morto. Mesmo assim me disse que pretendia seguir os conselhos paternos. Depois disso, o vi orando por aí como um abestalhado, agora parece que sumiu, deve estar procurando pelo pai. Cada doido com sua mania.

Eu fico na minha, só ouvindo as histórias. Meu pai, minha mãe e meus irmãos não sabem nada sobre minha vida. Acredito que quase todos já morreram. Mesmo que fossem vivos, não me procurariam, eram todos pobres. Não tive mulher nem filhos, nunca quis tê-los, não me fizeram falta até hoje, sempre vivi muito bem sozinho, tenho tudo que preciso, é só sair daqui e reaver tudo que é meu, não roubei nada de ninguém, tudo que consegui juntar foi lícitamente. Onde está a justiça do mundo?

Como estava falando, aqui tem doido para todos os gostos, por isso evito sair falando sobre minha vida, meus negócios, minhas posses. Conversei com um pobre coitado, dizia que até pouco tempo atrás era um político importante, fazia e acontecia, tinha tudo que queria, tinha sido prefeito, depois deputado, até ministro não sei de que pasta, depois por razões políticas foi destituído. Tem hora que penso que estamos em um manicômio, parece que todos aqui são loucos, menos eu que ainda

tenho a cabeça no lugar, não sou louco, apenas estou no lugar errado. Tenho minha casa, não a vendi a ninguém, portanto ainda é minha por direito.

Conheci um baixote que vive propagando que é um padre importante, que tem sua paróquia, que também já fez um monte de coisas importantes, que mesmo às escondidas possui muitas propriedades, registradas em nomes de parentes próximos. Também não sabe como e por que está neste lugar, pensa ter sido trazido por engano, está esperando a igreja tomar conhecimento e vir buscá-lo, acha que foi sequestrado, tudo invenção, conversa fiada.

A verdade é que não se pode acreditar no que as pessoas dizem, aqui a maioria diz ser gente importante, todos dizem ser ricos, outros doutores médicos, doutores advogados, uns empresários, aquele gordo de chapéu branco diz ser fazendeiro importante, e tem mesmo o jeito. As mulheres, a mesma coisa, a maioria madames, atrizes, artistas e senhoras de respeito. Nenhuma delas admite ser traficante, estelionatária, ladra, assassina, vadia ou prostituta. Aquela morena alta e bonita tem um jeito de vadia que não engana ninguém, sabe lá o que já aprontou, mas anda dizendo que é uma artista famosa, só se for artista de cabaré ou filmes pornográficos. Todos deveriam ficar calados e encontrar uma maneira de sair dessa latrina fedida, pelo que sei aqui não há privilegiados, todos estão comendo o mesmo pão que o diabo amassou. Falando no diabo, tem uns aqui que dizem ser o próprio, então existem muitos diabos, tudo excesso de

imaginação, conversa pra boi dormir, estão comendo do mesmo pão que todos estão comendo, ou seja, comendo barro e lama, são as únicas coisas que se encontram em abundância por aqui.

Uma coisa não está muito clara, quem manda nesse cabaré de cegos, isso ninguém sabe, o que sei é que aqui não tem governo, é cada um para si e Deus por ninguém. Falando em Deus, outra piada, tem um barbudo aí que diz ser o próprio, mas foi flagrado se esfregando com uma que diz ser madame respeitada, outro louco varrido. E assim por diante. Só fico ouvindo, uma hora eu escapo e ninguém mais vai me ver. O único que não diz besteiras aqui sou eu. Falar para quê? Para ser tachado de mentiroso ou louco? Quem vai acreditar que tenho mansão, obras de arte, carros importados, milhões em ações na bolsa de valores?! Melhor ficar com minha boca fechada. Como diz o velho ditado, em boca fechada não entra mosquito.

25/08/2019

# Conversa com um Colega Solitário

**A** QUI TEMOS A LIBERDADE de locomover-nos para onde quisermos, mas o cenário é sempre o mesmo, enlameado por onde se vai. Resolvi sair do burburinho dessa corja de pessoas inconvenientes que só sabem vangloriar-se, dizer mentiras e contar vantagens. Necessitava respirar uma atmosfera menos carregada, para que meus ouvidos pudessem ouvir um pouco de silêncio, quem sabe meus olhos enxergar uma fresta de luz do sol, um lugar mais enxuto, onde não esteja caindo essa chuvinha enjoada, onde meus pés pudessem se livrar desta lama insuportável. Mas percebi que esse pântano não tem limites, por onde se anda a mesma chuvinha intermitente, a mesma superfície gelatinosa encharcada, fria e fedida. Depois de andar atolando e tropeçando por aí por algumas horas sem encontrar o

que procurava, resolvi retornar, percorrendo por outros caminhos. Ao passar por um lugar isolado e mais escuro ainda, ouvi um barulho, aproximei-me, percebi o vulto de uma pessoa chorando copiosamente. Achei aquilo muito estranho, porque neste lugar inóspito e hostil o normal é blasfemar e praguejar, chorar é para os fracos, e os fracos certamente aqui não sobreviveriam, aqui é um lugar repleto de chacais, feras e serpentes. Perguntei o que estava acontecendo. A princípio demonstrou não querer falar. Como insisti, interrompeu o chororô e pediu que eu me aproximasse e sentasse ao seu lado. Começou dizendo:

— Acho que não vai acreditar no que me aconteceu.

— Conta-me, quem sabe eu acredite, tenho ouvido tantas besteiras ultimamente, uma a mais, que diferença faz?! Melhor do que ser surdo.

— Há algum tempo tenho a impressão de que uma pessoa tenta falar comigo, mas não permito, tenho medo, então a maltrato com palavras ofensivas, e ela se afasta. Resolvi criar coragem, saber afinal o que queria de mim, roguei em pensamento que viesse e eu a ouviria. Inexplicavelmente, no mesmo instante, apareceu-me. Como estava muito escuro, reconheci pela voz que se tratava de minha santa mãezinha, que faleceu há muito tempo.

— Você também com essa história? Tenha dó. Se já morreu, como poderia vir até aqui? Ela te disse alguma coisa?

— Disse. E quanto mais penso, mais acredito no que disse. Falou-me como antigamente, como se eu fosse uma criança, com o mesmo carinho com que sempre me tratou, quando me ensinou a rezar e me falava dos ensinamentos de Jesus Cristo, sobre as coisas de Deus. Disse que eu não estava mais entre os homens encarnados, que já havia morrido há muito tempo, que agora eu também era um espírito como ela, estava em um lugar de sofrimento, que teria que me livrar de tanta mágoa e ódio, deveria refletir sobre as coisas erradas que havia cometido quando vivo. Finalmente, disse que as Leis de Deus permitem que o infrator se redima de seus erros e se arrependa. Para que orasse com fé em Deus, que o socorro viria me tirar deste lugar. Nesse momento tive uma sensação estranha, não sei por quê, reconheci que era mesmo minha mãezinha, comecei a chorar, nunca tinha chorado antes. Foi aí que uma luz forte iluminou e pude vê-la. Ela se aproximou, abraçou-me como sempre fazia e depois desapareceu.

E voltou a chorar com mesma intensidade de antes.

Nesse momento senti uma emoção estranha. Pela primeira vez, depois de uma eternidade, lembrei-me de minha mãe, tive a sensação de vê-la, uma mulher ainda jovem, mas muito maltratada e sofrida, do mesmo jeito que era quando os abandonei. Estava sorrindo para mim, aquele sorriso me envolveu com uma energia desconhecida que tive a impressão de que o sol tinha voltado a brilhar. Essa sensação teve a duração de uma fração de segundo, aquela claridade intensa ofuscou mi-

nha visão como a luz de um raio, em seguida retornei novamente para o mundo de trevas. Senti uma espécie de medo, deixei aquele lugar rapidamente, precisava refletir com urgência no que acabara de ouvir e em tudo que também experimentei. Tive a impressão de que eu não era mais a mesma pessoa incrédula e indiferente que sempre fui.

À medida que caminhava, relembrava as palavras do homem desconhecido. Será que realmente estávamos mortos? Lembrei-me da imagem de minha mãe sorrindo, certamente minha mãe também teria morrido, nesse momento não pude conter o desejo de chorar copiosamente. Atirei-me no charco imundo e chorei sentidamente pela primeira vez na vida, ou seria pela primeira vez na morte? Enquanto chorava recordações de meu passado afluíam em minha mente e uma espécie de remorso me envolvia, um desejo incontido de saber o que teria acontecido com minha mãe, meu pai e meus irmãos. Comecei a entender o quanto fui ingrato com eles, afinal minha mãe sempre gostou de mim e me tratava muito bem. Somente meu pai, por eu ser o filho mais velho, exigia que eu trabalhasse e lhe entregasse todo o dinheiro que ganhava, dizia que era para ajudá-lo nas despesas da casa.

Por quanto tempo chorei não sei dizer, só sei que todos os acontecimentos de minha vida pregressa vieram à tona e pude avaliar o mau uso que fiz de minha existência. Tive tudo em minhas mãos para ser muito feliz e fazer as pessoas menos infelizes, por sempre possuir

mais do que necessitava. Nesse momento reconhecia que não tinha utilizado o que tive nem ao meu favor nem em benefício de ninguém. Um arrependimento inexplicável exigia que reencontrasse minha família e os recompensasse de alguma forma. Sentia que necessitava chorar, somente minhas lágrimas amenizariam a dor que sentia no coração e me fariam entender quais foram os verdadeiros valores que deixei no mundo. Somente agora entendia que não foram meus bens materiais. Por que somente agora pude compreender o quanto errei? O que teria acontecido com minha família?

27/08/2019

# Uma Descoberta Surpreendente

**D**EPOIS DESSES ACONTECIMENTOS que mexeram comigo, mas não tinha compreendido direito, necessitava reencontrar aquele homem desconhecido e lhe dizer que havia acreditado no que lhe acontecera, como também contar-lhe as coisas estranhas que estavam me sucedendo. Saí à sua procura, encontrei-o ajoelhado em oração no mesmo lugar. Aproximei-me e não contive a emoção. Quando ele se levantou, abracei-o sem entender por que fiz isso. Retribui o meu abraço, senti que se emocionou também com minha presença e minha atitude, então lhe disse:

— Voltei para lhe dizer que acreditei na sua história.

— Então, por caridade, permita que lhe conte toda a minha vida. Saberá a porcaria de pessoa que fui nessa minha existência, preciso desabafar, pois talvez possa me fazer sentir melhor.

— Gostaria também de falar sobre as coisas estranhas que me aconteceram depois daquela nossa conversa, foi por essa razão que resolvi procurá-lo. Mas primeiro vou ouvir o que gostaria de me dizer. Tempo é o que mais temos por aqui.

Pensou por um momento, decidindo o ponto por onde deveria iniciar o relato de sua história de vida, começou dizendo:

— Depois de encontrar minha mãe e pensar muito em tudo que ela me falou, comecei a analisar este lugar e tudo por aqui, acredito realmente que não mais estamos no mundo dos vivos, somente agora percebo os enganos cometidos em minha existência. Tudo começou quando meu irmão mais velho não quis se submeter à autoridade de nosso pai, que de certa forma era muito rigoroso, então nos abandonou quando era apenas um rapazinho e nunca mais apareceu. Levando quase à loucura a pobre de nossa mãe. Competia a mim agora ajudar meu pai, que talvez por essa razão se tornou cada vez mais nervoso e agressivo. Revoltava-se quando via minha mãe se reunir comigo e com minha irmãzinha e ficarmos por horas rezando para que nosso irmão retornasse. Quando completei quinze anos, cansado de ver minha mãe chorar a ausência de meu irmão e para não brigar com meu pai, devido às suas implicâncias com mamãe, deliberei também abandonar minha família e sair pelo mundo procurando por meu irmão e, se possível, trazê-lo de volta.

Não imaginava que seria tão difícil, pois as dificuldades foram surgindo e preferi submeter-me a tudo,

menos retroceder sem ele. Encontrei pelos caminhos grupos de rapazes que estavam na mesma situação, imaginei que nesse ambiente encontraria meu irmão e passei a levar um estilo de vida muito diferente do que fui criado. Rapidamente me enturmei, aprendi a fumar, beber e, pior, roubar. Antes dos dezoito anos já havia frequentado vários presídios para menores infratores. Depois, por influência desses mesmos amigos, comecei a vender drogas e a usá-las também. Durante alguns anos levei esta vida, cheguei até a ganhar algum dinheiro, até ser preso em flagrante com uma quantidade de drogas que não pertencia somente a mim, traficava em parceria com alguns desses amigos. Sob tortura fui forçado a entregar alguns colegas, fiquei preso muito tempo, dessa vez em uma cadeia de verdade, junto com os piores marginais, ladrões, assassinos, estupradores e traficantes. Quando consegui sair, resolvi abandonar essa vida de traficante com medo de ser assassinado por antigos companheiros que haviam deixado a prisão ou dela se evadido.

Aos trinta anos desisti de procurar pelo meu irmão, talvez estaria até morto. Decidi voltar para minha família. Quando consegui localizá-los, meu pai já havia falecido. Depois da morte de meu pai, minha mãe foi morar com minha irmã caçula que já havia se casado e tinha um casal de filhos, mas a coitada de minha mãe estava debilitada e muito doente. Convivi com eles quase um ano, passei a trabalhar com meu cunhado, que era pedreiro, na condição de servente, a saúde de minha mãe só piorando, quando também veio a falecer. Depois

da morte de minha mãe, perdi a vontade de viver, comecei a beber novamente, desentendi com meu cunhado por faltar muito ao trabalho, deliberei voltar para as ruas de uma outra cidade grande, onde ninguém me conhecia. Envolvei-me com pequenos furtos para sustentar meu vício na bebida, isso durante muitos anos. De repente, sem saber como aconteceu, me dei conta de que estava aqui neste ambiente asqueroso.

Há pouco tempo percebi a presença dessa pessoa que parecia estar me seguindo, depois que a conheci entendi que era minha mãezinha em espírito querendo me tirar daqui. A partir desse encontro, passei a orar a Deus para permitir que me levassem para um lugar menos ruim e que pudesse ficar perto dela. Agora sinto que uma transformação profunda vem acontecendo dentro de mim, que não mais me importo em continuar aqui. Reconheço que mereço estar aqui, só não gostaria que ela me esquecesse e me abandonasse.

Nesse momento interrompi a sua narrativa e perguntei.

— Você se lembra de seu nome?

— Me chamo Gerson Rodrigues Teixeira.

Nesse momento uma espécie de arrepio estremeceu todo o meu ser. Então lhe disse:

— Por acaso, seu pai se chamava Jerônimo Alves Teixeira, sua mãe, Ana Maria Rodrigues Teixeira, seu irmão mais velho, Valdemar Rodrigues Teixeira, e sua irmã caçula, Marisa Rodrigues Teixeira?

— Como descobriu o nome de todas as pessoas de minha família?

— Porque sou seu irmão mais velho, Valdemar Rodrigues Teixeira.

Ficamos nos olhando fixamente e, de repente, uma claridade de sol de meio dia nos iluminou, nos abraçamos entre lágrimas e soluços.

Conseguí lhe dizer:

— Meu irmão, me perdoe, sou infinitamente mais porcária que você. Se conhecer a história de minha vida, nunca me perdoará, pois sou o único e verdadeiro culpado pelos seus desenganos.

— Não é possível vir te encontrar justamente neste lugar! Dizem que o mundo é pequeno, realmente agora acredito. Não me importo o que fez de sua vida, mas me conta por onde esteve esse tempo todo.

— Ah, meu querido irmão, se já não fosse um defunto, certamente o arrependimento e o remorso me matariam neste momento. Sou o ser mais abjeto que pisou sobre a terra. Naquele nosso encontro também vi nossa mãe, apareceu-me sorrindo, desde então deixei de ser eu mesmo e senti uma compulsiva necessidade de chorar. Quanto mais choro, mais compreendo a ingratidão que cometi com todos vocês. Depois de sua revelação meu desejo é morrer de verdade, não vou suportar tanta culpa me castigando.

— Meu irmão, sabe orar? Quando entendi que estava morto, senti essa mesma dor, comecei a orar a Deus, como recomendou nossa mãezinha, e imediatamente senti que estava sendo ajudado. Quanto mais rezo, mais aliviado sinto.

— Gerson, meu querido irmão, pelo amor de nossa mãezinha, ensine-me a orar a Deus, pois eu não O conheço. Ajude-me, pois não estou suportando tanta angústia e remorso.

Nesse momento, Gerson pegou em minha mão, ajoelhou-se no chão enlameado e orou:

— Meu bom Deus, este é meu querido irmão Valdemar, que por anos andei procurando nas traiçoeiras e enganosas ruas do mundo e agora, graças aos Seus desígnios, o encontro neste abençoado lugar, para que juntos possamos compreender as verdades que nunca nos interessamos em conhecer, mas graças às Suas Leis Perfeitas permitiram que nossa querida mãezinha aqui viesse e me dissesse que não estamos mais entre os vivos, e que essas mesmas Leis nos permitem a possibilidade de nos redimir de nossos enganos e com Sua permissão deixar este lugar. Se não for pedir muito, gostaria de reencontrá-la novamente para dizer que finalmente encontrei seu filho e meu querido irmão Valdemar.

Caí de joelhos ao seu lado chorando, consegui dizer entre soluços:

— Meu Deus, sei que sou indigno de pedir a menor coisa que seja, pois já me deu tudo que uma pessoa pode desejar no mundo enquanto vivia e nunca lhe agradei por nada, mas permita que minha mãezinha venha até mim. Necessito ajoelhar aos seus pés e implorar que me perdoe, sou o único culpado por tudo de ruim que aconteceu com a nossa família, depois poderá fazer de mim o que quiser. De seu perdão não sou digno, porque nunca

acreditei que existia, por isso nunca me dignei a procurá-lo. Mas do perdão de minha mãe eu necessito, sabia de sua existência, foi ela que me pôs no mundo e, conscientemente, a repudiei.

Mergulhei a cara na lama e chorei convulsivamente, como nunca havia chorado antes. Enquanto chorava, lembrei-me dos ensinamentos bíblicos que diziam que o mundo era um vale de lágrimas. Ensinamentos que conhecia de ouvir as pessoas dizerem, porque nunca me interessei em possuir uma bíblia para conhecer seus ensinamentos, nunca gostei de ler, principalmente sobre essas coisas de igreja, que falavam da existência de Deus, da salvação da alma, de amar e ajudar as pessoas, de perdoar aos inimigos, de honrar pai e mãe. Mas agora entendo que aqui é o verdadeiro vale de lágrimas, deve ser por isso que o solo é permanentemente encharcado, principalmente depois que descobrimos que não somos mais vivos, que estamos condenados a viver aqui nos recordando de nossas mazelas, dos equívocos e das injustiças que cometemos, e agora não podemos mais consertar nada.

Nesse momento meu irmão me ergueu do chão e disse-me:

— Chorar é o melhor remédio, mas vamos sair daqui. Precisamos conversar sobre muitas coisas, orar juntos e clamar pela presença de nossa mãe, pois ela jamais não nos abandonará.

— Sinto que não virá devido à minha presença. Preciso isolar-me e sozinho suplicar pelo seu perdão.

Quem sabe um dia ouvirá minhas súplicas e perceberá que tardiamente reconheci que fui o pior filho, o pior irmão, o pior ser humano que vagou sobre a terra. O mais cruel, mais ingrato, injusto e perverso. Agora preciso ficar sozinho, meu irmão, tenho ainda que chorar muito, somente depois que secar todas as minhas lágrimas começarei a orar pela clemência de Deus.

— Lembre-se das palavras que mamãe me disse: *“As Leis de Deus permitem que todo infrator se redima de seus erros e se arrependa, que orasse com fé, que o socorro viria.”*

— Eu não as esqueci, é para isso que necessito ficar sozinho. Ore também por mim, meu querido irmão Gerson, preciso que me ajude neste momento tão difícil.

29/08/2019

# Socorro Providencial

**N**ÃO SEI EXATAMENTE QUANTO tempo se passou, o suficiente para expelir até minha última lágrima, estranhamente o solo estava mais encharcado, mas isso não mais incomodava, pois entendera que estava colhendo somente o que havia semeado. À minha maneira aprendi a orar a Deus, adquirir o hábito de vagar orando, era uma forma de me sentir mais aliviado. Fiquei conhecido como o beato maluco que só orava, que ninguém sabia nada de sua vida.

Aquele acontecimento tinha feito desmoronar todo o meu passado de individualismo que sempre prezei, sentia estranha necessidade de compartilhar aquela nova sensação que estava sentindo. Aquelas pessoas certamente não compreenderiam, mas era necessário que vivenciassem experiência semelhante para se convencerem. Em algum momento teriam a oportunidade de compreender. Decidi procurar meu irmão Gerson para dizer que ele estava absolutamente certo e realmente estava com a razão sobre suas conclusões.

Fui até o lugar que costumava ficar, mas, por mais que o procurasse, não o encontrei. Por um momento me senti sozinho, precisava de mais informações. Elevei meu pensamento a ele, percebi que misteriosamente comecei a flutuar, senti que também poderia me locomover, uma força me fazia gravitar e me conduzir verticalmente. Conforme me elevava, ganhava velocidade, deixei-me levar. De repente percebi que estava sendo conduzido para uma região iluminada pela luz de um sol azul e estava chegando a algum lugar. Ao pisar percebi que o solo era diferente, uma espécie de areia fina, azul e seca. Olhei e pude ver a uma pequena distância a presença de duas pessoas. Ao aproximar-me, reconheci meu irmão Gerson, acompanhado de nossa mãezinha. Incontinenti me atirei em seus braços e beijei seu rosto sofregamente. Senti que ela me apertava em seus braços, como a mãe que reencontra o filhinho desaparecido depois de uma eternidade, dando a impressão de que já havia me perdoado, ou melhor, que não necessitou perdoar-me.

Ajoelhei-me a seus pés, olhei em seus olhos e consegui perguntar-lhe entre lágrimas:

— Por que somente agora descobri que sempre te amei muito?

Ela respondeu-me:

— Sempre soube que me amava, meu filho.

Levantei-me, tornei a abraçá-la e beijá-la, dizendo:

— Perdoe-me por tudo, mãezinha.

Sem dizer palavras, sorriu-me da mesma maneira quando a vi, no momento em que encontrei meu irmão

Gerson. Senti minha alma se iluminar de azul neste instante.

Depois, misteriosamente, saímos os três levitando, estávamos abraçados e sentia que estava sendo conduzido. Estávamos nos dirigindo verticalmente para cima, depois horizontalmente, depois verticalmente novamente, mas para baixo em queda livre. Em um período de tempo que não saberia quantificar, avistamos um conglomerado de nuvens brancas que não impediam que ao fundo contemplássemos a superfície esverdeada da terra. À medida que nos aproximávamos, visualizamos uma enorme cidade e sentíamos que a ela nos dirigíamos. Quando chegamos, reconheci o lugar e descobri que estávamos em frente à casa suntuosa onde morei sozinho durante muitos anos. Entramos. No espaçoso jardim agora reestruturado, uma enorme placa com os dizeres: *Fundação Filantrópica Infantil VALDEMAR RODRIGUES TEIXEIRA*. Mais abaixo um texto explicativo informava: “*Esta Instituição é mantida com os rendimentos acionários constantes do espólio do patrono acima. Este espaço tem capacidade para abrigar até 90 crianças, destinado principalmente a crianças órfãs ou abandonadas, até serem adotadas. No momento nesta Instituição residem 68 crianças, de zero a dez anos, aguardando por adoção. Não aceitamos doações*”. Adentramos a enorme residência. A grande garagem, que comportou por muito tempo trinta automóveis de luxo, transformara-se em espaço para recreação das crianças, as duas enormes salas transformadas em sala de aula e escritório, os oito quartos,

dormitórios, uns com muitos berços e outros com camas e beliches, a enorme cozinha continuava sendo cozinha, mas agora com enormes fogões do tipo industrial, geladeiras, freezers e armários. Na enorme área de lazer coberta, localizada na parte do fundo, improvisaram enorme refeitório. No enorme quintal, entre as centenas de árvores frutíferas, a maioria delas por mim plantadas, estavam todas preservadas, entre as árvores instalaram pequeno parque de diversão para as crianças.

Andávamos pelo interior da casa sem sermos percebidos por ninguém, eram muitos os funcionários e um número ainda maior de crianças barulhentas. Todos sobrecarregados, cada um executando sua função, uns envolvidos com os serviços afetos à limpeza e arrumação. Outras tantas preparando o jantar na cozinha espaçosa. E a maioria cuidando, outras brincando com as crianças, umas chorosas e outras sorridentes, professoras, médicas, enfermeiras, babás, entre outros envolvidos com os serviços externos.

Ao passarmos pelo escritório, onde aconteciam entrevistas, uma assistente explicava a um casal de visitantes importantes que o patrono daquela Instituição foi um homem muito rico e bom. Como era sozinho, não deixou esposa, filhos ou parentes, nem testamento. Seu patrimônio foi tombado pelo Poder Público e seus rendimentos transformados em fonte mantenedora das despesas para manutenção da instituição de caridade. Nesses muitos anos, depois de sua morte, havia beneficiado centenas de crianças desamparadas que por aqui

passaram e, sob critérios rígidos, foram inseridas no seio da sociedade sob a tutela de pessoas responsáveis. A maioria delas hoje são adultos e profissionais qualificados e respeitados.

Nesse momento minha mãe me olhou e sorriu como antes, eu apenas abaixei meus olhos e pensei comigo mesmo: "Um homem muito bom".

Sáimos da casa, ficamos parados os três próximos a uma placa no jardim. Eu, mamãe e Gerson olhávamos a imensa quantidade de carros apressados transitarem pela rua agitada da frente da casa, o sol havia se escondido por trás dos prédios do centro da cidade, as luzes da cidade estavam todas acesas, denunciando que aquele dia estava terminando e a noite se aproximando. Nossa mãe passou o braço direito em minha cintura e o esquerdo na cintura de Gerson, no mesmo instante uma força contrária à gravitacional nos impulsionava verticalmente para cima, em velocidade supersônica. Em segundos a cidade era apenas uma pequena luz que de repente desapareceu e a escuridão nos envolveu. Mais alguns instantes, que também não saberia quantificar, entrávamos num outro espaço sideral iluminado da mesma luz azul, indicando que estávamos chegando exatamente ao lugar onde encontrei o Gerson acompanhado de nossa mãezinha naquele início de dia. Sem dúvida, esse foi o dia mais feliz de toda minha vida e também de minha morte.

31/08/2019

# Primeiras Impressões

— **M** EUS FILHOS, agora preciso deixá-los aqui. Gerson já pode ser considerado um membro dessa comunidade e, como sabíamos que logo viria, reservamos um lugar para você. Não esqueçam que aqui é um lugar de muito trabalho e muitos aprendizados, existem muitas pessoas nas mesmas condições de vocês, todos necessitados de tratamento e regeneração, portanto só precisam seguir as orientações dos superiores e perceberão que o sofrimento ficou no passado. Infelizmente é onde o pai de vocês ainda se encontra, mas ele é mais teimoso que vocês dois juntos, está envolvido numa atmosfera muito densa, subjogado por irmãos que o induzem a práticas inadequadas que são refratárias a qualquer tipo de aproximação. Está envolto por forças deletérias que impedem que perceba qualquer tipo de contato, principalmente mental. Infelizmente ele não se desvencilha para facilitar que me aproxime. Pensa e age como se estivesse vivo, ignora que é apenas um espírito sofredor perdido nas trevas.

Abraçou-nos demoradamente e, antes que pudéssemos falar alguma coisa, desintegrou-se e desapareceu. Estávamos

em um lugar desértico, começamos a andar por uma trilha aclive, percorremos pequena distância, chegamos ao ponto mais alto de uma elevação, onde avistamos bem próximo um conglomerado de enormes prédios, todos intensamente iluminados com uma luz azul inacreditável, como se tivessem sido plantados no meio do nada. Aproximamo-nos de uma espécie de porta de entrada, entramos sem nenhum impedimento, nos dirigimos para um prédio menor localizado à esquerda da porta de entrada. Como estava meio inseguro e desorientado com aquele excesso de claridade que feria as retinas de meus olhos acostumados com a escuridão intermitente, Gerson explicou-me:

— Estou alocado provisoriamente neste alojamento, no quarto 75, e você ficará comigo até ter o seu próprio espaço.

Percorremos um imenso corredor enumerado em ordem crescente. Quando chegamos ao quarto do referido número, meu irmão girou a maçaneta e adentramos. Era um apartamento espaçoso e confortável, com duas camas de solteiro, forradas com alvos lençóis azuis.

Então lhe perguntei:

— Porque tudo aqui é azul?

— Devido à luz, tudo reflete ser azul, talvez nem seja.

Como sentou-se na cama da direita, me sentei na da esquerda, e começamos a conversar. Explicou-me diversas coisas, mas tudo suposição, não tinha segurança no que dizia, disse estar ali há pouco tempo, tinha sido trazido pela nossa mãe, não conhecia em profundidade a rotina nem as regras vigentes naquele lugar. Segundo

nossa mãe, permaneceríamos ali por algum tempo, até estarmos aptos para habitar comunidades com fluxo menos fluante, mas era perceptível a paz que o ambiente proporcionava, a maneira respeitosa das pessoas se relacionarem, as conversas eram proferidas sempre em baixo tom, com jovialidade e discrição.

— Onde nossa mãe se encontra neste momento?

— Nossa mãe reside em outra esfera, num plano superior ao que estamos provisoriamente. Devido aos seus méritos pessoais adquiridos, tem acesso liberado a todas as comunidades em estágios inferiores, quase sempre prestando relevantes serviços de orientação, cooperação e socorro.

A sede de conhecimentos começou a fustigar meu espírito com intensidade e desejo de urgência, então voltei a perguntar:

— Sabe me dizer como vim parar neste lugar?

— Não esqueça que sou tão leigo quanto você, mas suponho que nossa mãe, sabedora de suas vontades, como já havia adquirido méritos para deixar aquele lugar, captou seu desejo de encontrar-me e através de meios que desconheço facilitou seu transporte. Enquanto estava a caminho, obtive autorização da administração deste local para que aqui permanecesse provisoriamente até encaixar-nos em lugares apropriados para cada um de nós, porque, segundo ela, também estou aqui de passagem.

Não era possível, agora não sentia somente sede, mas também fome de conhecimento.

— Nosso pai se encontra naquele mesmo lugar onde estávamos até pouco tempo atrás?

Pensou um pouco e disse:

— Jesus Cristo nos falou, através de seus evangelhos, que na casa de nosso Pai existem muitas moradas. Segundo nossa mãe, o espírito de nosso pai habita há meio século em uma das regiões mais inferiores das esferas do umbral, onde as condições de insalubridade física e moral são piores que o lugar onde estávamos. O resgate é mais difícil, devido às vibrações mentais de seus habitantes, que raramente fornecem condições para que sejam socorridos. Nosso pai se encontra dominado e subjugado por entidades poderosas que não permitem que ele se desvencilhe, locupletam nesse ambiente inóspito e nem percebem que estão sofrendo.

— Isso significa que não podemos ajudar nossa mãe?

— Exatamente, ainda não possuímos condições para ajudar a nós mesmos, nem teríamos permissão para isso, mas ela não está sozinha. Espíritos ainda mais preparados que ela participam desse trabalho, que necessariamente é um trabalho de equipe, geralmente de longo prazo. Consiste primeiro em conseguir que o espírito se isole, aí um espírito conhecido dele se aproxime e o convença de que não é mais vivo, mais ou menos como aconteceu conosco.

Com essas explicações percebi que os conhecimentos de meu irmão Gerson estavam muito à frente dos meus.

— Como sabe essas coisas?

— Todos sabemos, já estivemos aqui no plano espiritual muitas vezes. À medida que o tempo vai passando,

vamos nos recordando do que já aprendemos das outras vezes. Você logo também se lembrará, não obstante o seu progresso, está ainda preso a reminiscências da última vida física e da experiência que vivenciou no umbral. Quando se desvencilhar dessas lembranças, começará a se lembrar e entender que todas essas informações possuímos adormecidas. E poderíamos tê-las reencontrado no mundo físico, pois se encontram disponíveis ao alcance de qualquer pessoa encarnada, mas poucos são os que delas procuram se inteirar.

Quando percebeu que faria outra pergunta, antecipou-me dizendo:

— Agora vamos descansar um pouco, como te disse também sou um leigo, tenho muito a reaprender, sugiro que faça uma oração mental de agradecimento por estarmos aqui neste lugar abençoado onde as condições anteriores de sofrimentos e dúvidas não existem mais. Começaremos a compreender as benevolências das Leis Divinas, que permitem que o mais indigno dos réprobos tenha oportunidade de relembrar suas faltas e encontrar a melhor maneira de expiá-las, mas tudo ao seu tempo.

Elevei meu pensamento a Deus, em prece mental:

— Meu bom Deus, sinto-me indigno em dirigir-lhe meus pensamentos, mas gostaria de agradecer-lhe por ter permitido nascer no seio dessa família tão maravilhosa, que devido à minha insensatez somente agora percebi, mas permita que, em conformidade com Suas Leis, eu possa fazer a todos eles o que poderia ter feito nesta existência, o que deliberadamente recusei. Mesmo assim não me abandona-

ram e estão ao meu lado me orientando. Neste momento recordei o momento que em estávamos ouvindo a assistente social dizer para o casal de visitantes: “Por esta instituição já passaram centenas de crianças desamparadas, foram integradas à sociedade e hoje são pessoas de bem”. E minha mãezinha me olhando e sorrindo. Não contive a emoção, comecei a chorar e não percebi quando adormeci.

Esse sono teve a duração que não saberia quantificar. Quando abri os olhos deparei com a paz daquele ambiente iluminado com a luz azul que procedia da estrela solar que aquecia aquele mundo e penetrava pelas frestas da janela do quarto. A cama de meu irmão estava refeita e o alvo lençol refletia o mesmo tom azul da véspera, mas nenhum vestígio de sua presença. Refiz também minha cama, saí do apartamento, percorri o enorme corredor em direção à porta de saída, percebi a presença de muitas pessoas em pequenos grupos conversando no pátio em frente ao prédio. Localizei meu irmão, que veio ao meu encontro e me disse:

— Nesta manhã foi expedida pelo setor de comunicação a informação de que aconteceria uma reunião geral onde seriam divulgadas algumas orientações e possivelmente uma parcela dos habitantes dessa comunidade seria remanejada para outra comunidade. Segundo informações, essas reuniões acontecem com frequência, por ser este local um abrigo provisório, como nossa mãe de certa forma já havia me informado.

03/09/2019

# Processo Seletivo

**N**ÃO DEMOROU MUITO TEMPO e chegava a seguinte informação: deveríamos nos dirigir sem pressa e de forma organizada para o edifício central, mais especificamente para o Centro de Conferências Públicas, onde receberíamos as orientações. Esse espaço era algo indescritível, sem parâmetros de comparação, espécie de auditório espaçoso e confortável, dotado de um sistema de aeração e acústica impecáveis, milhares de seres acomodados em poltronas, todos deleitando a música suave que misteriosamente envolvia aquele ambiente.

Pontualmente, no horário previamente fixado, três membros dirigentes penetraram a tribuna, espécie de palco, localizada acima do nível do auditório, dois deles se sentaram em poltronas, o terceiro, um senhor aparentando ser sexagenário, cabelos parcialmente grisalhos, gozando de plena vitalidade, se posicionou de frente para a multidão e disse:

— Acho que a maioria já me conhece e sabe o motivo desta reunião. Para os que estão participando pela primeira vez, sou o seu irmão, Frei José. Hoje estou acompanhado pela irmã Sônia e pelo irmão Expedito, que a maioria também conhece. Todos sabem que voluntariamente prestamos serviços nesta comunidade há bastante tempo, mesmo em detrimento da continuidade de nossa trajetória evolutiva pelo processo da reencarnação, pois o plano espiritual também necessita de trabalhadores. Estamos prestando nossa colaboração até sermos substituídos por irmãos qualificados que queiram prestar esse serviço tão gratificante. Mas vamos ao que interessa. Venho comunicar que mais uma vez se faz necessário que pequena parcela do contingente deste posto de recuperação, aproximadamente dez por cento, seja remanejada para preencher vagas surgidas em comunidades coirmãs, habilitadas com o processo de reencarnação. Com a transferência desses irmãos surgirão espaço para que os demais se acomodem mais dignamente e possamos continuar recebendo irmãos de esferas inferiores. Como é do conhecimento de todos, a permanência neste posto de recuperação é relativamente curta se comparada às comunidades que gozam da condição a que me referi.

Principalmente para aqueles que estão participando pela primeira vez deste tipo de reunião, a irmã Sonia explicará como se processa essa escolha. É importante que os demais, que conhecem os métodos de avaliação, reflitam sobre as razões pelas quais até o momento não terem sido selecionados. Com a palavra, nossa irmã Sônia.

Irmã Sônia, uma mulher muito apresentável, aparentando quarenta, no máximo cinquenta anos, demonstrava o jeito típico de professora catedrática experiente, pela postura firme de posicionar e comunicar-se:

— Para quem não me conhece, sou a irmã Sônia, faço parte da equipe que acompanha o desenvolvimento evolutivo dos integrantes deste grupo de recuperação. Como bem sabem, periodicamente promovemos a remoção daqueles irmãos que conseguiram atingir nível de conscientização comportamental, que consideramos estar aptos para serem incorporados em ambiente mais promissor, onde terão oportunidade de aprofundar seus entendimentos com referência às responsabilidades inerentes ao mundo espiritual. E assim possam consolidar novos conceitos que possibilitarão entender as vicissitudes dos compromissos afetos à reencarnação, porque nesse futuro ambiente estarão sendo preparados para várias funções, muitas dessas funções em estágios duradouros em regiões do próprio plano espiritual, prestando serviços relevantes de orientação, regeneração, socorro e tantas outras vertentes de contribuições, a que certos irmãos se revelam preparados a executar de espontânea vontade. No entanto, a grande maioria será direcionada para finalidade evolutiva no plano físico, onde lhes serão oferecidos os meios em que poderão ressarcir compromissos contraídos em experiências anteriores mal direcionadas e mal aproveitadas. Muitos de vocês se sentirão injustiçados quando consultarem a lista dos promovidos e não encontrarem sua identificação. Muitos chegam a essa comunidade e consi-

deram que tudo está muito bem, que as coisas acontecerão naturalmente, não se preocupam em aprender, trabalhar, progredir, comprazem-se na mesmice, estacionam por aqui e assistem os novatos empreendedores chegarem e “logo” partirem. O tempo de sua permanência aqui para nós não é relevante, consideramos importantes as transformações que a pessoa internaliza em seu modo de ser e agir, e isto é constatado durante esse período de permanência. É essencial conseguirem compreender onde e por que falharam e o que estão dispostos a realizar para compensar esses equívocos. Saibam que esta metodologia de avaliação é praticada nos estágios dos dois planos, físico e espiritual. Mas nunca é tarde demais para o despertar. As mesmas sábias Leis que permitem promover a ascensão espiritual também os protegem de retroceder. O espírito pode estacionar por um período, mas a tendência natural é que todos deverão progredir continuamente, para isso essas mesmas Leis nos concederam a benevolência da eternidade. De uma coisa poderão estar certos: quanto mais o espírito ascender na escala evolutiva, mais se afastará das regiões e situações de sofrimento. Essa é regra vigente nos dois planos. E que Deus, Nosso Pai Maior, nos ilumine onde estivermos.

Com um sorriso cativante, irmã Sônia encerrou sua explanação e voltou a se sentar. Ato contínuo, irmão Expedito ocupou o lugar antes ocupado por ela, tomou a palavra e começou dizendo:

— Sou o irmão Expedito, iniciarei minha fala por um ponto abordado pelo Frei José e também pela nossa irmã Sônia, pois acredito ser importante para os

que partirão, como também para os que ficarão, quando disseram que o período de permanência neste local é relativamente curto se comparado ao próximo estágio. Muito embora disponhamos a mancheias desse recurso – “O Tempo” –, hoje compreendo que o Espírito humano é por excelência exímio perdulário de tempo. Justifico. Sempre consideramos curtos os períodos de tempo em nossas existências físicas. Todos dizem “*A vida é curta*”, mas esse conceito é relativamente injustificável. Entendo que uma existência longa, em que deixamos de resgatar nossos débitos, não agregamos valores morais, espirituais e intelectuais. Uma encarnação assim, em que quanto mais vivemos, mais dívidas acumulamos, compromete ainda mais nossas passagens pelas regiões do umbral e demais regiões do plano espiritual, porque, via de regra, torna-se mais trabalhoso e demorado o processo de recuperação para nos desvencilharmos das culpas e dos remorsos, que de certa forma emperram o ritmo de nossa trajetória. Uma vida relativamente curta, onde resgatamos e expiamos nossos débitos satisfatoriamente, e ainda agregamos alguns dos valores existenciais anteriormente citados, nos possibilitarão trânsitos menos complicados e mais rápidos por onde passarmos, a exemplo do que acontece nesta comunidade de recuperação. Existem irmãos que perambulam por regiões inferiores durante séculos, necessitam desse tempo, não suportariam uma região menos densa, adquirem essa condição. A Lei é a mesma para todos, não há privilegiados, é cada um segundo suas próprias obras.

Somos os artífices de nosso destino, uns demorarão mais e outros menos, mas todos haverão de chegar, para isso Deus concedeu-nos a eternidade. Quando passamos a conhecer as verdades, nos conscientizamos de que não existem atalhos nem fórmulas para burlar etapas, não há subterfúgios. Essas verdades estão inseridas nas Leis Divinas, conhecê-las e vivenciá-las sempre será o melhor caminho, queiramos ou não. Que Deus nos abençoe!...

Dessa forma estava encerrada a reunião no Centro de Conferências Públicas, muitos se dirigiam ao local onde disseram que estariam fixadas as listas dos nomes dos irmãos que haviam concluído com êxito o estágio naquele abençoado lugar, que agora seria nosso novo lar, até o dia em que nosso nome fosse inserido na lista dos considerados aptos a prosseguir.

05/09/2019

# Reflexão

**C**HEGAMOS ao pequeno prédio localizado à esquerda daqueles que adentram aquele recinto espiritual, diria urbano, percorremos o extenso corredor até o quarto número 75, Gerson abriu a porta e entramos, sentamos em nossas camas, meu irmão perguntou-me:

— O que achou do pronunciamento dos nossos superiores?

— Esclarecedores, entendi perfeitamente quando irmão Expedito disse que somos esbanjadores de tempo. Talvez, se tivéssemos nos instruído e pautado nossas vidas em conformidade com as Leis Divinas, estaríamos em condições de ajudar nossa mãe, resgatar nosso pai de ambiente tão insalubre.

— Ele também disse ser necessário o espírito permanecer nesses lugares inferiores até se despojar de todos os seus maus sentimentos, somente depois poderá avançar. O problema está no modo incorreto que levamos nossa vida terrena, desperdiçamos excelente oportunidade de resgatar nossas dívidas, não quitamos os débitos do passado, adquirimos muitas outras dívidas morais. Envolvidos em juntar valores materiais perecíveis, negligenciamos agregar valores imorredouros, assim nossa situação espiritual vai se compli-

cando cada vez mais. Mesmo assim a benevolência de Deus permite que nos reabilitemos, mas para isso temos que sofrer para aprender. Poderia ser bem mais fácil, infelizmente até agora só compreendemos a linguagem da dor e do sofrimento. Recorremos ao médico e aos remédios apenas quando fustigados pelo agulhão da dor.

— Pois é, meu irmão, sou exatamente esse modelo vivo imprevidente que descreveu, tive todas as oportunidades de resgatar meus débitos e agregar virtudes, mas meu egoísmo exacerbado impediu de deixar ao menos um filho, para gerar meus netos, que gerariam meus bisnetos, e quem sabe um dia possibilitaria meu retorno. Penso que dificilmente conseguirei retornar, deixei todas as portas literalmente fechadas.

— Ah, meu irmão Valdemar, esqueceu que minha situação é exatamente igual à sua?! Mas não vejo as coisas dessa forma. Temos nossa mãe, nosso pai, nossa irmã, nossos sobrinhos e tantos outros parentes que nem conhecemos. Temos também nossos credores, pessoas que prejudicamos, a quem temos dívidas que necessitam ser resgatadas. Nossa capacidade de percepção e imaginação é tão limitada e obtusa que não fazemos ideia dos recursos existentes para que os desígnios de Deus sejam efetivados.

— Obrigado, meu irmão! Como gostaria de ter seu conhecimento, sua fé e sua esperança!

— Você terá tudo isso e muito mais. Esqueceu que Deus nos concedeu a eternidade para compreendermos todas as coisas?!

06/09/2019

# Um Novato Empreendedor

**E** NQUANTO CONVERSÁVAMOS, percebemos alguém bater levemente à nossa porta. Gerson levantou-se, abriu-a parcialmente, identificou nosso vizinho Alcides, do quarto 74, que ficava frontalmente ao nosso, pediu que entrasse e ofereceu-lhe uma cadeira para que se sentasse. Através do sorriso o visitante não conseguia ocultar sua felicidade transbordante. Apesar de trazer os olhos ainda lacrimosos, foi logo se explicando:

— Estou muito feliz, como podem perceber, pois meu nome consta na lista dos que serão remanejados e nosso transporte se dará ainda hoje. Caso aceitem, um de vocês poderá ocupar o meu quarto, assim ficarão próximos.

— Muito obrigado pela preferência e parabéns pela promoção! Este é meu irmão Valdemar, que chegou recentemente. Fico feliz por saber que não precisará se mudar para longe.

Por minha vez, também o parabenizei e, não contendo a curiosidade, perguntei:

— Há quanto tempo está nesta comunidade?

— Talvez eu seja um desses novatos empreendedores, a que se referiu irmã Sônia em seu pronunciamento, pois faz muito pouco tempo que aqui cheguei e já estou de partida.

Como minha sede de informação era insaciável, perguntei-lhe ainda:

— Lembra onde esteve antes de vir para este lugar?

— Muito vagamente. Tenho a impressão de que os últimos meses de minha vida terrena foi muito sofrida. Quando cheguei à minha morada anterior, ainda estava muito doente, fiquei em uma espécie de hospital muito escuro, Tinha certeza de que havia desencarnado, por isso ficava o tempo todo orando a Deus e àqueles a quem deixei no mundo: meu pai, minha mãezinha e meus irmãos. Não me lembro de ter deixado esposa e filhos, pois eu era ainda muito jovem. Rezava para que aceitassem com naturalidade os acontecimentos. Quando me senti recuperado, comecei a ajudar nos cuidados com os pacientes do hospital, consolava-os e os ensinava a orar a Deus e aceitar com resignação a nova situação. Depois devo ter passado por um processo de transição, quando me dei conta estava aqui, insisti até conseguir falar com a dirigente, irmã Rosalina, que me aproveitou em várias atividades, conforme a necessidade. Nunca recusei nenhum tipo de cooperação, esporadicamente vinha até meu quarto dormir umas poucas horas, depois retornava para me ocupar com os afazeres, juntamente com a equipe de irmã Rosalina. Para dizer a verdade nem sei quanto tempo se passou, tudo foi tão rápido. Essa reunião que aconteceu hoje foi a primeira que participei, fiquei sabendo por amigos de trabalho que meu nome constava na lista dos removidos, quase não acre-

ditei, fui até lá e confirmei, aí tive autorização para oferecer meu quarto a quem desejasse. Lembrei-me de ver os amigos entrando juntos neste quarto e percebi que vocês dois são muito próximos um do outro. Achei que gostariam de ser vizinhos, por isso vim oferecer meu quarto, que é tão confortável como este.

Eu estava emocionado com a explanação do amigo vizinho que acabara de conhecer. Pelo pouco que disse sobre sua vida terrena, percebi que se tratava de um espírito bastante evoluído, não necessitou passar pelas regiões do umbral, o carinho com sua família, sua modéstia, resignação e disposição em trabalhar demonstravam seu perfil para trabalhos voluntários, a rapidez com que galgou dois estágios. Denotava se tratar de um espírito merecedor, sem dúvida um exemplo a ser seguido.

— Fico muito agradecido por revelar-nos sua experiência, o modo como aceitou e compreendeu sua nova situação, justifica a razão de ser merecedor de tão meteórica ascensão. Gostaria de ter convivido um pouco mais com você, pois teria muito a nos ensinar. Se meu irmão Gerson consentir, terei a honra de ocupar o seu quarto. Certamente lá me sentirei tão bem como aqui.

Abraçamos aquele amigo e nos despedimos emocionados. Quando Alcides saiu, abracei meu irmão Gerson, não conseguimos conter as lágrimas e choramos como duas crianças. Consegui dizer apenas:

— Como é importante saber aproveitar uma existência!

23/09/2019

# Primeira Tentativa

**S** E NECESSITÁSSEMOS de um incentivo para pôr a mão na massa, arregaçar as mangas para o trabalho, inexplicavelmente Alcides tinha nos proporcionado. No dia seguinte percorremos vários departamentos, em breve espaço de tempo éramos trabalhadores assíduos na labuta da organização e conservação. Eu, que nunca fui muito afeto ao trabalho duro, agora experimentava uma alegria desconhecida, sentia que meu estado de espírito foi se modificando, tornei-me mais comunicativo, rapidamente fui me desvinculando daquelas recordações malfazejas, concentrando minha atenção no trabalho e nos conselhos que ouvia. Minha mente foi clareando, de repente conversava com meu irmão Gerson e não me sentia tão despreparado como quando aqui cheguei.

Conversando com um nosso superior e orientador, conhecido como irmão Olegário, explanamos a difícil situação de nosso pai em regiões de sofrimento, o difícil trabalho que nossa mãe vinha realizando sem conseguir

progresso relevante e nosso desejo em ajudá-la. O que ouvimos modificou nosso entendimento a respeito daquele assunto. Explicou-nos que em algumas regiões espíritos muito purificados encontram mais dificuldades em serem percebidos. Em alguns casos, espíritos mais densos são mais perceptíveis. Gerson perguntou-lhe o que estava tentando nos fazer entender com aquela possibilidade. Disse-nos que se quiséssemos poderíamos aproximar de nosso pai e tentar ajudá-lo.

— Teríamos condições e autorização para isso?

— Não há impedimento para se fazer o bem.

Gerson intercedeu:

— Como faríamos isso?

— Meus filhos, vontade, pensamento e prece.

— Então poderemos tentar?

— Por que não?

Estava deitado em minha cama, pensando em tudo que irmão Olegário havia nos falado, quando Gerson bateu à porta, entrou e disse:

— Vamos tentar ir até onde nosso pai se encontra?

— Será possível isso?

— Vamos tentar.

Sentou-se do meu lado na cama, fechamos os olhos e concentramos. Depois de alguns momentos, Gerson iniciou sua prece dizendo:

— “Nosso bom Deus, gostaríamos que, se possível, nos conceda a graça de podermos visitar nosso pai, esteja ele onde estiver. Como bem sabe, fomos filhos ingratos, desertores, que o desprezamos, quando na

verdade deveríamos permanecer ao seu lado, porque tínhamos compromissos comuns a superar. Sentimos que esses compromissos ainda permanecem e desejamos começar a repará-los, por isso suplicamos que nos coloque ao seu lado, para que saiba que ainda o amamos e desejamos ajudá-lo.”

Uma espécie de sono profundo nos envolveu num sonho, estávamos em uma taberna antiga, homens e mulheres seminus se locupletavam em atitudes libidinosas enquanto sorviam bebidas e fumavam grossos cigarros. O ambiente embaçado pela fumaça asfíxiante não nos permitia reconhecer as pessoas, o cheiro de aguardente impregnava o ambiente insalubre. Aproximávamos das pessoas na tentativa de reconhecer, mas nos afastavam com baforadas de fumaça, arrotos e cusparadas. Gerson encontrou nosso pai sentado sobre um toco rústico, estava bebendo e fumando, uma moça seminua sentada sobre suas pernas, fez-me um sinal apontando, aproximei e o reconheci.

Gerson começou dizendo:

— Meu pai, sou seu filho Gerson e este aqui seu filho Valdemar.

Deu uma sonora gargalhada e disse:

— Não tenho filhos, muito menos filhos barbados.

— Não está nos reconhecendo?

— Já disse, não tenho filhos barbados.

Intercedi usando outra maneira:

— Seu Jerônimo, sua esposa Ana Maria está precisando lhe falar.

— Fala pra Ana ir embora, aqui é lugar de raparigas.  
— Seu Jerônimo, precisamos conversar com o senhor sobre sua família.

— Quem são vocês?

— Somos seus filhos Valdemar e Gerson.

— Meus filhos Valdemar e Gerson são meninos sem barba, ainda não são homens.

— Pai, é porque crescemos, faz muito tempo que não nos vê.

— É verdade. Meus filhos desapareceram quando ainda pequenos.

— Não gostaria de falar com mamãe? Ela está preocupada com o senhor.

— Voltem para casa, daqui um pouco vou também, quero que a Ana me explique essa história direito.

Depois disso não sabemos o que aconteceu, acordamos em minha cama, estávamos muito assustados, abobalhados.

Gerson perguntou:

— Ele não veio?

— Acho que não.

Gerson levantou-se e foi para o seu quarto. Eu fiquei pensando: teria sido um sonho, ou teríamos ido até aquele lugar?!

26/09/2019

# Tentativa Exitosa

**E** NCONTRAMOS IRMÃO OLEGÁRIO, relatamos a ele em detalhes nossa experiência, disse-nos que era assim mesmo, dificilmente no primeiro contato seria possível convencer um espírito de sua real situação, pois tem dificuldade para entender e acreditar. Teria de ser tocado em um assunto ou coisa que o sensibilizasse, mas estávamos no caminho certo. Certamente nossa mãe também teria chegado aonde chegamos, mas a atmosfera densa do ambiente não lhe proporcionava condições de visibilidade para que ele a percebesse. Aconselhou-nos a dar um tempo para ele se lembrar do acontecido e distanciar-se, pois seu isolamento beneficiaria a abordagem.

Passada uma semana, se é que aqui existe esse espaço de tempo, nos reunimos novamente em meu quarto, concentramos, iniciei a prece dizendo:

— “Nosso bom Deus e Pai, sabemos que nos ouve e conhece nossos propósitos. Se for possível gostaríamos de ir novamente até onde nosso pai se encontra para convencê-lo de que necessita se ajudar, para que, por nossa vez, o

ajudem a compreender sua real condição e revelar que ela é transitória, que ele poderá se locomover em direção a uma porta que lhe mostrará algumas verdades que necessita conhecer. Senhor, ajude-nos para que possamos ajudá-lo!”

Chegamos a um lugar descampado onde acontecia um julgamento, estavam decidindo a forma de castigar um grupo que havia contrariado uma norma superior, espécie de tribuna ao ar livre. Nosso pai ocupava um posto entre os julgadores, foram trazidos três réus e colocados em um buraco de um metro de profundidade. Apareceu um carrasco encapuzado, com um chicote de couro trançado, tipo piola, e chicoteou os réus até desabarem no fundo do buraco. Retiraram os três e colocaram outros três no lugar, apareceu outro carrasco também encapuzado, tomou o chicote e passou a golpeá-los fortemente. Estávamos próximos ao grupo de julgadores onde estava nosso pai, reconheceu-nos, levantou-se, foi até o chefe deles, falou em seu ouvido alguma coisa e veio em nossa direção. Imediatamente outro ocupou seu posto.

Chegou até nós e foi perguntando:

— O que querem aqui?

Respondemos quase ao mesmo tempo:

— Falar com o senhor.

— Então me acompanhem.

Enquanto seguíamos, eu pensava se isso seria bom ou ruim.

De repente parou e perguntou:

— Quem são vocês? O que querem comigo?

— Somos seus filhos. Sou o Valdemar, ele é o Gerson. Queremos que o senhor saiba de algumas coisas.

— Vocês não são meus filhos. Meus filhos sumiram quando eram meninos. Eu já sei o que preciso saber, não preciso ouvir mais nada.

— O senhor sabe que já morreu há mais de cinquenta anos? Que nossa mãe morreu há mais de trinta anos? Que nós dois já ficamos velhos e também já morreremos há pelo menos dez anos?

— Morremos e estamos aqui? Cadê a mãe de vocês?

— Estamos aqui na forma de espíritos, meu pai. Não somos pessoas em carne e osso.

Despertamos, estávamos em minha cama, ele de um lado e eu do outro. Gerson levantou dizendo:

— Acho que agora conseguimos.

— Por que acha que conseguimos?

— Agora ele sabe que não é mais vivo, exatamente como aconteceu com a gente. Vai mudar seu jeito, vai começar a pensar diferente e isolar-se. Talvez nossa mãe agora consiga falar com ele.

— Penso que você pode estar certo, pois percebi que estava um pouco mudado.

— Também tive essa impressão.

Passados três dias ouvi conversa no quarto de meu irmão Gerson, era nossa mãe conversando com ele. Fui até lá, abracei e a beijei demoradamente. Estava muito feliz e nos disse que iria contar o que acabara de acontecer:

— Chegamos e encontramos seu pai sozinho, estava escondido. Quando me viu, reconheceu-me, estava

assustado, disse que queriam prendê-lo e julgá-lo, pois o tinham visto falando sozinho justamente no dia em que houve o julgamento. Revelou aos seus companheiros que conversava com os filhos Valdemar e Gerson, que ficou sabendo pelos filhos que não era mais vivo, que havia morrido há mais de cinquenta anos, então o consideraram louco e deveria ser julgado. Se fosse condenado, seria castigado com cinquenta chibatadas, por isso fugiu e não mais queria ficar naquele lugar. Dessa forma o resgatamos e o trouxemos para o lugar onde os encontrei, que é a estação do umbral mais próxima dessa comunidade. Deverá ficar por lá por algum tempo, está convencido de sua nova situação, apesar de não se lembrar nada se seu passado comprometedor. Conseguiu emocionar-se e até chorar, ficou feliz em saber que poderá receber nossa visita a qualquer momento, prometeu não se envolver com os problemas dos moradores de lá. Agora vai refletir como espírito e começar a se lembrar, exatamente como aconteceu com vocês dois. Dependendo de sua evolução, logo poderá vir morar com vocês. Graças a vocês dois conseguimos realizar um trabalho que até então não tínhamos conseguido absolutamente nada. Estamos até pensando na possibilidade de utilizá-los em futuros resgates, quando nossos recursos se revelarem ineficientes.

— Graças a Deus, e ao irmão Olegário, que nos encorajou, quando disse que para se fazer o bem não necessitamos de permissão. Agora estou começando a sentir de verdade a necessidade de melhorar incessan-

temente. Quem sabe um dia poderemos pertencer à mesma equipe de trabalho da senhora!

Gerson concluiu dizendo:

— Ou voltar a ser a mesma família terrena, como já fomos um dia. Mas uma família muito feliz.

Mamãe encerrou:

— Como eu gostaria! Mas tudo ao seu tempo. Saibam que estamos sob a égide de Leis Perfeitas, que devemos obedecer. No momento oportuno seremos convocados a reparar aquilo que deliberadamente comprometemos, mas tempo é do que mais dispomos para avaliar quando e onde falhamos. Novas oportunidades nos serão concedidas, mas isso não é garantia de que venceremos. Que Deus nos abençoe!...

26/09/2019

# O Peso da Cruz

**E** NGANA-SE QUEM PENSA QUE depois da morte nossos problemas cessam, principalmente para uma mãe, que ao longo da vida viveu preocupada com o modo de vida de seu filho caçula. Jorge Luiz, desde criança demonstrava, através de suas atitudes, que não se comportava como a maioria dos meninos de sua idade. Muito diferente de seus dois irmãos mais velhos, que sempre se comportaram devidamente, estudaram sem nunca causarem aborrecimentos, encerrado o segundo grau conseguiram emprego em uma outra cidade, sem dificuldade. Na escola Jorge Luiz se destacava, não como o aluno que tinha facilidade em aprender, mas como o pequeno Jorge Luiz, capaz de causar grandes confusões.

Com os coleguinhas de sala, já havia brigado com a maioria deles, chegava em casa com o uniforme sujo e às vezes rasgado. Com as coleguinhas, tinha o péssimo costume de assediá-las e até mesmo tocá-las com atrevimento. As reclamações chegavam amiúde até sua mãe, dona Luzia. Ela o repreendia, mas o pai, Sr. Sebas-

tião, o apoiava, dizendo que era comportamento normal de criança. Depois da escola Jorge Luiz se ausentava e só aparecia ao anoitecer. Por onde andava, só Deus sabia. O dever de casa ignorava. Não obstante a preocupação permanente de dona Luzia, Sebastião achava tudo muito normal e engraçado. E o menino Jorge Luiz, aos quatorze anos, depois de um sem-número de advertências, expulsões e reprovações, com muita dificuldade, concluía a quarta série do curso primário e estava determinado a encerrar seus estudos. A mãe reconheceu que Jorge não tinha tino para os estudos e permitiu, o pai lhe deu todo apoio dizendo que estudar não era obrigação, mas opção, que Jorge Luiz o acompanharia no trabalho de pedreiro e com o passar do tempo aprenderia a profissão e uma infinidade de outras coisas.

O rapazinho começou a acompanhar o pai ao trabalho, no princípio prestava alguns serviços auxiliares, de repente se ausentava, sem dizer para onde ia, voltava somente no horário do almoço. Sebastião omitia esse detalhe da esposa. Com o tempo deixou de acompanhar o pai. Estranhamente Jorge Luiz sempre tinha seu dinheiro próprio, que usava na aquisição de roupas e calçados de marca. Isso preocupava a mãe, porque ele não esclarecia como conseguia ganhar o dinheiro. Com quinze anos de idade, Jorge Luiz era fumante compulsivo e esporadicamente, quando ia a alguma festa, chegava em casa embriagado. Quando a mãe questionava Sebastião sobre as atitudes do filho, o pai o defendia argumentando:

— O Jorginho é um rapaz esperto e independente, sabe ganhar dinheiro sem trabalhar duro como eu, já é dono de seu nariz.

Aos dezesseis anos Jorge Luiz era um rapaz liberal, não dava satisfação de seus atos. Até que em um fatídico dia foi pego em fragrante furtando um relógio valioso em loja do centro da cidade. Sebastião foi notificado em seu local de trabalho que seu filho estava detido por furto. Muito constrangido, compareceu à Delegacia para menores. Ao ver o filho, perguntou-lhe com lágrimas nos olhos:

— Como aconteceu isso, meu filho?

Jorge se justificou dizendo:

— Foi um engano, meu pai, estava apenas experimentando o relógio para depois comprá-lo.

— Pode ficar tranquilo, meu filho, vou arrumar um advogado e tirá-lo daqui.

— Tudo bem, não estou preocupado, sou inocente.

Sebastião procurou um advogado conhecido, explicou que o filho estava detido, mas tudo não passava de um equívoco, o filho havia sido preso injustamente. O causídico disse que primeiro iria até a Delegacia tomar conhecimento dos autos da acusação, depois revelaria seu parecer. Sebastião foi para casa e comunicou o ocorrido à esposa, mas tentou tranquilizá-la dizendo que já havia tomado as providências para resolver a soltura. Dona Luzia desmanchou-se em pranto, Sr. Sebastião tentava acalmá-la, repetindo as justificativas do filho, fora vítima de um engano. Dona Luzia se atirou na cama

e chorava inconformada. Sebastião não voltou ao trabalho, esperando pelo desfecho da história.

Angustiado, não conseguiu esperar pelo advogado em casa, foi até seu escritório. Não o encontrando, sentou-se em uma poltrona na sala de espera e ficou aguardando. Quase no final do expediente Dr. Américo chegou afoito. Pediu que adentrasse o escritório, sentaram, Dr. Américo foi lhe explicando:

— Sr. Sebastião, a situação é mais complicada que imaginei. As câmeras de filmagem da loja não deixam margem para dúvidas, ele foi pego deixando a loja, caracterizando a intenção de levar consigo o produto do furto. Existem outros agravantes, pois seu filho não estuda, não trabalha, existem outros indícios de que ele vem atuando nessa prática há pelo menos noventa dias. Terá que ficar detido por um período para reabilitação. Nesse momento não posso fazer nada, a não ser acompanhar o caso.

Sr. Sebastião não conseguia disfarçar a vergonha e o sofrimento que lhe corroíam a alma, lembrava a preocupação da esposa quando ela colocava em dúvida a forma estranha como Jorge conseguia seu dinheiro. Levantou-se, agradeceu ao advogado e se despediu. Foram mais de cem dias privado de liberdade. Seus pais o visitavam por meia hora em horário e dia determinado da semana reservado para esse fim. Em todas as visitas, dona Luzia, entre lágrimas, recomendava ao filho a necessidade de se emendar, encontrar maneira decente de ganhar a vida. Ele prometia que não aconteceria de novo.

Até aos dezoito anos Jorge Luiz viveu sob as expensas do pai e da mãe, se recusava a trabalhar com o pai, por considerar aquele trabalho desgastante e humilhante. Sebastião havia mudado sua postura no trato com o filho, evitava conversar, mas quando lhe dirigia a palavra cobrava iniciativas. Depois do episódio da prisão do filho, Luzia e Sebastião perderam o entusiasmo e a alegria de viver, não conseguiam superar a decepção que o filho caçula temporão lhes causara. Sebastião adquiriu desconforto estomacal. Após realizar exames preliminares, descobriu-se que possuía úlcera no duodeno. Ao realizar a cirurgia, detectou-se que se tratava de um tumor cancerígeno. Mal iniciou o tratamento pós-operatório e começaram as complicações, ceifando em pouco tempo sua vida. Dona Luzia, agora sozinha, dependia da ajuda dos dois filhos mais velhos que moravam em outra localidade e já tinham suas respectivas famílias.

Jorge Luiz de repente se mexeu, disse à mãe que iria à luta. Poucos dias depois apareceu com uma motocicleta, sem revelar à mãe o tipo de trabalho que realizava, nem os meios utilizados para obter o veículo. Costumava sair pela manhã e retornava altas horas da noite. Dona Luzia ficava em casa sozinha, parte de seu tempo em orações, pedindo proteção e juízo para o filho. Uma noite, quando dona Luzia se preparava para deitar, bateu à sua porta uma pessoa conhecida, dizendo que Jorge Luiz, o seu filho, havia sofrido um acidente e tinha sido levado entre a vida e a morte para o hospital. Chegando lá tomou conhecimento do que havia acontecido. A po-

lícia suspeitou que a moto dirigida por ele se tratava de produto de furto em cidade vizinha. Interceptado pela polícia para averiguação, evadiu em alta velocidade. Ao furar um sinal, chocou-se em cheio com a lateral de um carro que atravessava o cruzamento, foi arremessado sobre o asfalto e havia sofrido várias fraturas e escoriações.

# A Via Sacra

**C**OMEÇAVA ASSIM A VIA SACRA DE dona Luzia, carregando a cruz pesada rumo ao calvário. Ao todo foram três anos acompanhando dia a dia a recuperação de Jorge Luiz no hospital, depois sua transferência para o presídio, agora na penitenciária para adultos, pois foi confirmada que a moto tinha sido por ele roubada à mão armada em cidade vizinha. Ali passou a conviver com todo tipo de marginal. Nesse pequeno período dona Luzia envelheceu mais de uma década. Jorge Luiz foi posto em liberdade, voltou para casa e passou a viver às expensas da mãe, que por sua vez dependia de seus outros dois filhos.

Pouco tempo depois Jorge Luiz, em liberdade e ociosidade plena, se envolveu com Zulmira e ela engravidara. Era uma moça também irresponsável, que foi morar na casa de dona Luzia. Passados alguns meses, com aquele casal em permanente conflito, nascia Otávio. Dona Luzia dava sinais de que não suportaria muito tempo. Com sua pressão sempre elevada, tinha que pro-

curar o pronto-socorro várias vezes. Em uma noite dona Luzia presenciava uma discussão entre Jorge e Zulmira, que amamentava Otávio na sala. A discussão evoluiu a ponto de Jorge expulsar a concubina da casa da mãe, Zulmira ignorou a expulsão e com palavras ofensivas o fez recordar-se de seu passado de furtos e cárceres. Jorge agrediu Zulmira com palavras indizíveis, fazendo-a lembrar-se de seu passado de safadezas e promiscuidades. Dona Luzia assistia a tudo atônita e paralisada, quando viu Jorge partir fisicamente sobre Zulmira e o filho de três meses que sugava o seio flácido da mãe. Mal viu os três caírem amontoados. Por sua vez também, dona Luzia tombou sem sentido e sem vida sobre o assoalho da sala da casa, vítima de um derrame cerebral fulminante.

# O Calvário

**Q**UANTO TEMPO PASSOU, NÃO sabemos dizer precisamente. Dona Luzia sentia que estava retornando de um sono profundo e demorado, lembrava ela que nesse sono havia revivido uma série de acontecimentos, todos referentes à sua existência, desde que era uma menina quando frequentava a escola, depois sua juventude, depois quando conheceu e se apaixonou por Sebastião, os dois filhos quando pequenos, depois o nascimento de Jorge Luiz, e finalmente toda a seqüência de acontecimentos até o momento em que presenciara a discussão entre Jorge e Zulmira. Quando se sentiu completamente desperta, compreendeu que estava de pé na mesma sala, identificou os poucos móveis que ocupavam a pequena sala de estar de sua casa.

Correu os olhos pelo ambiente um pouco escuro, reconheceu Sebastião sentado num canto do sofá e percebeu que ele dormia. Aproximou-se e tocou-lhe levemente o ombro, Sebastião acordou subitamente e a

reconheceu imediatamente. Levantou-se e se abraçaram demoradamente. Depois se falaram:

— O que faz aqui, Sebastião?

— Eu sempre estive aqui. E você, como está me vendo? Até poucos dias atrás passava por mim e nem me olhava, falava com você e não me ouvia.

— Acho que também morri como você. E nosso filho Jorge Luiz?

— Penso que o levaram preso novamente.

— Por qual motivo, Sebastião?

— Lesão corporal e ameaça de morte. Zulmira o denunciou por agressão e ameaça de morte, contra ela e o bebê. Presenciei quando os policiais o levaram e não mais retornou. Ela se encontra dormindo em nossa cama.

Dona Luiza foi até o quarto que antes ela e Sebastião ocuparam por muitos anos, onde viveram momentos inesquecíveis, porque apesar dos pesares os dois sempre se amaram. Viu Zulmira dormindo abraçada ao pequeno Otávio. Voltou até Sebastião e disse:

— Precisamos encontrar Jorge Luiz para saber como está.

— Não consigo sair daqui, pois lá fora existe uma neblina muito densa e não consigo ver nada.

Dona Luiza foi para fora da casa, observou, voltou e disse a Sebastião:

— Está um pouco escuro e embaçado, mas acho que consigo chegar até a cadeia pública. Você quer me acompanhar ou vou sozinha?

— Se acha que consegue, eu te acompanho.

Saíram os dois de mãos dadas, andando pelas ruas completamente embaçadas pelo denso nevoeiro. De tempo em tempo, cruzavam com pessoas, bicicletas, motos e carros. Deveria ser noite, as luzes dos carros que passavam e dos postes da iluminação pública estavam acesas. Mas eram ofuscadas pela neblina intensa. Em pouco tempo venceram a distância entre a casa de dona Luzia e a penitenciária, umas dez quadras.

# O Novo Lar

CHEGARAM À CADEIA PÚBLICA, no rol de entrada no interior do prédio, três soldados faziam a sentinela, conversavam descontraídos sentados em cadeiras confortáveis, todos fumavam cigarros de papel, impregnando o ambiente na mesma intensidade que a neblina embaçava as ruas. Passaram sem serem percebidos pelos guardas, foram adentrando por um corredor ladeado de celas, cada cela abrigava dois ou três prisioneiros, uns dormiam e outros conversavam. No final do corredor do lado esquerdo, em uma cela iluminada à meia-luz, dois presos sentados em suas camas conversavam. Dona Luzia e Sr. Sebastião pararam subitamente quando reconheceram no preso mais jovem a pessoa do filho Jorge Luiz.

Penetraram através das grades sem dificuldade e o abraçaram entre lágrimas, depois sentaram cada um de um lado do rapaz. Passaram a ouvir o que conversavam. Jorge Luiz dizia:

— Não sei se por causa do que conversávamos, senti uma coisa estranha, como se meu pai e minha mãe estivessem aqui do meu lado.

— Essas coisas não existem, depois que se morre, tudo se acaba. Mas eu gostaria de ter tido um pai e uma mãe como você, pessoas que te apoiaram e te ajudaram. Não cheguei a conhecer meus pais, vivi de casa em casa, sempre aos cuidados de estranhos. Quando senti que podia me virar sozinho, saí pelo mundo e só fiz besteiras. Pra dizer a verdade, lá fora deixei somente a Margarida, que de vez em quando vem me visitar e trazer cigarros.

— É verdade, não posso reclamar de meus pais, talvez se tivessem sido mais severos comigo quando pequeno, agido com mais firmeza, não teria me extraviado. Fui criado da mesma forma que meus irmãos mais velhos, penso que até melhor, e hoje são pessoas de bem, têm empregos bons, esposas e filhos. Acho que até se envergonham de ter um irmão presidiário como eu.

— O que pretende fazer quando deixar a prisão?

— Ainda não sei direito, mas tenho pensado em terminar o que não concluí, acabar com a vida de Zulfira e do menino, pois tenho certeza de que não é meu filho. Eu e ela somos brancos, o menino é quase negro, não pode ser meu filho. Penso que, enquanto aquela mulher viver, não terei paz. Depois vou sumir, ir para uma cidade grande onde ninguém me conhece, fazer um grande assalto e me esconder direitinho. Não me meter mais em confusão e viver tranquilo.

— E você, Zoca, o que pensa fazer quando sair daqui?

— Rapaz, ainda não parei pra pensar, para isso me deram trinta anos, acho que não saio daqui vivo não,

tenho quarenta e dois anos, mais trinta, setenta e dois. Acho que minha vida e meu destino já estão traçados, uma hora me envolvo em alguma confusão aqui dentro mesmo, mato mais uns dois ou três, e também me mandam para o inferno.

— Se quando você se envolver nessa confusão eu estiver por aqui, quero participar também, acho uma boa ideia para solucionar nosso problema. Agora vamos dormir um pouco, antes que comecem a fazer barulho.

Jorge Luiz se levantou, foi até o interruptor e apagou a luz, deitou-se e dormiu. Dona Luzia e Sr. Sebastião ouviram aquele diálogo sem saber em que pensar. Seus corpos haviam morrido, estavam sepultados no cemitério há menos de dois quilômetros daquele presídio, mas seus espíritos estavam envolvidos no drama pessoal do filho que se encontrava completamente emaranhado em trevas. Sentiam que enquanto Jorge Luiz não encontrasse uma solução para superar seu drama, eles não conseguiriam seguir seus cursos como espíritos libertos da carne. Foram até o pátio da penitenciária, sentaram em um banco de concreto, olhavam o firmamento opaco, poucas estrelas cintilavam no céu ofuscado pelo nevoeiro. Seus espíritos estavam bem, não sentiam nenhuma sensação de dor, frio, calor, sede, fome ou qualquer desconforto, somente o remorso castigava seus espíritos. Ficaram meditando e tentando compreender todos aqueles acontecimentos. Enquanto viviam nem faziam ideia de que seriam possíveis.

O dia amanhecia, o sol expulsava lentamente o nevoeiro que pairava sobre a terra, o céu aos poucos

revelava seu azul típico de um dia de outono, funcionários e policiais chegavam e se dirigiam para iniciar suas rotinas de trabalho. A cidade despertava produzindo seu ruído característico, revelando a continuidade da vida, uma multidão de pessoas preocupadas e envolvidas com uma infinidade de coisas mezinhas caminhavam apressadas, não imaginavam que entre elas muitos espíritos libertos do corpo físico também perambulavam tentando solucionar pendências que de certa forma se sentiam impotentes para resolver, por não possuírem os meios materiais, mas suas consciências os prendiam a esses dramas porque também se sentiam responsáveis. Dona Luzia e Sr. Sebastião em espírito deixaram o banco que lhes serviu como dormitório e caminharam em direção à cela onde agora era a residência do filho querido, para acompanhar sua rotina e descobrir uma maneira de influenciá-lo positivamente, encontrar solução para desvencilhar-se da situação indesejável que provocava sofrimento a todos.

Chegaram, penetraram através das grades, se acomodaram em um canto. Zoca roncava em pleno sono, dormia absorto como se fosse um justo. Jorge Luiz já havia acordado, tomado seu café da manhã, fumava avidamente com dificuldade um resto de cigarro, que ora lhe queimava os lábios, outra os dedos, até que descartou a ínfima ponta do cigarro no vaso sanitário. Zoca rosnou mais forte, virou-se e abriu os olhos, deparou com o olhar do colega que o perscrutava, sentado em sua cama a menos de um metro de distância. Ambos sorri-

ram simultaneamente em forma de cumprimento, por ora demonstravam que se entendiam muito bem. Zoca levantou-se, foi ao banheiro, fechou a porta, depois de uns dez minutos puxou a descarga, saiu todo faceiro em direção ao seu desjejum. Sr. Sebastião, que acompanhava seus movimentos, pensava com seus botões: uma vidi-nha meio chata, mas sem muito sacrifício.

Depois do desjejum, Zoca retirou sua carteira de cigarros sob o colchão da cama, ofereceu um ao colega, que meio constrangido aceitou a oferta, acenderam os cigarros usando o mesmo palito de fósforo, sorviam a fumaça como se fosse o fluido vital que lhes permitia continuar vivendo. Jorge Luiz puxou a fumaça por três vezes, apagou seu cigarro e o guardou sob o travesseiro minúsculo. Dona Luzia e Sr. Sebastião observavam tudo e já haviam percebido que o filho não possuía cigarros para satisfazer seu vício e dependia da caridade de outros presos, A dependência do cigarro o martirizava.

Às dez horas da manhã os detentos foram liberados ao pátio, para o banho de sol até as onze horas. Dona Luzia e Sebastião acompanharam os presos e perceberam espíritos de vários matizes que se misturavam à turba de presos. Ficaram comovidos quando viram Jorge Luiz recolhendo pontas de cigarro pelo pátio, vasculhando lixeiras à procura delas. Quando retornaram para a cela, Jorge trazia consigo um punhado dessas pontas de cigarro: as maiores ele guardava e as fumava até queimar seus lábios e dedos, as pequenas, desmanchava-as e confeccionava cigarros com papel encontrado nos

cestos de lixo. Jorge Luiz não era o único que se valia desse recurso. Para aplacar o vício torturante, a dependência era mais forte que ele.

Dona Luzia e Sr. Sebastião passaram a cumprir voluntariamente pena imposta por eles mesmos, junto com o Jorge, na penitenciária pública, pois não conseguiam desvincularem-se do filho preso. Esporadicamente, saíam para uma visita até a antiga residência e por várias vezes encontraram Zulmira acompanhada de um homem negro e forte, em atitudes que confirmavam sem nenhuma dúvida se tratar do pai biológico de Otávio, como tardiamente passou a suspeitar Jorge Luiz. Seus pais, como espíritos, agora conheciam toda a verdade.

# Fim do Calvário

**F**AZIA QUASE OITO ANOS QUE Jorge Luiz havia sido sepultado vivo naquele malfadado presídio, ninguém fora lá para reclamar seus direitos, seu processo certamente teria sido consumido pelas traças ou atirado e esquecido no fundo de uma gaveta de um armário do arquivo morto, no almoxarifado da Delegacia. Jorge Luiz, com menos de trinta anos de idade, estava debilitado, anêmico e depauperado. Os espíritos de dona Luzia e Sr. Sebastião nunca o abandonaram. Eles acompanhavam diuturnamente seu definhamento sem poder ajudar, apenas interceptavam seu espírito em sonho e o consolavam.

Em um banho de sol, Jorge Luiz, fustigado pelo vício, aproveitando um vacilo, se apropriou indevidamente de uma carteira de cigarros do preso mais treloucado e inconsequente do presídio, conhecido por Cavalão. Acabou descoberto e teve início uma confusão generalizada. Quando Zoca viu o amigo sendo atacado pelo agressor treloucado, veio em seu auxílio,

e foi da mesma forma agredido. Ambos se encontravam dominados pelas patadas e coices do agressor animalizado, quando um outro doidivana, conhecido por Serafim, esse com sérios problemas mentais, saiu desferindo golpes com um punhal fabricado artesanalmente. O primeiro a ser atingido foi o agressor animalizado, em seguida, totalmente fora de controle, sem saber o que fazia, apunhalou Jorge Luiz e Zoca, que se encontravam caídos, ambos no peito, morrendo os três quase que simultaneamente. Como o doidivana continuava perseguindo outros detentos com o punhal em riste, um guarda do presídio, na intenção de tentar contê-lo, efetuou um disparo de revólver em sua direção, acertando-o igualmente no peito, que também seria o fim.

Os espíritos de dona Luzia e Sr. Sebastião presenciaram, impotentes, todos esses acontecimentos, tiveram tempo apenas de se aproximarem dos corpos de Jorge Luiz e de Zoca, amparando seus espíritos que com dificuldade rompiam os liames que os prendiam aos seus corpos inertes.

Como por encanto uma força poderosa os envolveu e os fizera flutuar sobre o palco daquele triste cenário. A uma pequena altura, somente os espíritos de dona Luzia e Sr. Sebastião visualizavam uma multidão de presos e policiais se aglomerando em volta dos quatro cadáveres estendidos sobre o piso do pátio da penitenciária. Num raio inferior a dez metros, os espíritos de Jorge Luiz e Zoca estavam como alheios a tudo e se deixavam conduzir por esse turbilhão de forças, em direção a algum

lugar, moradas exclusivas que pululam em quantidade numa outra esfera, destinadas a receber todos os espíritos que encerraram sua missão aqui na Terra. Finalmente os espíritos de dona Luzia e Sr. Sebastião deixariam a condição de espíritos errantes e iniciariam uma nova etapa. O espírito de Sebastião, depois de permanecer encarcerado junto aos vivos por onze anos, e o espírito de dona Luzia, encarcerado literalmente por mais de oito anos, agora finalmente se sentiam livres, pois sabiam que Jorge Luiz estaria sob a égide de leis espirituais que o conduziriam para estagiar em um lugar pertinente, onde certamente receberia o tratamento a que fazia jus.

Os espíritos de dona Luzia e Sr. Sebastião intimamente gostariam de continuar juntos, seria muito difícil para eles uma nova separação, mas certamente estavam sob a égide das mesmas leis e também seriam conduzidos ao tratamento a que faziam jus, do qual não temos conhecimento.

16/02/2020

# Parte III - Lições Para a Vida



# Os Três Amigos do Homem

**U**M PAI DE FAMÍLIA, muito rico e muito honesto, recebeu certo dia uma intimação solicitando sua presença perante o juiz. A intimação não especificava o motivo, simplesmente solicitava que comparecesse perante o magistrado. Então decidiu consultar seus três melhores amigos para que o aconselhassem.

O primeiro amigo ficou surpreso com a intimação e colocou sob suspeita sua conduta, mas disse que o acompanharia até o juiz, apesar de não poder fazer nada para ajudá-lo.

O segundo amigo sugeriu que ele contratasse o melhor advogado da cidade, não importando quanto lhe cobraria pelos seus serviços, para acompanhá-lo e defendê-lo.

O terceiro amigo o orientou a ir tranquilo até a presença da autoridade e se inteirar do motivo da intimação.

O pai de família, muito rico e muito honesto, optou pelo conselho do terceiro amigo.

Quais eram os três amigos desse homem?

O primeiro amigo era a família, o segundo o dinheiro, o terceiro sua consciência.

O homem, quando morre, seu espírito é intimado a comparecer ao tribunal divino para prestar contas. O máximo que a família pode fazer é levar seu corpo dentro de um caixão até o cemitério, colocá-lo em um túmulo e voltam todos para casa, para dar continuidade à vida. O dinheiro o abandona e torna-se impotente para lhe prestar qualquer tipo de ajuda. Sua consciência o acompanha até o tribunal divino e o que ela revelar definirá sua sentença.

# A Consciência

**C**ONTA UMA ANTIGA LENDA que um imperador começou por ordenar seu exército a destruir diversas aldeias assassinando homens, mulheres e crianças, e a saquear todos os bens de valores que encontravam. Com o passar do tempo, esse imperador tornou-se muito rico e poderoso, porém não mais conseguia conciliar o sono. Mal começava a dormir, era despertado com as imagens aterrorizadoras que apareciam em sua mente, referentes aos massacres que seu exército praticara. Consultou um curandeiro que o recomendou a dormir sobre um leito todo forjado a ouro. Não sabia ele que o curandeiro intencionava destruí-lo. Em pouco tempo as alucinações foram se intensificando tanto que o levaram à loucura.

Conta outra lenda que um bárbaro sanguinário da antiguidade havia cometido tantos crimes e horrores, adquirindo um sem-número de desafetos, que o faziam temer ser assassinado pelos inimigos enquanto dormia, por isso adaptou em seu quarto um espaço onde colo-

cou dois tigres selvagens para protegê-lo. Certa noite os tigres romperam os mecanismos de segurança que o protegiam e o devoraram enquanto dormia.

Outro general calejado pelas batalhas que havia perpetrado em sua carreira de militar bem-sucedido, onde perdera a conta do número de adversários que havia trucidado a golpes de espada, só conseguia dormir em uma espécie de sarcófago, que mandou construir para esse fim, pois somente dessa forma se sentia protegido das perseguições que o afligiam. Em uma noite sentiu-se asfixiado e paralisado pela escassez de oxigênio, chamou por socorro, gritou, mas não foi ouvido, e morreu sufocado.

De quantas preocupações inúteis e ridículas se cercam os tiranos e pecadores! O único travesseiro que proporciona um sono calmo e perfeito ao cristão é a consciência tranquila. Felizes e poucos são aqueles que conseguem manter a sua consciência sempre imaculada.

# A Fé e as Boas Ações

**E**XISTIA um canoeiro que transportava pessoas de um lado para o outro de um pequeno rio. Em sua pequena embarcação havia dois remos, em um deles estava gravada a palavra “FÉ” enquanto no outro estava gravada a palavra “AÇÃO”. Um passageiro relativamente instruído, procedente de uma grande cidade, ao perceber a singularidade dos nomes atribuídos aos remos, quis saber a razão daqueles nomes. O canoeiro tomou o remo Fé e começou a remar com força, o barco rodopiava e não saía do lugar. Depois pegou o remo AÇÃO, remou com força do lado direito do barco, ele girava à direita em torno de si e não avançava, remava à esquerda, rodopiava à esquerda e não saía do lugar.

Pedi ao passageiro para que entrasse no barco, empunhou os dois remos e remou forte, um de cada lado do barco, a embarcação aprumou em direção ao outro lado do rio e rapidamente efetuou a travessia. Mal teve tempo de explicar ao passageiro a citação bíblica que instrui aos cristãos que a FÉ, sem o concurso da AÇÃO, é morta. Acrescentou ainda outro ensinamento: Que a FÉ, por si só, não pode nos dar a salvação. “Nem todo aquele que disser “*Senhor, Senhor meu DEUS*” será salvo, mas aquele que fizer a vontade de meu Pai.”

# Verbos e Advérbios

**G**RAMATICAMENTE FALANDO, Verbo é toda palavra que exprime aquilo que fazemos, nossas ações. Advérbio, palavra invariável que expressa uma circunstância do verbo, ou seja, a forma como executamos nossas ações. Penso que DEUS olha mais o modo como realizamos nossas ações do que propriamente para nossas ações. Qual a razão de tão singular preferência?

O ato de realizar as coisas não deixa de ter sua importância. DEUS, no entanto, considera mais importante a forma e nosso estado de espírito no momento em que estamos executando essa ação. Quando realizamos as coisas movidos por interesse particular, por uma obrigação imposta, por necessidade das circunstâncias, para impressionar as pessoas, já aquinhoamos a recompensa.

Quando realizamos as coisas voluntariamente por amor às pessoas, pelo prazer de ajudar alguém, pelo desejo de ser útil, quando sentimos satisfação pessoal em estar realizando aquela ação, sem visar qualquer tipo



de recompensa, em tudo que realizamos – no trabalho, nas relações, nas devoções, nas orações –, elas se tornam mais meritorias aos olhos de Deus.

A frequência com que fazemos acaba por se tornar uma característica pessoal, incorporando em nossa forma de ser e agir. Definindo assim nosso perfil e personalidade. Isso é o que importa.

# Quem Fala o Que Quer, Ouve o Que Não Quer

**E**XISTIA UMA FAMÍLIA bem numerosa em que a matriarca octogenária fazia questão de que no Natal todos de sua família se reunissem em sua casa ou em ambiente condizente para realizarem a confraternização do nascimento de Jesus, com a ceia de Natal na noite que antecedia o dia 25 de dezembro.

Dona Maria, apesar de não se declarar explicitamente seguidora dessa ou daquela religião, denotava convicção em sua fé em Deus, através de suas atitudes com referência às coisas Divinas e no trato com o semelhante, principalmente com os necessitados.

A família numerosa, formada por quatro gerações, seguidores de diversos segmentos religiosos, católicos, evangélicos e espíritas, nesse encontro se interagiam em um único sentimento natalino, deixavam de lado as

peculiaridades de suas crenças e se uniam no mesmo clima de fraternidade.

Era de praxe nessa confraternização, antes da ceia, realizar a troca de presentes, através de brincadeira conhecida como amigo oculto, em que cada participante dava uma recordação a alguém e, por sua vez, também recebia algo, tudo em clima de alegria e cordialidade, com direito a tecer comentários e considerações sobre o amigo, que havia sido definido através de sorteio sigiloso.

Em um desses eventos, realizado em uma chácara, de propriedade de um membro da família, em espaço fechado condizente, tudo transcorria em perfeita harmonia como era tradicionalmente realizado esse encontro, que tinha dupla finalidade: reunir a família em torno da matriarca e comemorar o nascimento de Jesus.

Antes do início da ceia era também tradição um participante ler uma mensagem alusiva ao aniversariante ou fazer um comentário de improviso com a mesma finalidade. Depois coletivamente faziam a oração do Pai-Nosso e cantavam parabéns ao aniversariante. Terminado esse ritual, um genro da matriarca tomou a palavra e decidiu fazer um infeliz e desnecessário comentário:

— Aqui presente se encontra pessoas de muitas religiões, penso que todos acreditam em Deus e em Jesus, mas quero que todos saibam que particularmente sou ateu e não acredito em nada disso – e encerrou seu discurso.

A matriarca Dona Maria, que nunca havia se pronunciado coletivamente, resolveu também fazer seu comentário a respeito do que acabara de ouvir:

— Fique sabendo que aqui nesta chácara você não é o único ateu. Existem cavalos, vacas, porcos, galinhas e muitos animais que também não acreditam em Deus.

O orador inoportuno retomou a palavra e decidiu expor sua réplica perguntando:

— A senhora está me comparando aos irracionais?

A matriarca octogenária lhe respondeu, com educação e sabedoria:

— De modo algum. Bem sei que os irracionais, embora não tenham a felicidade de conhecer nem adorar o Ser Supremo, não têm, todavia, a imprudência de vangloriar-se disso.

O ateu convicto se sentiu desconsertado e inteligentemente decidiu encerrar a contenda, por sentir que seus argumentos certamente o colocariam em situação ainda mais comprometedora.

O ateu, na obsessão em que vive, procura convencer os outros para persuadir a si próprio.

Quem pode negar Deus diante do céu estrelado ou diante da sepultura de um ente querido é muitíssimo infeliz ou muitíssimo culpado.

# O Crente e o Ateu

**U**M ATEU CONVICTO OUVIA uma preleção pública, proferida por um pastor evangélico sobre a existência de Deus e seus poderes. Terminada a explanação o ateu se dirigiu ao pastor e lhe propôs um desafio em público:

— O nobre amigo demonstra possuir convicção sólida a respeito da existência de Deus. Aceitaria debater comigo sobre este assunto em público? Posso convicção contrária a esse entendimento. Penso que seria interessante as pessoas avaliarem as duas correntes de pensamento.

O pastor pensou e respondeu:

— Aceitaria com uma condição: eu convidaria cem pessoas que em algum momento de suas vidas foram beneficiadas por acreditarem em Deus, em sua existência e em seus poderes. Você traria para assistir o debate apenas dez pessoas que ao longo de suas vidas foram beneficiadas por não acreditarem em Deus e em sua existência.

O ateu ficou pensativo e nada lhe respondeu. Certamente pensava onde poderia encontrar alguém que havia obtido um benefício por não acreditar em Deus.

# A Cruz Mais Leve

**C**ONTA-NOS UMA ANTIGA LENDA que depois do fatídico e trágico episódio da flagelação de Jesus Cristo, em que foi obrigado a conduzir sobre os ombros o infame madeiro em forma de cruz até o local onde foi crucificado, muitos convertidos ao Cristianismo recebiam uma cruz, e juntos, cada um conduzia sua cruz, através de longos caminhos até o lugar onde ocorreu o ignóbil martírio.

Um jovem convertido, junto com outros peregrinos, conduzia sua cruz em direção a Jerusalém. No entanto, o peso da cruz que lhe fora confiada o torturava e o obrigava a parar para descansar de vez em quando. Em pensamento ele se lamentava: “*Que* má sorte a minha! Devo ter pegado a cruz mais pesada”.

Em uma pousada, levantou-se durante a noite, foi até o local onde estavam guardadas as cruzes, sopesando uma a uma, e separou a que lhe parecia mais leve. No outro dia reiniciaram a caminhada. Depois de caminhar por algum tempo, percebeu que ninguém se dizia prejudicado com a troca. Só então verificou que a cruz que ele escolhera por ser a mais leve de todas era justamente a sua.

# O Saber

**E** NSINAVA UM PROFESSOR:  
Saber somente por saber significa curiosidade.

Saber para que todos pensem que é um sábio significa vaidade.

Saber para vender aquilo que aprendeu significa interesse.

Saber para edificar o próximo significa caridade.

Saber para edificar a si mesmo significa prudência.

Conhecer profundamente a ciência envaidece.

Procurar conhecer profundamente a Deus enobrece.

A verdadeira perfeição consiste unicamente nas disposições do coração.

Recusar-se a saber e conhecer significa cultuar e apreciar a ignorância.

Uma das principais razões de nossa existência é a aprendizagem.

# O Homem Feliz

**E**XISTIA UM REI QUE TINHA SOB seus domínios um verdadeiro império de bens, que fazia dele um dos homens mais ricos daquele país. Seu castelo construído no ponto mais elevado de uma colina, na região central de sua vasta extensão de terras, abrigava um harém de esposas e um sem-número de serviçais, que conservavam a residência real na mais perfeita ordem. Ele ocupava seu tempo inspecionando o complexo de instalações que permitia o funcionamento de uma infinidade de atividades produtivas, que geravam receitas para manutenção, conservação e ampliação do conglomerado real.

Gostava de contemplar do platô mais alto do castelo a dimensão e a diversidade de plantações cultivadas por um exército de vassalos, que se perdiam ao alcance dos olhos. Mas esse monarca possuía uma peculiaridade bastante incomum, era extremamente infeliz. Seu maior desejo seria encontrar e vestir a camisa de um homem que se considerasse plenamente feliz. Por mais de uma vez pes-

quisou na população de seu reinado e nunca encontrou um homem que o convencesse de possuir esse atributo.

Deliberou sair incógnito pelo mundo à procura desse homem feliz. Indistintamente, conversava com todos e não deixava de perceber em algum escaninho de seus sentimentos um resquício de insatisfação. Estava quase a ponto de desistir, voltar para casa e concluir que a felicidade completa não existia.

Encontrou ao acaso um pescador sentado em um banco, ao lado de seu barraco, às margens de um belo rio, e resolveu entrevistá-lo e conhecer seu grau de satisfação com relação à vida que levava.

À medida que conversava com o pescador, ia se convencendo de que havia encontrado o homem que se dizia feliz em tudo, que pela forma como se revelava não deixava nenhuma dúvida. A vida para ele era um verdadeiro paraíso, a simplicidade em que vivia lhe proporcionava satisfação plena em tudo, nada o contrariava, vivia sozinho, tinha bons amigos, não lhe faltava nada do que julgava necessitar, não mandava, também não tinha necessidade de obedecer a ninguém. Em tudo que o rei o questionava, declarava estar satisfeito com o que dispunha. Depois de uma longa conversa, o monarca estava convencido de que não encontraria outro homem mais feliz do que aquele pescador. Solicitou que lhe entregasse uma camisa para vesti-la, pois esse era seu desejo. Mais surpreso ficou quando o pescador lhe revelou que não possuía nenhuma camisa, que nunca havia usado uma.

# Queimar o Barco

**E**XISTIA uma pequena ilha marítima afastada do litoral onde seria construído um presídio destinado a abrigar condenados recapturados que tinham o hábito de evadir de presídios localizados em terra firme e por esse motivo dificilmente cumpriam integralmente sua pena.

Concluída a obra, uma leva de presos fujões juntamente com uma equipe de guardas e carcereiros embarcaram com destino ao presídio da ilha. Chegando lá, depois do desembarque e de descarregarem os insumos destinados à manutenção de todos por um longo período, o comandante ordenou que queimassem o barco, afastando dos presos qualquer pensamento de possibilidade de regresso.

Assim também devemos proceder: quando iniciamos qualquer empreitada em nossa vida, devemos queimar o barco que possibilita nosso retrocesso. Quem empunhar o arado e olhar para trás certamente se trumficará. Devemos perseverar em nossas decisões, pois a



inconstância e a indecisão não permitem que resgatemos nossas dívidas.

Dessa forma também devemos agir quando encontramos a religião que atende nossas necessidades. A religião ideal é aquela que fortalece nossa fé, responde a contento a todos os nossos questionamentos.

# O Livro de Deus

**U**M ANCIÃO MUITO TEMENTE a Deus certa noite teve um sonho muito estranho: viu um anjo que trazia nas mãos um livro muito grosso. Sentou-se na cama, perguntou ao anjo o que continha naquele livro tão especial. O anjo lhe respondeu:

— Neste livro consta o nome de todas as pessoas que amam a Deus.

O velhinho, muito sensibilizado, perguntou-lhe:

— Seria possível verificar no livro se consta meu nome?

O anjo respondeu-lhe:

— Perfeitamente! Como se chama?

O velhinho, muito emocionado, disse:

— Meu nome é Manoel Caetano.

O anjo prestativo consultou o grosso livro e respondeu-lhe:

— Infelizmente esse nome não está no livro.

— Então peço que inclua meu nome na relação daqueles que amam os seus semelhantes.

O anjo escreveu e desapareceu.

Na noite seguinte, o velhinho tornou a sonhar. Neste sonho aparecia um outro anjo, todo envolto em luz, e também trazia nas mãos um grosso livro. Sentou-se na cama, perguntou ao anjo o que continha naquele livro tão especial. O anjo iluminado lhe respondeu:

— Neste livro consta o nome de todas as pessoas a quem Deus muito ama.

O anjo abriu o livro e Sr. Manoel Caetano pôde observar que seu nome era o primeiro de todos.

# Ingratidão Filial

**O** SENHOR JUVENAL, com mais de setenta anos de idade, viúvo, vivia em sua fazendola, na companhia do único filho ainda jovem chamado Alcides e de um velho escravo chamado Salvador. Alcides alimentava um velho sonho de deixar o pai e o Brasil, ir concluir seus estudos na capital de um país europeu, mas, para que isso fosse possível, necessitava da concordância do pai e de recursos financeiros, para mantê-lo pelo menos por um período de seis anos.

Sr. Juvenal argumentava que nada disso era necessário, era seu único filho, o que possuía lhe asseguraria um futuro tranquilo, não gostaria de viver os últimos anos de sua vida sem a presença do filho. Alcides discordava do pai, se considerava muito inteligente, não queria para ele aquele insignificante modo de vida.

O pai, para não contrariar o filho, concordou. Alcides foi estudar em Londres e por lá ficou sem retornar por quase uma década, todo esse tempo às expensas do pai. Pouco se comunicavam.

Quando retornou ficou sabendo que seu pai havia morrido, na fazenda encontrou apenas o velho escravo Salvador. Antes de morrer Sr. Juvenal mandou lavar um testamento confiando todos os seus bens em favor desse escravo. Fez constar em uma cláusula do testamento, caso um dia seu filho Alcides retornasse, que seria permitido a ele escolher da rica propriedade apenas um bem.

Quando leu o testamento, Alcides ficou muito revoltado por considerar que seu pai o havia deserdado e cometido uma grave injustiça, pois ele deveria ser o único herdeiro. Como protesto decidiu que abriria mão da migalha que seu pai lhe concedia. Arrumou um emprego e passou a odiar a memória do pai.

Passados alguns anos, também morria o velho escravo Salvador. Como não havia herdeiros, todos os bens retornaram por direito a Alcides, pois o próprio Salvador fazia parte das propriedades do espólio.

Alcides, refletindo mais tarde, percebeu como havia sido ingrato com a memória do pai e tão pouco inteligente. Percebeu que o velho Juvenal, quando mandou redigir o testamento, pensou: *“Meu filho é muito inteligente, certamente escolherá a Salvador. Sendo proprietário de Salvador, conseqüentemente será dono de tudo.”*

*Fim*



Em anexo:

# Quadrado Tetrabólico de 1.600 casas

A soma dos quarentas valores das colunas horizontais, verticais e transversais, são equivalentes. Os números obedecem a uma sequência de zero a 1.600, sem serem repetidos, estão embaralhados aleatoriamente, confira.

839	838	837	836	685	834	833	832	831	500	829	828	827	826	825	824	823	822	821	1500
701	<b>682</b>	683	684	835	686	687	688	689	1590	698	692	693	699	694	696	697	691	695	860
759	758	<b>757</b>	756	1475	754	753	752	751	1550	749	748	747	746	745	744	743	742	741	900
601	602	703	<b>604</b>	365	606	619	608	609	580	611	612	1013	614	585	616	617	618	603	1300
679	678	677	676	<b>675</b>	674	673	672	671	870	669	668	667	1491	665	664	663	662	1461	1340
521	522	523	524	528	<b>526</b>	537	525	529	690	531	532	533	535	534	536	527	538	539	740
599	598	583	596	595	594	<b>593</b>	592	591	660	589	588	597	586	615	584	497	582	581	670
441	442	443	444	445	446	447	<b>448</b>	449	1455	454	452	1513	451	215	456	457	458	459	1530
519	540	503	516	515	514	517	512	<b>511</b>	460	509	508	507	1306	505	504	418	502	501	518
361	362	363	364	421	366	372	368	369	<b>350</b>	375	367	373	371	374	376	377	378	379	510
439	438	435	436	605	434	433	432	431	530	<b>429</b>	428	427	426	295	424	423	422	437	110
281	282	283	278	285	287	286	288	209	850	291	<b>292</b>	293	214	425	296	1097	1099	1098	330
359	358	277	356	355	354	1453	352	342	245	349	348	<b>346</b>	345	315	344	340	351	341	343
201	202	357	204	45	1075	122	1008	1004	1130	211	212	213	<b>347</b>	935	216	217	262	981	1090
1079	284	207	274	206	273	1456	272	271	210	269	268	267	266	<b>310</b>	264	263	218	261	1440
121	127	117	124	128	126	276	112	130	129	131	132	1333	1335	1390	<b>1336</b>	1337	1334	1339	1338
199	198	197	196	275	194	193	192	191	370	189	1388	1387	1386	1385	1384	<b>1383</b>	1382	1419	1380
41	42	46	44	195	47	943	48	49	290	51	1492	1493	1495	1494	1496	1497	<b>1498</b>	1499	942
119	1058	123	116	95	114	113	125	111	40	109	108	107	106	105	1304	1303	1301	<b>1302</b>	1360
1581	1582	1583	1584	1588	1586	1587	1585	1598	610	1595	1592	1597	1591	1594	1596	1599	1589	1593	<b>260</b>
19	18	12	16	22	14	13	15	11	150	9	1548	1538	1546	1545	1544	1563	1539	1381	<b>990</b>
1481	1482	1473	1484	755	1486	1537	1488	1489	1490	1466	74	1253	55	4	5	24	2	<b>59</b>	1220
1559	1271	1557	1556	1555	1554	1553	1552	1551	1060	1549	52	7	6	1465	1464	1459	<b>1462</b>	1541	1080
1401	1402	1343	1404	1485	1016	1417	1408	1409	770	1411	1412	1547	1414	54	3	<b>56</b>	8	1221	160
1479	1478	1477	1476	1325	1474	1483	1472	1471	1410	1469	1468	1467	186	1315	<b>1416</b>	1407	1418	136	50
1310	1322	1323	1324	1305	1326	58	1370	1329	1321	1331	1312	133	137	<b>135</b>	134	139	138	182	265
1399	1393	1397	1396	1395	1394	1398	1392	1391	1071	1389	183	187	<b>666</b>	1260	188	185	181	661	1255
1250	302	1248	1244	1245	1246	1247	1243	1249	830	1251	1252	<b>53</b>	1254	184	1256	1257	1258	299	551
1319	1318	1313	1316	1415	1314	1317	1332	1311	1170	1309	<b>1308</b>	1307	506	1405	104	103	102	1	790
1161	1162	1163	1164	1155	1166	1177	1148	1151	1241	<b>1171</b>	1172	1144	1179	1065	1176	1167	1178	1173	101
1219	1320	1236	1238	1235	1233	1237	1234	1231	<b>270</b>	1228	1226	1227	1229	1225	1224	1223	1222	78	1232
1081	1084	1083	1088	1002	1086	1087	1082	<b>1089</b>	1150	1091	1092	1093	1030	1094	1096	280	298	1259	297
1169	1168	1157	1156	1165	1154	32	<b>1158</b>	1159	1050	1149	1153	37	1143	1112	1141	1146	1145	1147	980
991	1005	1003	994	995	1406	<b>1007</b>	208	289	1180	1014	1011	613	1009	985	1047	1006	969	1020	700
279	1069	1077	1076	1078	<b>205</b>	97	1054	1061	1019	1063	1072	1017	1059	1175	1042	1064	1018	1067	760
919	922	923	926	<b>925</b>	929	924	916	939	938	934	931	933	936	1015	965	937	1068	932	600
999	988	997	<b>996</b>	1085	1001	993	998	1012	590	989	983	987	992	455	984	986	982	219	1045
841	842	<b>849</b>	844	851	869	843	845	846	1330	854	818	853	852	810	866	847	780	879	20
921	<b>911</b>	904	917	912	868	913	908	909	90	914	902	907	915	920	910	1095	928	918	240
<b>763</b>	950	768	773	779	769	774	766	767	761	771	776	764	750	772	775	778	855	777	1203



739	734	737	719	1110	738	735	731	721	736	732	568	567	726	733	725	722	718	727	<b>1292</b>
681	782	716	784	1035	786	787	788	789	1100	791	792	793	794	1125	783	717	723	<b>714</b>	1480
659	647	657	655	641	654	656	649	652	1160	653	658	651	642	1540	643	644	<b>646</b>	648	1575
461	702	607	705	704	706	707	708	709	1295	1510	1432	1433	1438	1279	796	<b>798</b>	797	799	1328
1379	1378	1377	1376	1375	574	573	569	571	0	572	710	729	566	1435	<b>30</b>	1038	563	562	728
621	252	623	624	1420	633	1427	1439	1429	1425	631	634	632	626	<b>1424</b>	1436	1437	1428	1445	1444
499	498	587	496	465	1294	1293	1240	1284	1289	1287	1291	1288	<b>1286</b>	1290	1285	1283	482	481	1192
541	548	543	546	542	544	547	545	1349	1358	1215	1368	<b>453</b>	1511	1470	1356	1367	1362	1350	1580
419	417	513	403	1212	1214	1216	1213	1202	1207	1201	<b>1195</b>	1185	1209	1280	1204	1200	1206	1208	1211
781	1262	1263	1137	1352	1270	1347	1138	1189	890	<b>1273</b>	1272	1275	1194	895	1268	1277	1278	1558	1505
1131	1120	1136	1266	1265	1134	1133	1127	1269	<b>1264</b>	1129	1123	1135	1126	1514	1132	1119	1121	1124	1198
381	1188	1187	1184	1186	1190	1183	1199	<b>1139</b>	480	1351	1182	1353	1354	1365	1196	1197	1525	1205	1191
259	1450	1460	416	1515	1454	1457	<b>353</b>	1451	1449	1448	1458	1446	1452	294	1434	1447	1443	1441	1000
1101	1508	1506	1430	1026	1519	<b>1507</b>	1502	1569	390	711	1570	1193	406	232	1516	31	1128	1503	620
979	978	977	176	1564	<b>1374</b>	1373	1345	1372	1560	1369	1355	1366	1359	203	1371	1357	1363	1361	840
1021	1034	1023	1442	<b>645</b>	974	975	1364	1052	1033	1032	1022	1040	1025	976	1036	637	1037	1122	115
899	948	893	<b>896</b>	945	897	141	888	891	650	901	889	1113	884	894	885	882	1572	635	409
940	954	<b>43</b>	944	785	960	946	898	957	820	951	949	952	941	485	947	956	958	959	953
1066	<b>118</b>	1055	1056	1051	1057	1074	1053	1049	640	1029	1528	1527	1522	1521	1524	1520	1523	1518	450
<b>61</b>	17	149	64	35	85	63	72	120	300	89	68	62	66	795	77	83	180	67	57
<b>1561</b>	1413	1566	1565	1531	1567	1543	75	1533	520	26	930	87	154	29	560	564	1282	1281	720
1534	<b>1562</b>	1487	1542	163	1536	1532	1568	159	28	151	25	153	27	886	157	155	312	309	387
1463	622	<b>235</b>	256	325	175	253	328	389	680	311	258	380	244	10	247	401	246	168	156
301	1342	1103	<b>1344</b>	172	1346	1267	254	242	960	308	222	237	230	80	636	257	148	881	329
579	578	577	96	<b>489</b>	144	158	1348	171	555	164	177	169	317	630	166	165	21	179	440
1426	1422	1423	1024	420	<b>1421</b>	627	628	629	1140	231	815	724	712	1327	316	314	558	236	713
1299	1298	864	576	1276	93	<b>892</b>	146	71	968	91	877	488	484	550	475	476	162	320	813
1341	1242	383	360	238	318	557	<b>1535</b>	549	1230	575	152	466	554	561	553	556	397	408	306
1239	1218	1217	1104	865	414	227	492	<b>321</b>	490	395	407	402	326	404	400	239	639	411	730
1261	391	559	468	473	464	333	474	470	<b>880</b>	234	467	478	471	415	486	477	462	463	60
339	337	384	323	324	392	305	307	336	1010	<b>1529</b>	396	73	966	1115	332	303	229	23	410
1181	801	338	331	65	491	388	412	319	905	472	<b>322</b>	887	386	98	394	1118	1142	962	1526
39	1174	34	38	1105	36	33	1152	69	469	385	1048	<b>393</b>	1043	249	1044	1046	883	1039	200
1501	226	1403	1400	715	248	413	228	251	304	1431	313	1102	<b>225</b>	625	241	1512	250	233	927
99	88	1073	973	961	1027	1028	972	971	161	970	552	1070	94	<b>1297</b>	92	81	86	479	1574
221	224	223	1041	220	1116	1108	1111	1107	243	1109	967	1031	1114	255	<b>1106</b>	398	382	82	430
140	142	174	1296	906	143	494	327	493	1509	495	70	399	1274	1210	964	<b>963</b>	1117	955	638
167	178	145	190	173	334	79	76	1504	335	1571	1517	1576	1578	147	1573	1579	<b>1062</b>	1577	100
812	405	857	876	848	807	814	874	800	84	816	565	819	811	875	806	817	804	<b>805</b>	803
859	802	903	878	858	871	809	872	862	483	861	856	873	863	487	808	867	765	762	<b>570</b>



